

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA
ASSUNÇÃO**

Aluno: Ubirajara Gonçalves
Orientadora: Doutora Irmã Maria Freire

A IGREJA DOMÉSTICA A PARTIR DA LUMEN GENTIUM

**Dissertação de mestrado em
Teologia na Pontifícia
Faculdade de Teologia Nossa
Senhora da Assunção sob
orientação da Professora
Doutora Irmã Maria Freire.**

SÃO PAULO

2008

Índice

Introdução	05
Capítulo I Elementos preliminares	07
1. Conceito geral do termo família	07
2. A influência da Pós-modernidade na sociedade e na família	10
2.1. A influência paradigmática do sistema de mercado sobre a família	11
2.1.1. A valorização do individualismo	11
2.2. Impactos diretos ou indiretos da Pós-modernidade sobre a família	13
2.3. A pluralidade e a subjetividade religiosa	14
3. A complexidade intraeclesial e a família	15
4. Os valores humanos evangélicos que estruturam a família	16
5. Pronunciamento do Papa Bento XVI no Brasil sobre a família na América Latina	17
6. Abordagem dogmática sobre a Igreja doméstica	19
6.1. Dimensão ontológica da Igreja doméstica	22
6.2. Dimensão existencial da Igreja doméstica	27

6.3.	Dimensão social da Igreja doméstica	31
6.3.1.	Dimensão social da família como modelo para a sociedade	33
6.4.	Dimensão ecumênica da Igreja doméstica	35
6.5.	Dimensão escatológica da Igreja doméstica	37
6.6.	Dimensão doxológica da Igreja doméstica	39
Capítulo II A família no Concílio Vaticano II		43
1.	A comunidade eclesial como família de Deus	43
1.1.	A família na comunidade dos discípulos	47
2.	A importância da família para a Igreja e para a sociedade	48
2.1.	A dignidade da família e de seus membros	52
2.1.1.	A dignidade da criança na família, na Igreja e na sociedade	54
2.1.2.	A dignidade eclesial e social da mulher	55
2.1.3.	O valor da juventude	57
2.1.4.	A necessidade de garantir a dignidade da pessoa anciã	59
Capítulo III A família a partir da Lumen Gentium		61

1.	A Igreja na evangelização através da família	62
1.1.	A família como sujeito e objeto de evangelização	68
1.1.1.	A família e o Serviço	68
1.1.2.	A família e o Diálogo	69
1.1.3.	A família e o Anúncio	70
1.1.4.	A família e o Testemunho da comunhão	71
2.	A família que celebra como Igreja	74
2.1.	Eucaristia e Matrimônio como expressão do mistério pascal na família	76
3.	A diaconia da Igreja doméstica	78
4.	Alguns aspectos da Igreja doméstica na Familiaris Consortio	84
4.1.	Conhecer a realidade com discernimento evangélico	84
4.2.	A família é uma comunhão de pessoas	88
4.3.	A Igreja doméstica no mistério da Igreja	89
4.4.	Solicitude eclesial nas diversas situações	90
5.	Eclesiologia de comunhão e a família na perspectiva da Christifideles Laici	94
5.1.	A Igreja doméstica: família em comunhão	95

5.2. A Igreja doméstica em comunhão orgânica nos diversos carismas enfrentando diversos desafios	96
6. A figura de Maria na vida da Igreja e na vida da família	102
6.1. Maria como modelo de Igreja e como modelo de família à luz do Documento de Aparecida	102
6.1.1. Maria como modelo de identidade e dignidade da mulher na família, na Igreja e na sociedade	104
Conclusão	106
Fundamentação bibliográfica	108
Anexos	116
Siglas	138

Introdução

Ao propor o estudo sobre a família no campo disciplinar Eclesiológico nos faz lembrar que não podemos esquecer os desafios e as dificuldades enfrentadas por grande número destas famílias, dificuldades que, muitas vezes, constituem obstáculos para a sua plena vivência eclesial: fragmentação familiar, desemprego, exclusão social, iniciação insuficiente para o matrimônio, formação de opinião pública em torno do aborto, divórcio e tantas outras dificuldades que atingem cada membro desta comunidade familiar como a mulher, a criança, o adolescente e o jovem e também o ancião e a anciã. Ao refletirmos sobre a família numa perspectiva teológico-eclesial queremos resgatar no campo disciplinar da eclesiologia e na própria praxe eclesiológica da Igreja a sua identidade. Com o Concílio Vaticano II abre-se um novo horizonte iluminado pela *Lumen Gentium* para o surgimento de um aprofundamento sobre a dimensão comunitário-eclesial da família, que tem o amor e a comunhão como sinal característico. É na *LG* n.º 11 que encontramos a grande referência “Igreja Doméstica” a qual está inserida na Grande Família de Cristo: a Igreja. A partir daí surgem vários Documentos Oficiais da Igreja (alguns citados em nossa bibliografia) relacionados à família; outras disciplinas já trabalham sobre a questão da familiar, sendo isso, fruto da ação conciliar. Porém acredito que no campo disciplinar da eclesiologia pode-se fazer também um estudo, que poderá contribuir para novas pesquisas num aprofundamento mais amplo sobre a família no campo dogmático.

Não temos a pretensão de elaborar um estudo que abarque todas as questões que envolvem a família nos seus diversos aspectos (embora isso fosse o ideal),

porém temos algumas pistas que poderão abrir os horizontes para a sistematização de uma teologia da família como Igreja doméstica, como sugere o Documento de Puebla.

“Enriquecer e sistematizar a teologia da família, para lhe facilitar o conhecimento e o aprofundamento como Igreja doméstica, com o objetivo de iluminar as novas situações das famílias... deverá considerar-se a família como sujeito e agente insubstituível de evangelização e como base da comunhão na sociedade.”¹

Para isso, traçamos o seguinte método de estudo: no primeiro capítulo comparamos algumas definições sobre o conceito de família segundo o modelo apresentado por cada autor. Em seguida tentamos contextualizar a família diante das transformações sócio-econômicas do tempo presente. E para finalizar este capítulo quisemos fazer uma abordagem dogmática sobre a Igreja doméstica a partir das fontes oferecidas pela teologia dogmática (Tradição bíblica, documentos do Magistério e Patrística e alguns autores). No segundo capítulo apresentamos de forma breve a eclesiologia proposta pelo Concílio Vaticano II e a importância da família e de seus membros na teologia eclesiológica deste concílio. Por fim, no terceiro capítulo o estudo é direcionado ao destaque da identidade eclesial da família a partir da *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Pois acreditamos que a teologia dogmática no campo disciplinar da eclesiologia, também tem muito a oferecer a Igreja doméstica.

¹ DOCUMENTOS DO CELAM. *Puebla* 601-602.

Capítulo I Elementos preliminares

1. Conceito geral do termo família

A conceituação do termo família pode ser expressa diversificadamente, de acordo com o direcionamento que fazemos deste objeto de estudo.² Aqui, apresentaremos alguns modelos de família segundo alguns estudiosos da questão familiar. O primeiro conceito de família que apresentamos está na obra do psicólogo Wladimir Porreca, para ele:

*“O conceito família tem sido utilizado para se referir a unidade de reprodução biológica social, criada por laços de aliança, que são instituídos pelo casamento, por vínculos de descendência entre pais e filhos – sejam eles biológicos ou não, – e por elos de consangüinidade entre irmãos”.*³

Segundo Porreca, a família é o agente principal, formador da “*identidade de gênero*”⁴, a qual sofre suas variações conforme o contexto social e cultural de uma sociedade em particular. Conforme W. Porreca, a família está em constante mudança interna e social devido ao individualismo e a competição que assolam gradativamente o “*o familismo*”, que é compreendido como modelo tradicional de família, pelo fato do interesse desse grupo estar acima do interesse individual.

² PORRECA, Wladimir. *Casais católicos em segunda união. Sofrimentos e esperanças*. p. 23.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

Para W. Porreca o modelo tradicional de família é constituído por “pais e irmãos” e o espaço geográfico onde foram socializados, lembrando que Wladimir, apresenta a família como um grupo formado por cônjuges unidos pelo casamento e os filhos. Para ele este é o modelo ideal de família nuclear. Porém, afirma que tal modelo não é o único existente e nem analisado unicamente, pois existem casos variados como uma mãe viúva ou separada ou ainda solteira, que junto com os filhos, vivem a dinâmica familiar, assim como casais recompostos com filhos de uniões anteriores , etc.

Uma segunda definição de família é feita por Eduardo Bonnin, para este autor, a família é constituída por uma “*uma reunião de indivíduos*”,⁵ os quais possuem laços de sangue, moram em uma mesma residência ou agrupamento residenciais, formando estes, uma comunidade de serviço. Os laços de sangue estão relacionados com o sistema vida conjugal, ao sistema patriarcal ou matrilinear, ou seja, laços de parentesco. A casa ou o lar, é o ponto central e a base da vivência familiar, sendo uma comunidade de serviço, a família completa sua integração na responsabilidade assumida por seus membros.⁶

Ângela Ales Bello, em seu texto “*Família e intersubjetividade*”⁷ caracteriza a “*família como uma particular forma associativa*”⁸ Ângela apresenta em seu estudo três maneiras, as quais nos favorecem a compreensão dos diversos modos, dos quais o ser humano pode se unir. No primeiro modelo de associação, os seres humanos são uma integração de corpo, psique e espírito, porém, esta integração pode ser prejudicada quando eles se submetem aos impulsos desordenados e

⁵ BONNIN, Eduardo. *Ética matrimonial, familiar e sexual*. p. 201.

⁶ Ibid.

⁷ MOREIRA, Lúcia – CARVALHO, Ana M. A. (orgs). *Família, subjetividade, vínculos*. p. 83.

⁸ Ibid. p. 98.

também quando só prevalecem seus interesses pessoais para fins egoístas. A segunda forma possível de organização humana é a sociedade. Ela está ordenada através de normas (direitos e deveres) que regem a mesma, porém não é o interesse de todos que prevalece, mas sim os interesses de grupos, sendo que, em tais grupos não existem vínculos pessoais, podendo seus membros serem substituídos.⁹ A terceira forma de associação humana, a qual se pode caracterizar como família, é a comunidade. Nela as ligações pessoais são de grande importância para o grupo, cada membro é parte integrante e insubstituível da comunidade. No seio comunitário, a vida humana tem seu valor preservado pelo fato da pessoa humana estar integrada na mesma comunidade de forma total. Eis alguns exemplos de comunidade: a família (para Ângela, esta ocupa o primeiro lugar de grupo comunitário), a comunidade religiosa, a comunidade eclesial, etc. Segundo Ângela, a família, é o modelo completo de comunidade, pois nela existe a forma mais completa de ligação humana (física, afetiva, emocional e a vida em comum).¹⁰ Dentre as definições acima citadas, preferimos trabalhar com esta última, a qual, a família é como uma comunidade onde cada um de seus membros é parte integrante e indispensável do grupo.

A Igreja reconhece a dignidade e a importância desta comunidade, por isso ela quer que todos os seus membros reflitam sobre a realidade da família,¹¹ pois “a salvação da pessoa e da sociedade humana está estreitamente ligada ao bem estar da comunidade conjugal e familiar” (cf. GS 49). Quando a família é protegida e valorizada em sua dignidade, também a sociedade participará deste valor. A família é formadora da pessoa humana e da sociedade. Apesar das transformações sócio-

⁹ MOREIRA, Lúcia – CARVALHO, Ana M. A. (orgs). *Família, subjetividade, vínculos*. p. 83.

¹⁰ Ibid. 98-99.

¹¹ CANTALAMESSA, Raniero. *A Palavra e a vida*. p. 39.

econômicas que interferem direta ou indiretamente na vida da comunidade familiar, influenciando o convívio familiar.

2. A influência da Pós-Modernidade na sociedade e na família

Mesmo sem definir o conceito de família, Christiane Blank afirma que ela está sujeita as mudanças dentro da história e na sociedade,¹² e é importante que a Igreja procure conhecer as influências que a permeiam em seu contexto histórico e social e os perigos que a cercam,¹³ pois o pós-modernismo traz consigo influências que afetam de diversos modos a família, pois ele traz com sigio alguns valores que estão dissociados da fé cristã e dos valores humanos. Dentre outras influências podemos destacar a pluralidade de pensamentos e a tolerância com eles; o subjetivismo; descrédito com relação às instituições acompanhado do descompromisso social-político; imediatismo (soluções imediatas e a preocupação com o tempo presente) e a crescente influência do pluralismo religioso. Neste caso percebemos a busca de uma religiosidade que não exija comprometimentos sociais, morais ou de fé explícita, mas sim como meio de auto satisfação pessoal,¹⁴ e esta obsessão na busca do auto satisfazer-se faz com que o indivíduo se esqueça do coletivo e não se preocupe com os problemas sociais que atingem diversas famílias (desemprego, moradia, saúde e recurso hospitalar, alimentação, cidadania e as condições básicas de sobrevivência), neste caso a prática religiosa se torna objeto de manipulação e alienação. Por isso queremos aqui citar como exemplo as famílias pobres do terceiro mundo, que o Papa João Paulo II pede uma especial atenção.

¹² BLANK, Christiane E. *Construir o Matrimônio na Pós-Modernidade*. p. 9.

¹³ EXOTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 4.

¹⁴ BLANK, Christiane E. *Construir o Matrimônio na Pós-Modernidade*. p. 10-13.

“Merece também a nossa atenção o fato de que, nos países do assim chamado Terceiro Mundo, faltam muitas vezes às famílias, quer os meios fundamentais para a sobrevivência, como o alimento, o trabalho, a habitação, os medicamentos, quer as mais elementares liberdades.”¹⁵

2.1. A influência paradigmática do sistema de mercado sobre a família

A influência mercadológica sobre o indivíduo, sobre a família e sobre sociedade são marcantes, e os paradigmas econômicos são um determinante de grande influência no âmbito familiar. É necessário conhecer alguns mecanismos que inserem de maneira progressiva sua criteriologia e seus princípios em todos os níveis da realidade da vida humana, até mesmo na vida da família. Para Christiane Blank *“Trata-se de interferências estruturais, que, por meio de uma revolução silenciosa, subvertem os valores da moral cristã”¹⁶* que conseguem alterar o rumo da sociedade e o convívio familiar, tal alteração tem como consequência o individualismo.

2.1.1. A valorização do individualismo

A relação interpessoal está sendo fragmentada pelos novos modelos paradigmáticos que o mercado oferece. Em seu estudo sobre globalização e neoliberalismo, Adriano Sella constatou que hoje, não há interesse pelo bem público, mas para o individualismo ou o corporativismo, cada um busca seu próprio interesse dentro da sociedade, pois na Pós-Modernidade, a idéia principal é que

¹⁵ EXOTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 6.

¹⁶ BLANK, Christiane E. *Construir o Matrimônio na Pós – Modernidade*. p. 18.

homem e a mulher estejam em função da economia e a sua atenção principal esteja voltada ao lucro, e não para a vida humana, ou para a família e menos ainda para o bem comum, gerando assim grande exclusão social.¹⁷ Quem não pode competir no sistema mercadológico estará completamente excluído, ou quem não puder consumir terá o mesmo fim. A estrutura social é pertinente em valorizar o isolamento ou a competitividade que levam a uma atitude egoística entre as pessoas. Adriano Sella também chama a atenção para uma perigosa manipulação da vida humana e da família, através da engenharia genética:

*“Além de todo esse fenômeno da exclusão social, há um projeto de uma apartação não somente social, mas também genética. Isto é, através da descoberta do DNA se descobriu como gera a vida humana. Assim, estão pensando em manipular a vida humana, criando duas humanidades diferentes: aquela dos super-homens (os inteligentes, os bonitos, capacitados, talentosos, os gênios...) e a outra dos homens inferiores (os não capacitados, ignorantes, feios, deficientes físicos e mentais, doentes...)”*¹⁸

Não podemos ignorar este avanço científico que a biotecnologia oferece poderá trazer benefícios para a humanidade, mas também não podemos ignorar a instrumentalização deste meio científico para fins discriminatórios e seletistas. Podemos questionar quais os órgãos civis ou governamentais que terão acesso a tais informações e quais os fins pretendidos. No que se refere á ação biotecnológica em referência ao projeto chamado “*Genoma*”, pode ser utilizado para a prevenção de doença em prol da família e de toda a população humana como também para “a

¹⁷ SELLA, Adriano. *Globalização neoliberal e exclusão social*. p. 35-36.

¹⁸ Ibid.

busca do homem ideal.”¹⁹ Até nos dias de hoje os avanços tecnológicos são consumidos por uma minoria. O que se torna um perigo para a acentuação do racismo e a dominação. Isso não está longe de acontecer. Assim podemos perceber que todas essas mudanças trouxeram graves consequências para a família hodierna, causando impactos relevantes nas suas relações familiares.

2.2. Impactos diretos ou indiretos da Pós-Modernidade sobre a família

As mudanças sociais e culturais trouxeram consequências que afetaram família de forma direta ou indireta. É elevado o número de pessoas que aderem as uniões informais e consensuais sem compromisso duradouro com a pessoa com quem se propõe a viver, também é preocupante o número de divórcios e abortos (sem falar na busca da legalização abortista). Estes problemas que atingem a família são também problemas ético-políticos e econômicos,²⁰ que contaminam a família, através de uma ideologia neoliberal, com a contribuição da mídia que age no meio familiar. O Estado e os organismos públicos recebem interpelações por parte da população e são chamados a darem uma resposta às famílias, que sofrem toda forma de miséria, fome, desemprego, falta de um sistema de saúde, que corresponda às necessidades urgentes da saúde do povo, além das famílias sem condições de vida digna e saneamento básico,²¹ etc. Diante de tais mudanças e do pluralismo de idéias sem um paradigma voltado à pessoa humana e a família, e, diante do subjetivismo que leva ao individualismo, assim, se vê depreciado o projeto de Deus com ralação a família e consequentemente, ela é afetada também

¹⁹ FERNÁNDEZ, Javier Gafo. *10 Palavras em bioética*. p. 208.

²⁰ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. p. 56.

²¹ DOCUMENTOS DO CELAM. *Santo Domingo* 216-218.

na sua vida social, eclesial e religiosa. É percebida uma busca em torno do sagrado, porém com certa indiferença à mensagem doutrinal religiosa.²²

2.3 A pluralidade e subjetividade religiosa

Numa sociedade pluralista e subjetivista, onde o poder econômico, a política e a ciência criaram sua autonomia em depreciação do sentido religioso, “*a religião se viu confinada a um campo específico*”.²³ A sociedade está comportando uma multiplicidade de pensamentos paralelos à tradição cristã. Mesmo que a religião esteja situada num campo específico da sociedade, ela tornou-se pluralidade de crenças, que muitas delas não oferecem a família uma vivência comunitária de fé e de compromisso com o bem comum, gerando assim, uma contínua transição de denominações cristãs, isso pelo fato de se esperar soluções imediatas para os problemas familiares e individuais.²⁴ Surge desta maneira o mercado religioso, o qual também se torna competitivo como o próprio sistema propõem.²⁵ ODiante dessa complexidade em que se encontra a família, a Igreja tem a missão de reconstruí-la para que ela seja realmente o que deve ser: “*comunidade de vida e de amor*.”²⁶ Assim, a Igreja também volta o seu olhar para os problemas que a família está envolvida dentro do próprio seio eclesial. Pois a Igreja é formada por famílias que trazem consigo suas histórias, seus problemas e desafios os quais não podem ser ignorados pela comunidade eclesial, pois afetam também a vida de toda a Igreja. Essas família solicitam à Igreja que as acompanhem em sua trajetória de

²² COMBLIN, José. *Um novo amanhecer da Igreja*. p. 65.

²³ CNBB. *Evangelização e missão profética da Igreja*. p. 48.

²⁴ Ibid. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 20032006*. p. 55.

²⁵ Ibid. *Evangelização e missão profética da Igreja*. p. 48.

²⁶ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 17.

vida familiar.²⁷ Para que tais problemas (pelo menos os mais comuns) não passem despercebidos neste estudo decidimos abordá-los no terceiro capítulo.

3. A complexidade intraeclesial da família

Nos dias atuais se constata que muitas pessoas que vivem uma relação conjugal (o nosso exemplo são também os casais de segunda união) questionam a Igreja Católica em busca de várias respostas para suas indagações a respeito das suas relações familiares. Vanildo Paiva apresenta um questionamento a respeito das famílias que vivem situações diversas em relação aos princípios da moral cristã ligados à família.

“Hoje, são as mais variadas pessoas que vivem juntas que perguntam a Igreja Católica, num desejo profundo de respostas: nós somos família? Que lugar ocupamos dentro da sociedade e da Igreja? É possível fazer experiência do amor de Deus num amor humano que fuja aos padrões tradicionais, fundamentados nas Escrituras, na Tradição e na doutrina moral da Igreja?”²⁸

Não são poucas as pessoas que fazem tal questionamento à Igreja. Hoje há um número considerável de casais em segunda união, famílias recompostas e uniões de fato e outras diversas situações.²⁹ É evidente que a Igreja admite que ocorram rápidas transformações nas diversas esferas da vida do ser humano. Pois as

²⁷ BOURGEOIS, Arnald le. *Questões dos divorciados na Igreja*. p. 97.

²⁸ PAIVA, Vanildo. *Família e Igreja: reconciliáveis?* p. 7.

²⁹ Ibid.

mudanças sócio-econômico-culturais trazem complicações significativas no ambiente familiar, e a Igreja está consciente que ocorreram mudanças até mesmo na maneira de pensar a família, pois a problemática é notória e interpela a Igreja e a todos. Entretanto, mesmo diante desses desafios, a Igreja sempre reafirma os valores que são próprios da família. Porém cabe a toda a comunidade eclesial enfrentar estes desafios sem qualquer resquício de preconceito, ajudando as famílias envolvidas a experimentarem o amor de Deus através da caridade eclesial a partir dos valores evangélicos. Aqui não aprofundaremos a questão, pois, faremos um estudo que tratará sobre tais questões no terceiro capítulo.

4. Os valores humanos e evangélicos que estruturam a família

Diante das influências sociais, econômicas e culturais das quais já mencionamos, vemos que a fragilidade afetou a família e sua estrutura vincular. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, afirma que a família é um fator decisivo para que se possa vivenciar e transmitir as gerações futuras, os valores humanos evangélicos, pois *“a família é o maior recurso para a pessoa, para a sociedade e para a Igreja,”*³⁰ porque nela está contidos os direitos e deveres da cidadania, ela é sujeito na vida social. Por mais simples e humilde que seja o lar, nele são transmitidos os valores morais e religiosos. As primeiras noções acerca de Deus são recebidas através da família. A família é constituída de relações interpessoais, relações de comunhão, de fraternidade, tais relações são caracterizadas como bens próprios, é dom de Deus concedido à comunidade familiar, os quais são transmitidos através das gerações, assim, não podemos

³⁰ CNBB. *Evangelização e missão profética da Igreja*. p. 70

permitir que os poderes econômicos destruam a família, Igreja doméstica, onde a vida adquire seu significado maior em Jesus Cristo³¹ e contribui com a formação humano-ética de cada pessoa nos diversos âmbitos, social e eclesial. A família capacita cada pessoa humana a crescer sempre mais na moralidade e nos caminhos da fé. A Igreja deve proporcionar condições para o engajamento da família para que ela busque o bem comum entre seus membros e na sociedade dentro da grande proposta do Reino de Deus.

Em um de seus pronunciamentos no Brasil o Papa Bento XVI considerou que a família é um dos campos prioritários para a renovação da Igreja, em especial na América Latina.³²

5. Pronunciamento do Papa Bento XVI no Brasil sobre a família na América Latina

Consideramos importante para a Igreja, em especial na América Latina, quando a família é lembrada como prioridade para a sua renovação, por isso, repetimos o pronunciamento do Papa Bento XVI, a cerca da família na América Latina, para acentuar que a família é um valor inestimável para a comunidade eclesial, para a sociedade como um todo e para toda a humanidade. Por isso, nos próximos capítulos que se seguirão, trataremos sobre a família numa perspectiva teológico-dogmática, a partir do tema proposto e este pronunciamento do Papa, reforça os valores da família acima citado como reforçará as reflexões que seguirão.

³¹ CNBB. *Evangelização e missão profética da Igreja*. p. 70

³² *Ibid. Pronunciamentos do Papa Bento XVI no Brasil*. p. 71.

“A família, ‘patrimônio da humanidade’, constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos. Ela foi, e é, escola da fé, palestra de valores humanos e cívicos, lar em que a vida humana nasce e é acolhida generosa e respeitosamente. No entanto, na atualidade sofre situações provocadas pelo secularismo e pelo relativismo ético, pelos diversos fluxos migratórios internos e externos, pela pobreza, pela instabilidade social e por legislações civis contrárias ao matrimônio que, ao favorecer os anticoncepcionais e o aborto, ameaçam o futuro dos povos.

Em algumas famílias da América Latina, infelizmente, ainda persiste, uma mentalidade machista, ignorando a novidade do cristianismo que reconhece e proclama a igual dignidade e responsabilidade da mulher com relação ao homem.

A família é insubstituível para a serenidade pessoal e para a educação dos filhos. As mães que querem dedicar-se plenamente aos filhos e ao serviço da família devem ter as condições necessárias para poder fazê-lo, e para isso tem o direito de contar com o apoio do Estado. De fato, o papel da mãe é fundamental para o futuro da sociedade.

O pai, por sua parte, tem o dever de ser verdadeiramente pai, que exerce sua indispensável responsabilidade e colaboração na educação de seus filhos. Os filhos, para seu crescimento integral, têm o direito de poder contar com o pai e com a mãe, para que cuidem deles e os acompanhem rumo à plenitude de sua vida. É necessária, pois, uma pastoral familiar intensa e vigorosa. É indispensável também promover políticas públicas familiares autênticas que respondam aos direitos da família como sujeito social imprescindível. A família faz parte do bem dos povos e da humanidade inteira.”³³

Porém, não podemos deixar de lembrar que um número considerável de pessoas devido a diversas circunstâncias, não possui famílias ou vivem afastadas delas. *“Muitas dessas pessoas ficam sem família humana, muitas vezes por causa*

³³ CNBB. *Pronunciamentos do Papa Bento XVI no Brasil*. p. 71.

das condições de pobreza.”³⁴ Outras, optaram pela vida religiosa ou sacerdotal, num estado celibatário (e neste estado encontram uma nova família). Para todas as essas pessoas, as famílias (Igrejas domésticas)³⁵ devem acolhê-las como parte integrante delas, principalmente a Igreja, a qual é a grande família de Deus, e deve ser família para todas as pessoas, principalmente os pobres e excluídos.³⁶ Como se percebe, tentamos, em poucas palavras, conceituar o termo “família” e destacar alguns problemas que a desafia, também mencionamos alguns dos valores que a permeiam. A partir de agora vamos delimitar nosso estudo no campo teológico-dogmático para encerrarmos este capítulo com um direcionamento mais específico.

6. Abordagem dogmática sobre a Igreja doméstica

É de nosso interesse fazer esta pesquisa sobre a Igreja doméstica numa abordagem teológico-dogmática e eclesiológica, pois, esta pesquisa deseja apresentar aos leitores o que a teologia dogmática tem a dizer a respeito do projeto de Deus na família, a qual o Concílio Vaticano II chama de Igreja doméstica.³⁷ A teologia dogmática explicitam a Revelação receptada, testemunhada e transmitida pela Igreja. *“Por isso, uma afirmação dogmática aponta para além de si mesma, para o mistério da autocomunicação de Deus em Jesus Cristo.”*³⁸ Esta abordagem é de grande importância para a Igreja para que a família viva cada vez mais a sua identidade eclesial, enriquecida pelo precioso depósito da fé apostólica, o qual identifica e solidifica a eclesialidade da Igreja doméstica. A família traz consigo

³⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 1658.

³⁵ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática lumen Gentium* 11.

³⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 1658.

³⁷ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 11.

³⁸ BRAATEN, Carl E. – JENSON, Robert W. *Dogmática cristã*. P. 64.

este precioso tesouro revelado por Jesus Cristo, transmitido pelos Apóstolos e ensinado pelo Magistério da Igreja. Não somente traz como também o transmite à suas gerações.

A revelação cristã aponta um mistério indizível: O próprio Deus que assume a condição humana e manifesta plenamente a vontade de Deus-Pai para com todas as suas criaturas. A “novidade” trazida por este mistério opõe-se à “antiga escravidão”. A encarnação do Verbo (no seio da família de Nazaré) traz a libertação para uma humanidade escrava do pecado e em poder da morte. Em Cristo, o Pai nos predestinou a sermos filhos adotivos por meio de Jesus Cristo (cf. Ef 1,5), a sermos conforme a imagem do seu Filho (cf. Rm 9,29).

“O que foi transmitido pelos Apóstolos compreende todas aquelas coisas que contribuem para santamente conduzir a vida e fazer crescer a fé do Povo de Deus, e assim, a Igreja, em sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que crê.”³⁹

Conforme sua natureza, a Igreja é consciente e competente para anunciar e proclamar a fé a todos os povos com a autoridade a ela confiada por Cristo (Mt 28,18). A salvação que aconteceu de modo definitivo em Jesus Cristo, é o fundamento que sustenta a “*necessidade de afirmações dogmáticas*,”⁴⁰ pois a Igreja sabe que o evento da salvação é para todas as gerações de todos os tempos, assim ela deve estar pronta para proclamar este evento em cada época que se

³⁹ COMPENDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum* 8.

⁴⁰ O'DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*. p. 15.

apresenta na sua contemporaneidade, e isso ocorre através “*de formulações dogmáticas.*”⁴¹

Coube a teologia dogmática, a tarefa da compreensão e explicitação sobre o significado da fé proclamada pela Igreja (munida da autoridade a ela confiada por Cristo). Mas, “*a Igreja e os teólogos devem continuamente procurar exprimir a fé cristã do modo mais adequado possível, e purificar as formulações de fé de todo resíduo de pecado*”⁴² enquanto caminhamos rumo ao Reino definitivo. Mesmo de modo resumido, vimos que a finalidade da teologia dogmática é explicitar a fé para as pessoas de todas as épocas, mas, como é de nosso objetivo fazer uma abordagem a cerca da família através da teologia dogmática, lembramos que a Igreja doméstica tem a sua identidade eclesiológica fundamentada na Tradição e no Magistério,⁴³ pois ela transmite a fé aos seus membros através do amor e da vivência comunitária, onde a oração, a Palavra de Deus, a vida em comum e o primeiro anúncio da Boa Nova, são a estrutura para a família viver sua dimensão eclesial.⁴⁴ Por isso recorreremos ao Magistério repetindo as palavras do Papa Paulo VI, o qual destaca a importância da família e sua missão como Igreja doméstica no que se refere à transmissão da fé e o destaque de seus aspectos eclesiológicos.

“No conjunto daquilo que é apostolado evangelizador dos leigos, não se pode deixar de pôr em realce a ação evangelizadora da família. Nos diversos momentos da história da Igreja, ela mereceu bem a bela designação sancionada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II: ‘Igreja doméstica’. Isso quer dizer que, em cada família cristã,

⁴¹ O’DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*. p. 15.

⁴² *Ibid.* p. 22.

⁴³ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Decreto apostolicam Actuositatem* 11.

⁴⁴ *Ibid.* *Constituição Dogmática Dei Verbum* 8.

deveria encontrar-se os diversos aspectos da Igreja inteira. Por outras palavras, a família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho se irradia.”⁴⁵

Karl Rahner afirma que a nossa eclesialidade está em sermos comunidade eclesial, com os pecados humanos, na Graça divina, na profissão de fé, na celebração e na vida de comunidade, ou seja, sendo Igreja,⁴⁶ e isso se aplica também à família. Por isso acreditamos que a teologia dogmática oferece os elementos necessários para refletirmos sobre a identidade eclesial da família.⁴⁷ Esses elementos demonstram que a unidade da comunidade eclesial (onde a família está inserida) é a mesma fé comum em Deus que se revelou na pessoa de Jesus Cristo,⁴⁸ fé esta, professada pela Igreja e explicitada pela abordagem dogmática.⁴⁹ Assim, queremos através das seis dimensões da teologia dogmática sugeridas por John O’Donnell (ontológica, existencial, social, escatológica, ecumênica e doxológica),⁵⁰ justificar a proposta de estudo do tema “*Igreja doméstica*” no campo disciplinar teológico-eclesiológico.

6.1. Dimensão ontológica da Igreja doméstica

Deus é a origem de todo o ser. No reconhecimento de Deus, está o centro da fé, sendo Ele a origem e o fim de todo o ser. Em Cristo consiste toda e única

⁴⁵ DOCUMENTOS DE Paulo VI. *Evangelii Nuntiandi* 71.

⁴⁶ RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. P. 452.

⁴⁷ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Decreto apostolicam Actuositatem* 11.

⁴⁸ HAIGHT, Roger. *O futuro da cristologia*. p. 106.

⁴⁹ O’COLLINS, Gerald. *Teologia fundamental*. 251.

⁵⁰ O’DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*. p. 91.

experiência de Deus. “*Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste... pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres*” (Cl 1, 17.19-20^a). Jesus é para nós a revelação do que é a família: imagem da Trindade. Portanto, a melhor maneira de se relacionar com Deus é aprender a viver em comunhão. Criando o homem e a mulher à sua imagem e semelhança (Gn 1,27), Deus forma a família humana, cuja dignidade é igual para todos os seus membros. Ela é comunidade de comunhão à imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo.⁵¹ A Igreja acredita que a família, é imagem de Deus “*que em seu mistério mais íntimo*” é uma família, e, na comunhão da Trindade a família tem sua origem.⁵² A Igreja, através do Concílio Vaticano II fundamentou sua doutrina eclesiológica na família divina da Trindade, a Igreja enquanto mistério participa, pelos méritos de Cristo, do ser da Trindade.⁵³ Jesus nos revelou que “Deus é amor” (1Jo 4,8) e é comunhão. A Igreja está consciente que a comunhão do Pai com o Filho no Espírito Santo é o seu fundamento de unidade⁵⁴, assim, pois, a comunhão eclesial deve ser imagem da comunhão das pessoas da Trindade. A Igreja doméstica é comunhão de pessoas,⁵⁵ é ícone da Trindade.

O Concílio Vaticano II apresenta a dimensão ontológico-trinitária da Igreja numa perspectiva de relacionamento familiar entre a Trindade e a Igreja,⁵⁶ e a família, enquanto Igreja doméstica, participa dessa relação, pois ela é imagem e semelhança de Deus e Nele ela encontra a sua identidade e o seu ser, ou seja, aquilo que ela é.⁵⁷ A narração do livro do Gênesis apresenta o sexto dia como à

⁵¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 2203-2204.

⁵² DOCUMENTO DE APARECIDA 434.

⁵³ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 4.

⁵⁴ SCHNEIDER, Theodor (org). *Manual de dogmática* v2. p. 505.

⁵⁵ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 15.

⁵⁶ Ibid. 39.

⁵⁷ Ibid. 17.

conclusão da criação, a mulher e o homem criados à “*imagem e semelhança de Deus*”. O relato heloísta, quando fala da criação do homem e da mulher, nos faz descobrir a importância da união conjugal e a formação da família (“*Sede fecundos, multiplicai-vos*”)⁵⁸ no Projeto original. Esta relação da mulher e o homem com Deus, os diferenciam das demais criaturas, pois são dotados de inteligência, vontade e poder (“*submeter a terra*” = cuidar dela), assim, em virtude da graça e do amor de Deus, eles participam da natureza divina; desde as origens, homem e mulher, formam juntos, a comunidade familiar, para expressar o amor salvífico de Deus, o qual passa “*pelo bem estar da família.*”⁵⁹

“Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra.’ Deus disse: ‘Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso vos servirá de alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo que rasteja sobre a terra e que é animado de vida, eu dou como alimento toda a verdura das plantas’ e assim se fez. Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia (Gn 1,28-29).”

Deus abençoa e família e lhe dá condições de viver neste mundo com dignidade,⁶⁰ assim a miséria, a exclusão e a pobreza não fazem parte do projeto de Deus e sim da ganância humana. Por isso, é necessário garantir esse bem estar da família. A desigualdade social afeta seriamente a estrutura familiar.

⁵⁸ Cf. Gn 1,28.

⁵⁹ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Gaudium et Spes* 470

⁶⁰ Ibid. 48.

O relato sacerdotal destaca a expressão do amor conjugal, em que Deus apresenta ao homem, a mulher, sua companheira⁶¹, tirando-lhe da solidão e dando um sentido à sua vida, assim, ambos podem estabelecer uma aliança de modo igualitário⁶², pois possuem a mesma dignidade, e, uma característica especial em que, a dignidade original da família é fundamentada na Revelação, Deus ao criar o homem e a mulher, expressa de maneira visível seu amor, pois como já vimos, os criou à sua “*imagem e semelhança*” (Gn 1,26-27)⁶³. Logo não pode haver dominação de um sobre o outro. O relato referente à “*queda*” diz que a dominação do homem sobre a mulher, é conseqüência do pecado (Gn 3), “*mas desde o princípio não era assim*” (Mt 19, 1-9).

Através da vida matrimonial e familiar, dentro da dinâmica do amor essa imagem e semelhança devem se tornar mais nítida. A comunidade familiar deve se expandir e multiplicar como benção do Deus criador, administrando a criação entregue aos seus cuidados.⁶⁴ Segundo o autor heloísta, “*Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom*” (Gn 1,31), mas “*não é bom que o homem esteja só*” (Gn 2,18), é necessário viver em comunhão, a começar da vivência familiar, “*por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une a sua mulher, e eles se tornam uma só carne*” (Gn 2,24), “*de modo que já não são dois, mas uma só carne*” (Mt 19,6), uma só comunhão⁶⁵. A unidade familiar é símbolo da Aliança de Iahweh para com seu povo, Israel. Se tomarmos como referência o texto do Gn 1,27 veremos que no desígnio de Deus a família descobre sua identidade nesse Deus Criador a qual a formou à sua imagem e semelhança. “*Diante de uma sociedade que se arrisca a*

⁶¹ Cf. Gn 2,18-25.

⁶² FLOREZ, Gonzalo. *Matrimonio y Familia*. p. 89-90.

⁶³ SCHNEIDER, Theodor. *Org. Manual de Teologia Dogmática*. v 1. p. 147.

⁶⁴ Cf. Gn 1,28.

⁶⁵ SCHNEIDER, Theodor. *Org. Manual de Teologia Dogmática*. v 1. p. 148.

*ser cada vez mais despersonalizada a massificada e, portanto, desumana e desumanizante,*⁶⁶ a família, deve contar com o apoio eclesial e social e com sua determinação, para buscar tornar-se ser aquilo que é (FC 17).

Quando se afirma que a família é imagem de Deus se entende que o é numa perspectiva mistérico-ontológica, ela é uma comunidade de amor que participa do amor de Cristo pela sua Igreja, amor este que além de ser participação, é também modelo para a família (Ef 5,32), porém sua dimensão ontológica e sua eclesialidade são fundamentadas no batismo. Neste fundamento, Paulo exorta para que todas as desigualdades sejam superadas, pois: *“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus (Gl 3,28). Pois fomos batizados num só Espírito para ser um só Corpo, judeus e gregos, escravos e livres e todos bebemos de um só Espírito”* (1 Cor 12,13). O batismo insere a família no contexto eclesiológico universal. A universalidade fraterna, que nasce da comunhão com Cristo pelo batismo, é um elemento chave para a vida comunitária da família. Porém, quando Paulo fala do batismo, quer reforçar o ser *“batizado na morte de Cristo”* (Rm 6,3; Cl 2,12). O batismo unifica os membros ao Corpo, apesar da diversidade (Gl 3,27-28). Esta unidade, no corpo eclesial, é muito significativa para a família, pois se descobre o significado da expressão *“batizados em Cristo”* (Rm 6,3; Gl 3,27-28), pois unida á comunidade pelo batismo, a família ressuscita para uma nova vida revestida por Cristo (Rm 13,14), o Homem Novo (Cl 3,10) presente na comunidade. Esta vida nova, inserida na comunidade, deve impelir a família a sair de si em direção ao outro, num compromisso não só familiar, mas também, eclesial e social, exercitando as virtudes do amor (Gl 5,23; 1Cor 13,4-7; Cl 3,12-15), pois, estar revestido de Cristo

⁶⁶ FERREIRA, Laureci. *Cremos na vida, cremos na família* v. 2. p. 75.

é praticar o amor para com o outro (Sl 133,1-3; Mt 7,12; 19,18-19; 22,39-40; Lc 7,40-43; 1Cor 13,1-13). Paulo deseja que a comunidade cristã se identifique, através de suas ações, com o próprio Jesus Cristo, que é a Cabeça do Corpo eclesial (Cl 1,18).⁶⁷ Configurada a Cristo pelo batismo, a família torna-se o germe da missão cristã. O batismo está ligado à ação missionária dos cristãos e é, como que, o iniciador da “Igreja doméstica” (1Cor 1,16; At 11,14; 16,15; 18,8) e fundamento da sua dimensão ontológica. Consequentemente, a dimensão ontológica da Igreja Doméstica acompanha a dimensão existencial da família.

6.2. Dimensão existencial da Igreja doméstica

A dimensão ontológica caminha de mãos dadas com a dimensão existencial. Deus não só é origem de nosso ser e existência como também atinge a nossa humanidade através de Jesus Cristo. Jesus é consubstancial (ὁμοούσιον) ao Pai, e é também humano.⁶⁸ Esta é uma afirmação ontológica, mas quando se entende que Cristo assumiu, de forma plena, a nossa humanidade para que a nossa redenção fosse plena, então falamos da dimensão existencial. “Desde o início, Jesus associou seus discípulos a sua vida, revelou-lhes o mistério do Reino, deu-lhes participar de sua missão, de sua alegria e de seus sofrimentos,”⁶⁹ e fez nos participantes da vida divina, dando-nos um sentido pleno a nossa existência, assim a família que se dispõe a fazer uma experiência de comunhão nova e original em Cristo, descobre o sentido pleno de sua existência, pois, Ele vem ao encontro de toda a humanidade e se revela como causa primeira e última do nosso existir.

⁶⁷ O’CONNOR, Jerome Murphy. *A Antropologia Pastoral de Paulo*. p. 190-191.

⁶⁸ DEZINGER – HUNERMANN 125.

⁶⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 748.

Os Apóstolos e a comunidade cristã vivem uma nova maneira de ser família. E nessa comunidade, todos são ensinados, a vivenciar o amor, através de obras concretas e do testemunho Kerigmático, tantos os solteiros e as solteiras como os viúvos, viúvas e casados. Todos devem viver como uma grande família, pois todos possuem a mesma dimensão ontológica pelo batismo e de acordo com o seu estado todos encontra em Cristo o sentido ultimo de sua existência. Mas, Paulo trabalha com grande ênfase, o paradigma principal da dimensão existencial da família: O amor de Cristo pela Igreja, cujo amor o levou a se entregar por ela. Paulo assemelha a união conjugal, com a união Misteriosa que existe entre Cristo e a Igreja.⁷⁰ Jesus livremente se entregou em favor da humanidade e fez da Igreja o seu sinal misterioso de salvação. O matrimônio é uma entrega de amor livre, onde a família se santifica através do amor-doação à exemplo de Jesus. Esta visão matrimonial é uma transcendência da família para uma dimensão existencial e eclesiológica.

“E vós, maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou pôr ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível... é grande este Mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja.” (Ef 5,25-27.32).

“Sem mancha nem ruga” está ligado à cerimônia do casamento, onde o ninfa gogo, apresenta ao noivo a sua futura esposa, belamente vestida para as núpcias.

⁷⁰ Cf. Ef 5, 25ss.

No relato da criação é o próprio Deus que apresenta Eva para Adão; para Paulo, é Cristo que apresenta a Igreja para si mesmo. A família é incorporada a Cristo, através da comunidade cristã, pelo batismo (o batismo não somente purifica, mas também é consagração)⁷¹ e pela Palavra, formando um só Corpo eclesial, que é a grande família de Deus. Cristo, como um esposo que muito ama, se entrega pela sua esposa: a Igreja. Os esposos, à semelhança desta relação, deve se amar numa entrega total (dimensão existencial). Na perspectiva paulina, podemos afirmar que a família, é verdadeiramente imagem do amor incondicional de Cristo pela Igreja, e, podendo dizer também, que ela possui um significado cristológico, existencial e eclesiológico.⁷²

Gonzalo Florez afirma que neste paralelismo de Paulo (o matrimônio e a Igreja) são considerados dois elementos importantes e significativos na reflexão paulina. O primeiro elemento tem referência ao Mistério da Igreja. Neste os batizados estão unidos a Cristo, formam um Corpo do qual o próprio Cristo é a cabeça. O segundo elemento é a referência ao relato da criação no Gn 2,18-24, em que homem e mulher “*se tornam uma só carne*” (Gn 2,24). *Gonzalo* afirma que este elemento se refere à união matrimonial e faz parte da criação e da vontade de Deus, por isso é uma realidade Sagrada e Misteriosa. Estes dois elementos estão intimamente ligados entre si no texto de Paulo, por isso ele declara no próprio texto: “*É grande este Mistério: refiro-me, a relação entre Cristo e a Igreja*” (Ef 5,32).⁷³ Este texto da Literatura paulina é, como já dissemos, é um paradigma para a dimensão existencial da família. A Igreja Primitiva provou a atuação da família no campo da missão, da Evangelização, da comunhão e do martírio. A Igreja

⁷¹ BÍBLIA DO PEREGRINO (NT). *Comentário Ef 5,22-33*. p. 572.

⁷² COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Decreto Gravissimum Educationis* 3.

⁷³ FLOREZ, Gonzalo. *Matrimonio y Familia*. p. 106.

tomou grande impulso pela consciência de pertença eclesial por parte da família, isso favoreceu a manutenção da fé transmitida pelos apóstolos, pois, a unidade da família, enfatiza o Misterioso do Amor de Deus, revelado na pessoa de Jesus Cristo.

O Concílio Vaticano II enfatiza que a Igreja colabora sinceramente com esta altíssima vocação humana (de voltar-se para Deus, a origem de sua existência), em busca de uma fraternidade universal que corresponde a esta mesma vocação,⁷⁴ e, este mesmo concílio diz que a família recebeu de Deus a missão de promover esta fraternidade “*se ela se apresentar como santuário íntimo da Igreja,*”⁷⁵ se renovando a cada dia as suas vestes alvejadas pelo sangue de Cristo através do batismo, despojando-se das antigas vestes,⁷⁶ isso, através da oração, na unidade com Igreja e o afeto aos seus membros, na promoção da justiça e no serviço aos irmãos, principalmente os mais necessitados.⁷⁷ A dimensão existencial é corroborada pela alegria evangélica.⁷⁸ O entusiasmo e a alegria estão presente junto aquele que caminha movido pelo espírito de Deus. No evangelho de Lucas estão relatados vários exemplos dessa alegria de quem encontrou em Deus, por Jesus o sentido de sua existência em Deus. Eis alguns exemplos: O nascimento de João Batista (Lc 1,14); quando Isabel ouviu a saudação de Maria (Lc 1,44); a Boa nova anunciada aos pastores (Lc 2,10); os setenta discípulos ao voltarem da missão (Lc 10,17-20). Lucas também ensina que a alegria deve ser partilhada em comunidade, como o pastor que encontra a ovelha perdida e convida os amigos para festejar (Lc15,6), ou como a mulher que varre sua casa até encontrar a moeda

⁷⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudim et Spes* 3.

⁷⁵ Ibid. *Decreto Apostolicam Actuositatem* 11.

⁷⁶ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses mistagógicas* 2,3.

⁷⁷ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Decreto Apostolicam actuositatem* 11.

⁷⁸ MOREIRA, Gilvander Luis. *Lucas e Atos: uma teologia da história*. 70.

perdida, e também convida as amigas para alegrarem-se com ela (Lc 15,9).⁷⁹ Nos Atos dos apóstolos Lucas retoma seu discurso sobre a alegria. Ela está presente na comunidade que persevera na oração, no partir do pão e no comerem juntos (At 2,46); na Samaria, a alegria toma conta da cidade ao receberem o anúncio do Evangelho (At 8,8), e os discípulos repletos de alegria e do Espírito (At 13,52; 14,17; 15,3).⁸⁰ Deus é a origem da alegria de nossa existência.

6.3. Dimensão social da Igreja doméstica

Na teologia dogmática podemos exemplificar a dimensão social através da reflexão sobre a Graça e o pecado. O pecado é pessoal enquanto é o ato livre e voluntário de uma pessoa, de caráter individual, porém, todo pecado tem uma dimensão social, isso em função da solidariedade humana, pois o pecado pessoal atinge outras pessoas. O pecado social é cometido contra a justiça de pessoa para pessoa, de pessoa para comunidade e de comunidade para pessoa. Eis alguns exemplos: pecado contra a vida, contra a pessoa, contra os direitos humanos, contra a dignidade humana, etc.⁸¹ Enquanto a Graça liberta a pessoa do seu egoísmo voltando-a para o outro, ela também é social, pois a Graça leva a pessoa a lutar contra o pecado social e visa a transformação das estruturas sociais. A dimensão social da família é testemunho do Reino. Podemos fundamentar a dimensão social da Igreja doméstica desde a Igreja Primitiva, onde a hospitalidade, a partilha e o bem comum são marcas registradas na vida dos cristãos. Tais ações são claramente fundamentadas nas Escrituras.

⁷⁹ MOREIRA, Gilvander Luis. *Lucas e Atos: uma teologia da história*. 70.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA 117-118.

Tanto na Sagrada Escritura como na concepção dos primeiros cristãos, a hospitalidade possui um significado sagrado. No AT é como que acolher o próprio Deus ou um enviado dele (Gn 18,1-5; 24,15-28; Js 2; Jó 31,32; Hb 13,2). No NT a hospitalidade adquire um sentido cristológico, onde acolher o estrangeiro, os pobres, os que sofrem as crianças, os discípulos, aqueles que evangelizam, é acolher o próprio Cristo (Mt 10,40-42; Mc 9,36-37.41; Lc 9,48; 10,16; Jo 12,44-45; 13,20; Mt 25,34. 40-45). Militão, bispo de Sardes, em seus escritos também faz referência sobre a hospitalidade.⁸² Esta espiritualidade do acolhimento foi facilmente assimilado pela família e por toda a comunidade cristã, por isso não era uma ação isolada de cada família, mas como uma ação da própria Igreja, que se faz acolhedora através de seus membros, bispos, viúvas (1Tm 3,2; 5,10) e as famílias (Mt 10,12-13.40-42).

Por ser uma ação eclesial, não demorou em que se estabelecesse regras a cerca do acolhimento cristão, assim na *Didaqué* (séc. II), se estabeleceu normas de acolhimento para peregrinos, apóstolos e profetas,⁸³ para evitar abusos por parte de pessoas aproveitadoras, as quais também existiam nos meios cristãos daquele tempo. A acolhida deve ser sinal do Cristo acolhedor. Um ministério, através das relações humanas na família, na Igreja e na sociedade. A dimensão social da família não ficou restrita apenas no acolhimento, mas também na busca do bem comum e na construção de uma nova sociedade. A família é chamada a ser modelo de vida para toda a sociedade e para o mundo. Por Jesus Cristo, Deus pratica a redenção da pessoa enquanto indivíduo, e estende seu ato redentor nas relações sociais entre as pessoas humanas.

⁸² EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. VI 26,2. p. 212.

⁸³ DIDAQUÉ. *Catecismo dos primeiros cristãos*. Cap. 12-13. p. 32-33.

6.3.1. Dimensão social da família como modelo para a sociedade

Ao fazermos uma reflexão sobre a dimensão social da família numa perspectiva etico-teológica, tendo como fundamento a Doutrina social da Igreja, veremos que um sistema que é estabelecido pela ordem econômica e que faz do lucro a sua meta principal, é totalmente contrário ao projeto de Deus revelado por Jesus. O seguimento de Jesus nos compromete com a ação libertadora de Deus e nos impulsiona para uma relação social igualitária, onde todos os homens e todas as mulheres estejam acima de qualquer ordem econômica de uma sociedade. Qualquer sociedade que não é fundamentada na justiça está caminhando para a sua própria ruína (Am 6,1-13). Jesus nos ensina a analisar e avaliar a realidade a partir de seu evangelho e da dinâmica do Reino de Deus.

Para que a sociedade avance contra o individualismo ou interesses corporativistas, ela deve contar a garantia da família como modelo. Na família, cada pessoa é ponto importante de consideração e atenção. Para que o bem comum das pessoas e da sociedade seja alcançado deve ser considerado o “*bem estar da família,*”⁸⁴ pois “*a família delinea-se, no desígnio do Criador, como lugar da humanização da pessoa e da sociedade e berço da vida e do amor.*”⁸⁵ O próprio Jesus nasceu num lar, numa família. Conferiu a graça do sacramento a este consórcio familiar para que este cresça a cada dia na graça, dignidade, amor e solidez, os quais não são méritos humanos, mas dom de Deus para que a família sempre possa saborear da fonte do amor inesgotável, pois o amor vem de Deus.⁸⁶ Como Igreja doméstica, a família está a serviço do Reino, na difusão dos valores

⁸⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* 47.

⁸⁵ COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA 209.

⁸⁶ GRÜN Anselm. *Matrimônio. bênção para a vida em comum*. p. 63.

do Evangelho.⁸⁷ A Doutrina Social da Igreja apresenta a dimensão social da família nas várias ações em vista do bem comum, como a partilha, a solidariedade, etc. O engajamento da família na transformação sócio-político-econômica está intrinsecamente ligado a esta dimensão. Porém, mesmo sabendo que a família deve viver sua dimensão social em vista do bem comum, a sociedade não está isenta do serviço à família, pois, é dever da sociedade respeitar, promover e proteger a família.⁸⁸ Se toda a sociedade cuidar de proteger a família, estará protegendo a si mesma. Não só a sociedade, mas, também as suas instituições estatais, pois ambas devem assegurar e preservar a autêntica identidade da família, defendendo-a de toda a agressão, e de tudo aquilo que interfira na sua plena realização e na sua identidade. A Igreja está convencida de tal afirmação que fez disso um ensinamento.

“A sociedade e o Estado não podem, portanto, nem absorver, nem substituir, nem reduzir a dimensão social da família; devem antes honrá-la, reconhecê-la, respeitá-la e promovê-la segundo o princípio da subsidiariedade. O serviço da sociedade à família se concretiza no reconhecimento, no respeito e na promoção dos direitos da família.”⁸⁹

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja doméstica descobriu formas de engajamento para associar a fé com a vida, através das Comunidades Eclesiais de Base e dos movimentos populares, evidenciando assim seu compromisso eclesial na construção de uma sociedade mais justa e mais humana. A CNBB quando

⁸⁷ COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA 210. 215. 50.

⁸⁸ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 45.

⁸⁹ Ibid.

resgata os valores da cidadania e da caridade, nos faz lembrar que a Igreja doméstica é testemunho desses valores, os quais estão intimamente ligados à vida social e política, principalmente na promoção da liberdade e da justiça “*à luz da evangélica opção pelos pobres,*” (Objetivo geral da ação evangelizadora da Igreja no Brasil). Isso pede que as famílias sejam sempre animadas pela sua consciência eclesial e iluminadas pela Doutrina Social da Igreja. A comunhão eclesial e com seus pastores norteará os rumos da ação social e política.⁹⁰ Isso resulta, muitas vezes, confronto com o poder, pois, muitas famílias tiveram suas casas invadidas e seus membros humilhados, espancados, torturados, assassinados ou presos, como também religiosos e religiosas, padres e bispos, vítimas da repressão do poder estabelecido.⁹¹ Ainda hoje, muitas mães buscam o paradeiro de seus filhos desaparecidos.

6.4. Dimensão ecumênica da Igreja doméstica

O Concílio Vaticano II deu um passo importante para que a teologia dogmática busque o sentido da fé em direção à unidade e da superação das divisões.⁹² Este concílio apresentou uma definição para o ecumenismo.

“Por movimento ecumênico se entendem as atividades e as iniciativas suscitadas e ordenadas em favor de várias necessidades da Igreja e oportunidade dos tempos, no

⁹⁰ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. 42.

⁹¹ SOUZA, Ney de (org). *Temas de teologia latino-americana*. p. 234.

⁹² O'DONNELL, *Introdução à Teologia Dogmática*. p. 103.

sentido de favorecer a unidade dos cristãos... Não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior.”⁹³

O documento de Aparecida aponta o diálogo ecumênico como exigência trinitária e batismal, pois o batismo é a ponte de comunhão entre os batizados e batizadas, ainda que esta comunhão não seja plena, tal diálogo não pode ser desprezados pelos cristãos das diferentes denominações.⁹⁴ Por isso a CNBB destaca a importância de uma formação específica sobre o ecumenismo, isso facilitará o diálogo com os cristãos de outras denominações, porém é importante preservar o respeito, a estima e o conhecimento a cerca dos nossos irmãos em Cristo.⁹⁵ A Igreja doméstica deve colaborar para que todos os cristãos possam chegar à unidade desejada por Cristo,⁹⁶ a oração pela unidade dos cristãos é dever de todos os fiéis, e a família, enquanto Igreja doméstica, pode fazer a experiência da unidade, respeitando as famílias cristãs de outras denominações, ao mesmo tempo dar testemunho da fé apostólica deixada por Cristo.⁹⁷ No entanto, o respeito, a busca do bem comum e a valorização da dignidade e da vida humana, devem ser os principais elementos constitutivos da dimensão ecumênica da Igreja doméstica. O batismo e a fé trinitária estabelecem uma comunhão entre os cristãos, porém só teremos a perfeita comunhão quando todos os cristãos comungarem do mesmo Pão eucarístico em torno do mesmo altar, sem divisões. O ecumenismo se apresenta tão importante para a família a ponto de, em algumas regiões, as comunidades cristãs, envolvidas no diálogo ecumênico, criar uma pastoral para a celebração de

⁹³ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Decreto Unitatis Redintegratio* 4.7.

⁹⁴ DOCUMENTO DE APARECIDA 227-228.

⁹⁵ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2003-2006*. 90.

⁹⁶ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Decreto Unitatis Redintegratio* 3.

⁹⁷ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2003-2006*. 4.

casamentos mistos, cuja pastoral incentivará os casais a viverem sua fé no respeito à profissão religiosa do cônjuge, ajudando-os a valorizar aquilo que os une na fé: Jesus Cristo.⁹⁸

6.5. Dimensão escatológica da Igreja doméstica

Gonzalo Florez lembra a visão cristã à cerca do matrimônio e da família, está na ordem derradeira criacional e na história soteriológica.⁹⁹ Num sentido escatológico, a vitória do Cordeiro culmina com as suas bodas com o gênero humano (Ap 19)¹⁰⁰. O AT apresenta reflexões a respeito de Deus, como àquele que ama seu povo, com amor imenso, numa relação familiar, mesmo quando este rompe a Aliança. Na literatura neotestamentária, Cristo (o Cordeiro citado no Ap 19) é o noivo que se apresenta para se casar com a humanidade. As Bodas do Cordeiro apresenta a principal mensagem evangélica que é o cumprimento das promessas de Deus, na pessoa de Jesus Cristo, que se faz o Cordeiro imolado, para a redenção humana, com seu próprio sangue, ele nos reconciliou com Deus, convidando a todos, a fazerem parte do banquete do Reino de Deus. Com a encarnação do Verbo de Deus, acontece à derradeira fase da história salvífica, que tem sua plenitude em Cristo Jesus. Salvação esta que se consumará no fim da história, no Reino definitivo, mas que já está presente de maneira velada. Em razão disso, a família é chamada a buscar no Cordeiro de Deus, o fundamento de sua existência como “Igreja Doméstica”, sendo ela, parte integrante do Corpo Místico de Cristo, a Igreja, tendo os valores do Reino como via do seguimento de Jesus,

⁹⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 1636.

⁹⁹ FLOREZ, Gonzalo. *Matrimonio y Familia*. p. 102.

¹⁰⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. nº. 1602.

pois é na graça de Cristo, que a família encontra sua eclesialidade e sua dimensão escatológica. Todo o universo criado por Deus, é em Cristo, transformado, pois Deus tem uma nova relação com a humanidade, nesta relação, os céus e a terras são novas realidades (Ap 21,1-4), pois tudo foi criado por meio de Cristo, e para Cristo (Cl 1,16c). Com a encarnação, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo deram-se início à plenitude dos tempos. Na proclamação do mistério pascal é chegado o “καιρός,” O tempo soteriológico, tempo da Igreja, período entre a encarnação e a parusia,¹⁰¹ do Reino inaugurado até o Reino definitivo. O “καιρός” é tempo de expectativa e martírio. O Reino de Deus é “*o presente escondido e o futuro manifesto*”¹⁰² A Igreja está a serviço do Reino e deve testemunhar sua presença sendo sacramento no mundo.¹⁰³ Para ser discípulo de Jesus, é preciso aderir ao seu chamado de pertencer à família de Deus, e viver essa dimensão escatológica da fé. A família deve ultrapassar os laços biológicos e viver a comunhão do amor que ultrapassa os lares, e que desemboca na comunidade eclesial e no mundo (Mt 6,9-13; 12,25; 12,46-50; 23,9; Rm 8,14-15; Gl 3,26; Lc 11,1-4; Mc 3,31-35; Hb 2,11-17; Ef 2,19). A dimensão escatológica nos foi concedida por Deus e revelada por Ele desde o mistério da encarnação. O Filho de Deus nos reconcilia com o Pai e se faz nosso irmão.

No mistério da Encarnação se inaugurada a concretização da esperança escatológica, o Logos se apresentou a nós em pessoa, se fez humano e se uniu a todos os seres humanos. O Filho de Deus entra na história em nosso favor para nos levar à comunhão com o Pai e entre nós. A Encarnação faz parte do mistério salvífico de Deus.

¹⁰¹ ADRIANO, José. *Sacramentos: uma introdução*. (Revista de Cultura Teológica p. 106.).

¹⁰² BÍBLIA DO PEREGRINO. *Notas temáticas do Novo Testamento*. p. 35.

¹⁰³ FUENTE, Eloy Bueno de la. *Eclesiologia*. p. 316.

“Para o aperfeiçoamento pessoal e a sorte eterna de cada um dos membros da família, para a dignidade, paz e prosperidade da própria família e da sociedade humana inteira... Assim a família comunicará as suas riquezas espirituais generosamente ainda às outras famílias.”¹⁰⁴

Assim, a família sendo Igreja doméstica tem um dever eclesial de estar a serviço deste Reino, pois ela faz parte da vida e da missão da Igreja e nesta missão anuncia o Reino definitivo. Quando a família se faz seguidora de Jesus Cristo, ela se torna um sinal das promessas escatológicas, antecipando as realidades definitivas no viver e no celebrar o Mistério Pascal. A vida eclesial da família no seio da comunidade deve ser forte e participativa, essa comunidade é chamada a renovar a sua credibilidade, colocando-se, como sinal do Cristo libertador através da família. A meditação do Mistério Pascal, através do qual, o Verbo encarnado revela a sua divindade e o seu messianismo, e que, morre e ressuscita, deve trazer luz e força para o empenho de testemunho da Igreja doméstica. A família discípula de Cristo interpelada e provocada a viver sua vocação como sinal escatológico através do martírio e do profetismo na Igreja e no mundo.¹⁰⁵

6.6. Dimensão doxológica

Uma das características das definições dogmáticas é o seu caráter doxológico. Sendo que a doutrina dogmática tem a função de nos conduzir a fé, pode-se, afirmar que o fim derradeiro das sentenças dogmáticas, é a glória de Deus,

¹⁰⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudim et Spes* 48.

¹⁰⁵ FUENTE. Eloy Bueno de la. *Eclesiologia*. p. 172.

precedida pela fé. A plenitude da glória de Deus nos foi revelada na pessoa de Jesus Cristo, o qual manifestou ao mundo a glória de divina. Jesus, como vítima e sacerdote eterno reconciliou-nos ao Pai. Já não é preciso mais sacrifícios, pois Cristo é o sacrifício perfeito e fez de nós povo sacerdotal. Na Eucaristia a comunidade, que é povo sacerdotal, oferece sua oração ao Pai, na certeza de que esta oração é oferecida pelo Espírito Santo. A Eucaristia, é a grande expressão da dimensão doxológica da Igreja, e conseqüentemente da família, pois, ela reflete a liturgia da Trindade.

“Todo o ser do Filho consiste num abandono de louvor ao Pai, reconhecendo que o Pai, é a fonte de sua pessoa. O Filho restitui o Espírito ao Pai, louvando o Criador pelo Dom recebido. A Igreja na terra faz o mesmo. Mediante Cristo, na potência do Espírito, ela se oferece ao Pai.”¹⁰⁶

A Igreja por meio de Cristo, no poder do Espírito se oferece ao Pai, e Cristo, transforma suas alegrias e sofrimentos num hino de louvor. Por isso o Concílio Vaticano II insiste numa participação plena na sagrada liturgia, pois nisto consiste também a dimensão doxológica da família. Assim a participação litúrgica é essencialmente ativa.¹⁰⁷ O adjetivo *ativo* está ligado ao verbo *agir*. Isso supõe que a família seja sujeito da ação e não objeto passivo.¹⁰⁸ E um dos grandes méritos da reforma do Concílio Vaticano II foi acentuar a participação ativa de todos os fiéis batizados na celebração do Mistério Pascal de Jesus Cristo. Na celebração litúrgica

¹⁰⁶ O'DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*. p. 111-112.

¹⁰⁷ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium* 14.

¹⁰⁸ Ibid.

também está à manifestação da fé, então ela é por natureza, ativa. O diálogo sempre é iniciado por Deus, mas a família se compromete com uma resposta dinâmica, tomando parte ativa do processo.

A celebração litúrgica é necessariamente uma ação ritual, pois o rito é o melhor recurso humano para a participação ativa e interativa, que proporciona um envolvimento ordenado onde a racionalidade da fé e a densidade da emoção se entrelaçam. O rito é o conjunto de ações e gestos simbólicos quem tem pôr objetivo assumir, expressar, celebrar, comunicar o acontecimento que motiva a celebração: O mistério Pascal. No rito, a família desempenha o que realmente é na vida, fazendo-o com elegância e arte.¹⁰⁹ Pôr isso, a celebração deve ser organizada de tal forma que a Igreja apareça na beleza de sua ministerialidade. Também a participação consciente de quem celebra a liturgia é importante para alimentar o desejo louvar a Deus com todo o ser numa dinâmica de adesão ao Mistério Pascal. O Mistério é o próprio Cristo. O termo “*consciente*” sugere uma ação de consciência que leva a convicção. O lugar da consciência é o coração da família.

A família possui uma virtude religiosa a qual chamamos de piedade popular (diferente de pietismo), que disponibiliza o coração humano para o sagrado, conduzindo-o ao Mistério. É uma disposição de amor, onde a família reunida com a grande família eclesial acolhe o Mistério que está sendo celebrado. Esta piedade é transformada pela ação do Espírito em atitude doxológica. Também esta piedade se transforma em ação de graças para que ela celebre os mistérios louvando a Deus. Cristo, é o centro do mistério celebrado.¹¹⁰ A espiritualidade da família que é a espiritualidade de toda a Igreja, e é manifestada no seu modo de vida cristã. A

¹⁰⁹ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. p. 61.

¹¹⁰ *Ibid.* 110-111.

Igreja deve envolver a família na profundidade do Mistério Pascal para que ela, nutrida pelo alimento espiritual, seja impulsionada a buscar sempre a completa união familiar em Cristo. Depois desta abordagem dogmática a cerca da família, iremos direcionar nossa reflexão a partir da perspectiva do Concílio Vaticano II.

Capítulo II A família no Concílio Vaticano II

1. A comunidade eclesial como família de Deus

O Papa Paulo VI, já dizia que a Igreja está penetrada na vida humana, ela é parte integrante da humanidade, seus membros, dela fazem parte, e é no seio da humanidade que a Igreja descobre os valores culturais, experimenta as transformações históricas e também trabalha em benefício dela.¹¹¹ Paulo VI, também ressalta a importância do batismo, o qual nos enxerta ao Corpo Místico de Cristo, nos associam a família de Deus, como seus filhos adotivos e irmãos de Cristo.¹¹² Assim, a Igreja faz parte da família humana, como também da família divina em Jesus Cristo, formando o Povo de Deus. É no Concílio Vaticano II, que a Igreja é entendida como Povo de Deus, Povo da Nova Aliança, continuador das promessas feitas ao Povo de Israel, porém a partir da fé messiânica em Jesus Cristo, como nos apresenta a *Constituição Dogmática Lumen Gentium*.

“Este povo messiânico tem por cabeça Cristo... Tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo como em seu templo...”¹¹³ “Como o Israel segundo a carne, que peregrinava no deserto, já é chamado Igreja de Deus (2Esdr 13,1; Nm 20,4; Dt 23,1 ss)... assim o novo Israel... também é chamado Igreja de Cristo... Deus convocou a assembléia dos que em Jesus vêm, com fé, o autor da salvação e o princípio da unidade e da paz e com eles constituiu a Igreja... ao

¹¹¹ DOCUMENTOS DE PAULO VI. *Ecclesiam Suam* 10.

¹¹² *Ibid.* 18.

¹¹³ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 9.

caminhar por entre as tentações e provas, ela é fortalecida pelo conforto da graça de Deus”¹¹⁴

Através de Moisés, Deus convocou Israel em assembléia para firmar com ele uma Aliança. Esse Povo (Israel) que se reúne em assembléia para ouvir a Palavra e celebrar a Aliança¹¹⁵ tem por conceito o termo hebraico “*Qahal*” (*Ekklesia*), este termo expressa toda a amplitude religiosa desse Povo. O termo “*Qahal*” destaca dois pontos importantes: a) é um Povo escolhido por Deus, convocado por Ele, vocacionado por Deus. b) A memória que atualiza a Aliança também atualiza sua vocação e sua missão como “*Qahal*”¹¹⁶. Assim a ação do indivíduo repercute na vida da família e também consequentemente na vida do Povo¹¹⁷, do “*Qahal*” que é o povo de Israel, a nação escolhida como família de Iahweh. Numa perspectiva antropológica é possível dizer que Israel, enquanto povo de Deus, Israel experimenta nesta união, que o indivíduo se abre para o outro, e consequentemente, se abre para o “*nós*”¹¹⁸, a começar pela família celular e consequentemente se expandindo a família da casa de Israel, e principalmente enquanto povo da Aliança, ou seja, o “*Qahal*”. A Aliança estabelecida por Deus é um projeto de salvação, da qual o povo de Israel faz memória atualiza (Ex 12,14), onde a família ocupa da transmissão e vivência dessa Aliança, pois a memória é significativa para que o Projeto de Deus se perpetue na família, e consequentemente, na vida do povo, assim, mesmo com a presença das lideranças

¹¹⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 9.

¹¹⁵ Cf. Dt 4,10.

¹¹⁶ FUENTE, Eloy Bueno de la. *Eclesiologia*. p. 33.

¹¹⁷ ESTRADA, Juan Antônio. *Para compreender como surgiu a Igreja*. p. 31-45.

¹¹⁸ TEPE, Dom Valfredo. *Antropologia Cristã. Diálogo interdisciplinar*. p. 300.

do povo, coube à família a missão de anunciar e vivenciar a Aliança estabelecida por Deus em favor do povo.

A *Familiaris Consortio* 81 diz que o discipulado do amor e da fidelidade do Senhor Deus e a resposta ao seu chamado se dão no seio familiar (Ex 12,25-27; 13,8. 14-15; Dt 6,20-25; 13,7-11; 1Sm 2,27-28; 3,13). É na sua familiaridade com Israel que Iahweh o fez o seu “*Qahal*”. A sua família preferida e escolhida. Assim a Igreja é o novo Povo de Deus não como uma ruptura, mas como uma continuidade a partir da fé messiânica em Jesus Cristo, o qual chamou a todos (judeus e gentios) a fazer parte desse novo povo. Paulo não utiliza o termo hebraico “*Qahal*” para se referir ao Povo cristão, ele prefere utilizar o termo “*ἐκκλησία*” já empregado na “*Septuaginta*” para referenciar ao “Povo reunido em Assembléia” ou o Povo de Israel em sua totalidade. A Literatura paulina fala da Igreja como “Igreja do Senhor”, “Igreja de Deus e de Cristo”. A Igreja acontece em cada comunidade, que forma uma unidade, que é a Igreja de Cristo. Assim estes conceitos nos remetem ao significado teológico e eclesiológico da família, que, no seu relacionamento intrafamiliar, se torna imagem do relacionamento eclesial, por isso é importante destacar seu papel eclesiológico como “Igreja Doméstica.”¹¹⁹

“Igreja entendida como Povo de Deus (LG 9-13)... não são os leigos, mas todos os batizados, portanto faz parte dele o clero, cujo ministério se funda no sacerdócio comum dos fiéis, dom que Deus confere pelo batismo, a todos os filhos da Igreja. Todo o Povo de Deus é santo e pecador, ungido, profético, carismático, serviçal e partícipe da missão de Jesus Cristo, Morto e Ressuscitado, no Espírito.”¹²⁰

¹¹⁹ BRANICK, Vicent. *A Igreja Doméstica nos escritos de Paulo*. p. 11-17

¹²⁰ BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar*. p. 35.

Porém o concílio não apenas refere-se a Igreja como Povo de Deus, como também aplicou o conceito “família” a Igreja para acentuar a importância da dimensão familiar que ela possui (LG 4; 28,1; 32; 30 GS 32, 5). Seus membros são filhos e filhas do mesmo Pai, sendo todos, irmãos e irmãs de Jesus Cristo, o nosso irmão mais velho, com a ação do Espírito Santo, que faz suscitar a comunhão familiar. O próprio Cristo insistiu que todos os seus discípulos vivessem e se tratassem como irmãos.¹²¹ O fato de o Concílio aplicar à Igreja uma conceituação familiar não se constitui uma inovação, mas podemos dizer que o Concílio conseguiu resgatar aquilo que já era vivido na Igreja primitiva, pois esta não é a primeira vez que se é utilizado o conceito família para se referir à Igreja, pois, as comunidades primitivas possuíam laços familiares entre seus membros. A referência familiar à comunidade cristã nas cartas paulinas é uma constante, Paulo utilizava o termo “ἀδελφος”, “irmãos” mais de cem vezes ao se dirigir aos membros da comunidade cristã.¹²²

Outro termo utilizado por Paulo é “οικος”, “casa” e suas derivações: “οικοδομη”, “edificar” o irmão ou a comunidade na fé (1T 5,11; 1Cor 10,23; Rm 14,19; 15,2); “οι οικητοι”, “a família” na fé (Gl 6,10); “οικονομος”, “administrador” e “οικονομια”, administração (organização dos negócios ou coisas da casa). Paulo se considera um administrador da Boa Nova: “*Portanto, considerem-nos os homens como servidores de Cristo e administradores dos Mistérios de Deus*” (1Cor 4,1-2). A Igreja é a casa de Cristo, sendo administrador dos mistérios de Cristo, Paulo, é também servidor da Igreja.¹²³ A Igreja primitiva no contexto paulino, sempre foi marcada pela ação da Igreja doméstica. Então,

¹²¹ PIKAZA, Xabier – SILANES, Nereo. *Dicionário teológico O Deus cristão*. p. 433.

¹²² BRANICK. Vicent. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. p. 11-17.

¹²³ Ibid.

como vimos à dimensão familiar faz parte da Igreja desde os primeiros séculos de sua existência.

Por isso, o Vaticano II, insiste em afirmar que o espírito familiar que existente na Igreja, é obra do Espírito Santo (GS 42,4), e é esta dimensão familiar que nos faz todos irmãos e discípulos de Cristo Jesus. Pois “*tornar-se discípulo de Jesus, é aceitar o convite de pertencer à família de Deus, de viver conforme sua maneira de viver.*”¹²⁴ Por isso, a família encontra sua identidade eclesial quando se faz discipula e seguidora de Jesus na comunidade eclesial (Mt 12,50), pois a Igreja é a comunidade dos discípulos e discipulas de Jesus Cristo, e também sua família.

1.1. A família na comunidade dos discípulos

A Igreja é a comunidade dos seguidores e seguidoras de Cristo, o Povo de Deus a caminho, estes (discípulos ou seguidores) professam sua fé através deste seguimento ao Senhor, e “*é Ele que congrega toda a Igreja,*” (como o próprio Vaticano II já salientou na LG 13) e, seus discípulos e discipulas “*edificam uma comunidade chamada Igreja.*”¹²⁵ Por isso podemos dizer que a Igreja é a família dos discípulos de Jesus Cristo.

Como afirma os sinóticos, Jesus quis estender o seu grau familiar a todas as pessoas que se comprometem com o projeto do Pai e com a sua Palavra.¹²⁶ Aqui o seguimento de Jesus é uma forma de participação na sua família. Ele prefere estender o seu grau familiar á todas as pessoas que se comprometem com o projeto

¹²⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 2233.

¹²⁵ FUELLENBACH, John. *Igreja comunidade para o Reino*. p. 174.

¹²⁶ Cf. Mt 12,46-50.

do Pai e com a sua Palavra (Mt 12,46-50; Mc 3,31-35; Lc 8,19-21; 11,27). Aqui vemos o seguimento de Jesus como forma de participação na sua família, assim, quem está fora, é convidado a entrar. Para os seguidores de Jesus, os laços sanguíneos e a comodidade do lar não podem estar acima da missão (Lc 9,57-62; 14,26). No texto de Mc 3,31-35, Jesus diz que quem faz a vontade do Pai, esse, de fato, faz parte de sua família; Mc descarta as famílias carnal, religiosa e geográfica (Mc 3,20-21.31-35; 3,22-30), para dar lugar aqueles que cumprem a vontade do Pai. Seguindo Jesus e ouvindo sua palavra, se descobre a novidade salvífica oferecida por Deus em Cristo (Lc18,28-30). Esta abertura extra familiar facilita a comunicação maior e a abertura interior da comunidade dos seguidores de Jesus tornando-a mais humanizada, proporcionando assim, um espírito humano e fraterno¹²⁷. Nesta perspectiva, o Concílio Vaticano II, não só aplica o conceito familiar a Igreja, também afirma que a família é a primeira forma de comunhão de pessoas a qual está em comunhão eclesial. A família vive sua comunhão eclesial a partir da eucaristia (onde no âmbito da Igreja local está em torno ministério do bispo: sinal de caridade e unidade eclesial – *LG 26*).¹²⁸

2. A importância da família para a Igreja e para a sociedade

Na visão do Concílio Vaticano II a família é elemento significativo, ela é um bem para toda a Igreja e para o bem da sociedade.¹²⁹ Na Igreja, a família é um caminho pelo qual se chega ao Reino de Deus, através do amor mútuo e da vida em comum, pois sendo ela uma comunidade de comunhão, é também imagem da

¹²⁷ TEPE, Dom Valfredo. *Antropologia Cristã. Diálogo interdisciplinar*. p. 302.

¹²⁸ ALMEIDA, Antonio José de. *Igrejas locais e colegialidade episcopal*. p.61.

¹²⁹ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Decreto Apostolicam Actuositatem* 11.

comunhão dos Santos.¹³⁰ A *Gaudium et Spes* nos diz que a família é testemunha “daquele amor que o Senhor revelou ao mundo por sua morte e ressurreição”¹³¹, pois, é seguidora de Cristo, e assim, manifesta sua vocação¹³² eclesial. Toda a Igreja é por sua natureza querigmática e nela a família encontra a sua missão de ser anunciadora do Reino do Deus. O sustentáculo querigmático da Igreja está vinculado a sua vida mística.¹³³ É através deste estado místico que a Igreja chama as famílias a testemunhar o evento querigmático. O próprio Espírito Santo impulsiona a Igreja a ser esta luz mística para o mundo. É como já o diz o Senhor: “Brilhe a vossa luz diante dos homens para que, vendo vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está no céu” (Mt 5,16).

O Concílio Vaticano II, impulsionado pelo Espírito Santo, diz que para que a Igreja cumpra sua missão, ela deve, à luz do Evangelho, interpretar os sinais dos tempos, podendo assim, de maneira contextualizada, dar respostas sobre os questionamentos da vida presente e da vida futura e sobre seu significado para as diferentes gerações¹³⁴ e para a família, sem este impulso do Espírito, ela não encontrará a origem de sua fonte missionária no seio eclesial.¹³⁵ Sem esse ardor pneumatológico, a família não encontrará sentido no seu engajamento eclesial, “mas tão-somente militantismo, pastoral ou político que seja.”¹³⁶ Sem o anúncio querigmático, animado pelo Espírito, onde a pessoa de Jesus é o ponto central do desse anúncio, a família não seria Igreja doméstica. A primeira forma de anúncio está na ação missionária, mas, está também no testemunho, pois a anúncio

¹³⁰ JOÃO PAULO II. *Carta às famílias* 14.

¹³¹ COMPENDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* 52.

¹³² *Ibid.*

¹³³ BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o novo milênio*. p. 14.

¹³⁴ COMPENDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* 4.

¹³⁵ *Ibid.* 5.

¹³⁶ BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o novo milênio*. p. 15.

querigmático é constituído pelo testemunho de fé.¹³⁷ Mas, Jesus Cristo não é somente o centro do anúncio da Igreja, pois sendo ele o conteúdo deste anúncio, tal anúncio deve ser coerente ao conteúdo, não só coerente mas, entusiasmado e ardoroso.¹³⁸ A família também foi incumbida por Deus para desempenhar esta missão, em nome da Igreja, conforme seu estado e sua vocação, pois esta é constituída como célula do corpo eclesial e faz do lar o primeiro lugar de sua missão a qual se estende à toda a sociedade.¹³⁹

A importância da família no anúncio querigmático é sem dúvida relevante, porém é um acontecimento desafiador. As famílias têm a necessidade de estarem imbuídas da Boa Nova do Reino. Para anunciar ou evangelizar, elas precisam sentir também evangelizadas, isto não é fruto apenas de uma catequese sistemática e doutrinal, é necessário mostrar-lhes os sinais concretos que apontam para o Reino de Deus, ou seja, em meio às desigualdades e toda forma de exclusão, suscitar caminhos que promovam a libertação da pobreza, da miséria e da exclusão.¹⁴⁰ A família deve ser luz para o mundo. A humanização da família é necessária à Igreja e a sociedade. Sua humanização é sem dúvida um anúncio querigmático. O próprio Jesus estava convencido disso, basta recordarmos as citações do NT em que Jesus se coloca em defesa do lar e da família: Ele condena o legalismo (divórcio) que destrói a família e marginaliza a mulher. Ele busca a reconstrução da família (Mc 10,12; Lc 7,11-17) a partir do projeto original do Criador,¹⁴¹ o qual faz da realidade matrimonial uma comunhão indissolúvel, para Jesus a mulher não pode ser descartada pela limitada lei do divórcio que não respeitava a sua dignidade, isso

¹³⁷ SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à teologia pastoral*. p. 27-28.

¹³⁸ BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o novo milênio*. p. 17.

¹³⁹ COMPENDIO DO VATICANO II. *Apostolicam Actuositatem* 11.

¹⁴⁰ CORDINA, Víctor. *O credo dos pobres*. p. 57.

¹⁴¹ Cf. Gn 2,24.

sem contar as graves conseqüências que tal legalismo trazia para os demais membros da família, como por exemplo, as crianças. No texto de Mt 19,1-15 vemos que Jesus se opõe ao divórcio e em seguida faz com que as crianças se aproximem dele, pois, além da mulher, as crianças também faziam parte do grupo marginalizado.¹⁴² Para Jesus a lei deve proteger as pessoas, a família e todo o ser humano está acima da lei (Mc 2,23-27). Quando Jesus citava os mandamentos referentes à família o fazia no intuito de salvaguardar a dignidade de seus membros: “*Não cometas adultério, honra teu pai e tua mãe*” (Mt 15,4; 19,19-20; Ex 20,12-16; Dt 5,16-22), pois, para Jesus, a lei deve garantir o direito e a vida da família, evitando que o adultério fragmentasse a relação familiar e garantindo a dignidade e a sobrevivência do pai e da mãe na velhice ou doença (Mt 15,1-9; 19,16; Mc 7,1-13; 10,17-19; Lc 18,18-20). Jesus também tomou partido em defesa das famílias pobres e desprotegidas, isso podemos conferir em Lc 20,45-47, onde Jesus faz uma denuncia pública contra os escribas que exploravam as viúvas.

O Concílio Vaticano II resgatou esta proposta de Jesus quando se colocou em defesa da dignidade da família. A dignidade da família é de importância para a vida eclesial e social. A Igreja latino-americana, à luz do Concílio Vaticano II, tem reafirmado sua opção pelos pobres dos quais grandes números de famílias fazem parte, porém sempre se tem que levar conta à formação bíblico-teológica, pois a fé e a vida comunitária fortalecem a esperança diante dos desafios.¹⁴³ Assim entendemos que a teologia tem papel significativo para que, à luz do Evangelho, possa iluminar o nosso agir e o nosso pensar teológico sobre a família. Também o Concílio Vaticano II,¹⁴⁴ compreende que a importância da família para a Igreja e

¹⁴² RICHARDS, Lawrence. *Comentário bíblico do professor*. P. 265-266.

¹⁴³ CORDINA, Victor. *O credo dos pobres*. p 57.

¹⁴⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 11.

para a sociedade está também em garantir a dignidade de cada membro da comunidade familiar. Pois, a família, enquanto Igreja doméstica tem a missão intransferível de anunciar o evangelho. Seus membros devem ser sujeitos ativos na missão da Igreja em todos os setores, na sociedade e na vida eclesial, dando testemunho do senhor Jesus para todas as famílias do ambiente onde convivem e na própria comunidade eclesial.¹⁴⁵

2.1. A dignidade da família e de seus membros

A dignidade de cada ser humano depende das condições de vida moral, econômico-social e cultural de cada família, pois toda a promoção em prol das relações humanas e da construção da comunidade eclesial deve visar a promoção integral de cada ser humano,¹⁴⁶ cada membro da família. A vida familiar é fator determinante à formação humano-afetiva de cada pessoa. João Paulo II, na encíclica *Evangelium vitae* fala da necessidade de proteger a família e seus membros, pois ela está exposta a muitos perigos, pois tendo valor fundamental para a construção da vida, para João Paulo, a família é o lugar ideal de acolhimento da vida. A dignidade da família e de seus membros faz parte da abordagem iniciada sobre a importância da família na Igreja e na sociedade.

“A família tem a ver com os seus membros durante toda a existência de cada um, desde o nascimento até a morte. Ela é verdadeiramente o ‘santuário da vida (...), o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os

¹⁴⁵ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 11.

¹⁴⁶ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2003-2006*. 122.

múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico’(CA 39). Por isso o papel da família é determinante e insubstituível na construção da cultura da vida”¹⁴⁷

A dignidade de cada membro da família faz parte da honra devida ao Criador, já que o próprio Concílio Vaticano II, denuncia todas as formas de ataques contra a dignidade e a humana, como a qualquer forma de atentado contra a vida desrespeito aos direitos dos trabalhadores, o abandono às crianças, jovens, anciãos, condições de vida sub humana, discriminação da mulher e sua exploração sexual, o lucro obtido através da depreciação humana, mutilações, torturas, humilhações, etc. Para confirmar que a dignidade da família e de seus membros é importantíssima na vida eclesial e social, a Igreja faz menção não somente o grupo familiar, mas, a cada um de seus: as crianças, as mulheres, aos anciãos, e aos jovens. É importante resgatar a dignidade, de cada pessoa humana que compõe a comunidade familiar¹⁴⁸ (desde a criança até o ancião), para que a Igreja doméstica seja na Igreja, a qual é o sinal do amor pleno de Deus, participante deste sinal, pois a Igreja é sacramento de Cristo, a Igreja é instrumento visível da ação do Deus invisível. Embora a Igreja possua formas estruturais como as outras instituições com suas normas e leis, mas o Espírito Santo é o seu animador e a diferencia das demais instituições, pois, como já dissemos, ela é sacramento de Cristo,¹⁴⁹ e nela a família com cada um de seus membros são sacramentos de Cristo. O indivíduo está exposto ao perigo da massificação, e a família constitui uma segurança contra a massificação, mesmo sendo ela fragilizada pelas constantes mudanças econômicas, sociais e culturais que

¹⁴⁷ CARTA ENCÍCLICA DE JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae* 92.

¹⁴⁸ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lúmen Gentium* 32.

¹⁴⁹ BOFF, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. 50.

ocorrem na sociedade.¹⁵⁰ Por isso, a reflexão a seguir, mesmo não estudando com profundidade sobre a situação de cada membro da família, tem a intenção de mostrar que cada um tem direito a sua dignidade humana respeitada, pois, cada um é necessário e insubstituível na família e na Igreja e na sociedade.

2.1.1. A dignidade da criança na família, na Igreja e na sociedade

As crianças são motivos de renovação, de alegria e de esperança para a família, para a Igreja e para a sociedade. É dever de todos promover condições para a plena realização da dignidade das crianças. O Papa João Paulo II nos lembra em sua “Carta às crianças no ano da família,” a lamentável situação em que se encontram muitas de nossas crianças sendo vítimas da miséria, da doença e por falta de recursos para o seu tratamento, também são vítimas da fome, da desnutrição, da violência, da morte prematura e até mesmo do abandono e do lar. E o mais lamentável ainda, é que esses males são causados por adultos, por diversos modos.¹⁵¹ A dignidade de todas as crianças é expressa no amor transmitido por todos os membros da família, pais irmãos etc. Este amor deve ser estendido a toda comunidade eclesial, que este amor se torne ação concreta principalmente às crianças e adolescente pobres, abandonadas e doentes. Na Igreja as crianças já são acolhidas e integras na grande família de Cristo, através do batismo recebido desde os primeiros meses de vida, como também do mesmo pão da Palavra e da Eucaristia desde a sua infância.¹⁵² Quando se reconhece e se promove a dignidade das crianças e adolescente, respeitando seus direitos fundamentais como a vida, a

¹⁵⁰ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. 52.

¹⁵¹ JOÃO PAULO II. *Carta do Papa às crianças no ano da família*. p. 5.7

¹⁵² *Ibid.*. p. 10.

família, o lar, a saúde, a educação, o carinho, a formação humana, moral e religiosa, então todos nós nos beneficiamos dos frutos desta ação.

A Igreja se renova a cada dia com os seus infantes membros, os quais darão continuidade à missão da Igreja no presente (entre seus irmãozinhos) e no futuro quando adultos. O próprio Jesus já dizia, quem não se tornar como a criança não entrará no Reino, e quem acolhe uma criança é a ele mesmo que está acolhendo. (Mt 18, 2-5; 19, 13-15). Portanto o Reino de Deus passa pelas crianças.

2.1.2. A dignidade eclesial e social da mulher

Ao estudarmos a carta do Papa João Paulo II, às mulheres desatacamos alguns pontos, dos quais consideramos importantes para a reflexão sobre a dignidade da família e da mulher. Nesta carta, João Paulo II, não suprime as condições históricas vividas pelas mulheres. O Papa lembra que quando não se respeita à dignidade das mulheres, quando não se valoriza seu potencial e capacidade, quando as marginalizam e as submetem às diversas formas de exploração ou exclusão, nas suas diversas formas de convivência, seja ela, familiar, social e até mesmo eclesial, provoca-se um impedimento da vivência do ser feminino e deprecia toda a sua humanidade.¹⁵³ João Paulo II, reconheceu que essas ações e mentalidades errôneas a respeito da mulher afetaram as diversas instituições e cultura e até mesmo o pensar e agir de muitos cristãos.¹⁵⁴ Mesmo estando elas em condições desfavoráveis, o Papa João Paulo II, dirige as seguintes palavras às mulheres:

¹⁵³ CARTA DE JOÃO PAULO II ÀS MULHERES 1.

¹⁵⁴ Ibid.

“Faço votos, pois, caríssimas irmãs, que se reflita com particular atenção sobre o tema do ‘gênio da mulher’, não só para nele reconhecer os traços de um precioso desígnio de Deus, que há de ser acolhido e honrado, mas também para lhe dar mais espaço no conjunto da vida social, bem como da vida eclesial.”¹⁵⁵

Hoje, a mulher está conquistando aquilo que sempre foi seu por direito. O sociólogo Göran Therborn lembra que segundo a convenção da ONU de *“Eliminação de todas as formas de discriminação contra as Mulheres”¹⁵⁶*, assinada por quase todos os países (exceto o Afeganistão, a Somália, os Estados do Golfo e os EUA, embora o seu poder judiciário não permita haja discriminação entre os gêneros) fez do patriarcalismo, um sistema ilegítimo em nível global. No mundo do trabalho (e profissões antes assumidas pelos homens), da política, da cultura e da rede internacional, o patriarcalismo está perdendo sua força com a conquista do espaço feminino.¹⁵⁷ Também na família quando existe dominação de gêneros e não a comunhão entre eles, fragmenta-se a unidade familiar, pois, a dominação tem sua origem no pecado.¹⁵⁸ Na Igreja, o batismo nos faz todos os membros de um só Corpo, por isso, todas as desigualdades (inclusive a de gênero) devem ser superadas, pois São Paulo já dizia na epístola aos Gálatas: *“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Jesus Cristo.”¹⁵⁹* Assim mulher e homem possuem igual dignidade. Ela é o bem comum da humanidade. Ainda há muito que se fazer para que alcancemos a igualdade e o respeito devido entre os gêneros. A conversão é o melhor caminho a

¹⁵⁵ CARTA DE JOÃO PAULO II À S MULHERES 10.

¹⁵⁶ THERBORN Göran. *Sexo e poder. A família no mundo 1900-2000.* p. 451.

¹⁵⁷ Ibid.

¹⁵⁸ Cf. Gn 3,16.

¹⁵⁹ Cf. Gl 3,28.

ser percorrido, sem ela, dificilmente alcançaremos a a igualdade tão esperada por todos. Há que se buscar formas que demonstrem uma busca de superações de todo preconceito, de toda a injustiça, e de toda a depreciação contra a mulher.

2.1.3. O valor da juventude

Como já dissemos no capítulo anterior, na comunidade, ninguém é substituível. Cada membro é necessário. Na comunidade familiar não é diferente, se faltar um só membro, a família não estará completa.¹⁶⁰ Pois, na individualidade e diferenças, cada pessoa completa o que falta para o todo, no respeito das diferenças de cada membro se forma a comunidade, a família:

“Cada pessoa sempre tem direito ao seu próprio desenvolvimento e à sua privacidade. Ela deve encontrar apoio e a comunhão na comunidade (eclesial e familiar), mesmo quando as circunstâncias não lhes permitem uma participação freqüente na vida comunitária ou até mesmo a isolam e marginalizam.”¹⁶¹

Cada membro da família em sua individualidade deve ter a sua dignidade humana respeitada. Assim, outro membro da família e da comunidade eclesial o qual o Concílio Vaticano II, menciona com singular importância é o jovem e a jovem.¹⁶² Por isso o Concílio ao tratar sobre a família não esqueceu de abordar a

¹⁶⁰ MOREIRA, Lúcia – CARVALHO, M.A. Ana. *Família, subjetividade, vínculos*. p. 99.

¹⁶¹ CNBB. *Igreja: Comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura* 93.

¹⁶² COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. 7.

questão da juventude em alguns de seus documentos, neles foram abordados os seguintes elementos: a modificação da situação e do ambiente da juventude, sua inquietude, sua responsabilidade, o anseio de participação no campo social e cultural, a necessidade de formá-los para a vida conjugal, social, eclesial e vocacional; e a atenção à influência dos meios de comunicação no meio juvenil.¹⁶³ Ao estudarmos esses documentos não podemos nos esquecer de contextualizá-los conforme a nossa realidade. Pois, já falamos a respeito das transformações sócio-econômico-culturais e sua influência sobre a família, tais transformações não somente afetam o grupo familiar, como também cada membro desse grupo, com os jovens não é diferente, por isso a necessidade de contextualizar o Concílio com a realidade da juventude, pois esta é a fase da vida que requer maior atenção da família, da Igreja e da sociedade.

Entre todas as fases da vida humana, podemos dizer que a juventude é a fase mais complexa e desafiante em que a busca da identidade é acentuada, mas é também a fase do vigor, do entusiasmo, da energia “*para o engajamento.*”¹⁶⁴ A juventude não é uma transição da infância para a idade adulta, mas uma fase da vida a ser vivida,¹⁶⁵ pois assim, como a família mudou nas últimas décadas, o mesmo ocorreu com a juventude. Ela traz novos questionamentos os quais ainda não são respondidos. No Brasil existem muitas diferenças presentes na vida dos jovens das quais podemos citar algumas: diferenças raça, cor, sexo, gênero, classe social, habitacional, geográfica, educacional, etc. Dentre estes diferenciais, está uma minoria da juventude que possui um alto nível social de vida. “*A maioria dos 34 milhões de jovens brasileiros representa um dos segmentos populacionais mais*

¹⁶³ cf. GS 7; AA 12 e 30; IM 10-14.

¹⁶⁴ CNBB. *Evangelização da juventude* 26.

¹⁶⁵ *Ibid.* 27.

fortemente atingidos pelos mecanismos de exclusão social.”¹⁶⁶ Podemos também enumerar alguns dos grandes problemas que atingem a juventude brasileira: desemprego, drogas, restrição à educação de qualidade, doenças sexualmente transmissíveis, evasão escolar, violência, o subjetivismo presente na sociedade¹⁶⁷ etc. Assim, a inclusão da juventude no seio eclesial envolve todas essas problemáticas e complexidades. É necessário analisar tais situações com atenciosidade para com os jovens, tanto na Igreja, como família e sociedade. Os jovens são membros da comunidade familiar e eclesial, é necessário conhecê-los para nos conhecermos também.

2.1.4. A necessidade de garantir a dignidade da pessoa anciã

Como veremos, neste capítulo, o Concílio Vaticano II, não apenas refletiu a importância da família para a Igreja e para a sociedade, mas, também destacou o valor de cada membro da comunidade familiar, por isso é justo que também resgatasse o valor da pessoa anciã, ressaltando que sejam garantidas “*subsistência e a dignidade humana*”¹⁶⁸. O Concílio também afirma que a família deve, não somente assegurar a sua subsistência, mas também a sua reintegração nas ações da família, da vida eclesial como “*também torna-los participantes dos justos frutos do progresso econômico.*”¹⁶⁹ O Magistério da Igreja nos chama a atenção para que se valorize a pessoa humana em todas as fases de sua vida, em todas as idades.¹⁷⁰ Toda a experiência assimilada durante os anos, é necessária para o aprendizado da

¹⁶⁶ CNBB. *Evangelização da juventude* 31.

¹⁶⁷ *Ibid.* 32.

¹⁶⁸ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* 423.

¹⁶⁹ *Ibid.* *Decreto Apostolicam Actuositatem* 1373.

¹⁷⁰ CONS. PONTIFÍCIO PARA OS LEIGOS. *A dignidade do Ancião e a sua missão na Igreja e no mundo* p. 6.

família , da Igreja e da sociedade. Mesmo que o vigor anterior não seja o mesmo, os anciãos e as anciãs não devem “*sentir à margem da Igreja, como elementos passivos de um mundo em movimento excessivo, mas sujeitos ativos humana e espiritualmente fecundo da existência humana*”.¹⁷¹ O ancião e a anciã estão num período propício à vida simples e contemplativa. Temos que resgatar os valores de fé, os valores afetivos e os valores morais que eles nos oferecem, os quais são necessários para todos. “*As sociedades humanas serão melhores, se souberem tirar partido dos carismas da velhice.*”¹⁷² A partir do momento em cada ser humano, cada família têm a sua dignidade respeitada, todos se beneficiarão com isso: a família, a Igreja e a sociedade. Quando cada pessoa e cada família descobrem sua verdadeira identidade em Cristo, e a sua identidade eclesial, entenderá que faz parte da grande família de Deus: a Igreja.

¹⁷¹ CONS. PONTIFÍCIO PARA OS LEIGOS. *A dignidade do Ancião e a sua missão na Igreja e no mundo* p. 5-7.

¹⁷² CNBB. *Evangelização da juventude* 13.

Capítulo III A família a partir da *Lumen Gentium*

Para entendermos o lugar teológico e eclesiológico da família na *Constituição Dogmática Lumen Gentium* entendemos que seja necessário destacar um dos importantes aspectos desta constituição: a Igreja é o Povo de Deus,¹⁷³ onde todos os fiéis possuem igual dignidade na participação sacerdotal, profética e régia de Cristo mediante o batismo.

No segundo capítulo da *LG* a Igreja é apresentada como Povo de Deus, que é “κοινωνία” de igualdade, sendo que este capítulo (da *LG*) não trata dos diversos ministérios na Igreja, mas sim dela enquanto Povo, enquanto comunhão dos fiéis que participa do sacerdócio régio e profético de Cristo. Este conceito eclesiológico, o qual o Concílio Vaticano II, superou a visão de Igreja como “*sociedade desigual*”¹⁷⁴ que existia até então. Com relação aos ministérios está tratado a partir do terceiro capítulo desta constituição (*LG*), começando no ministério episcopal e terminando no laical, porém não trataremos desta questão, o que queremos destacar, é que quando o Concílio Vaticano II fala a respeito da Igreja como Povo de Deus,¹⁷⁵ ele também fala sobre a importância da família para a Igreja e para a sociedade, e é na *Constituição Dogmática Lumen Gentium* nº. 11 que encontramos a referência à família sob o conceito de “Igreja doméstica”, o qual é a fonte de pesquisa de nosso estudo. Pois, sendo Igreja doméstica, a família exerce três ações da Igreja da qual ela faz parte: pregar o evangelho de Jesus Cristo, celebrar o culto

¹⁷³ O primeiro capítulo da *LG* está enfocando a Igreja mistérica, as suas diversas imagem, como Corpo Místico de Cristo e a Igreja visível e espiritual. É no seu segundo capítulo que a *LG* apresenta a Igreja como Povo de Deus e onde está a fonte de nossa pesquisa: *LG* 11.

¹⁷⁴ ALMEIDA, Antonio José de. *Lumen Gentium – transição necessária*. p. 81.

¹⁷⁵ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 9-13.

e oração, e exercer sua diaconia. Assim, a Igreja deve conhecer as famílias que a compõe, ajudando-as a viver uma eclesiologia de comunhão a exemplo de Maria, mãe de Jesus, e nossa.

1. A Igreja na evangelização através da família

A família sempre desempenhou a missão de transmitir a Palavra de Deus, as primeiras noções a respeito de Deus partiram do lar, isso constatamos nos textos do AT, na Igreja Primitiva e na Igreja Pós Vaticano II. No Antigo Testamento, vemos que a transmissão da fé não ficava a cargo dos sacerdotes, pois estes cuidavam dos ritos e sacrifícios, mas a cargo da família, como missão própria da mesma (Ex 10,1-2; 12,21-28; 13,8; Dt 4,10; 6,1- 7.20-25; Dt 11,19; Js 4,6-9.21-24; 2Sm 7,22; Sl 22,31;44,2; 78,3-8; 102,19); O historiador, Flavio Josefo, lembra o cuidado de Moisés para que a Aliança fosse vivida e transmitida a partir da vida doméstica e do lar¹⁷⁶, como algo a ser decorado e “*escrito na tábua do coração*”¹⁷⁷, e também vivido como memória Pascal, em que o pai deve responder aos filhos: “*É o sacrifício da Páscoa para Iahweh que passou adiante das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios, mas livrou as nossas casas.*”¹⁷⁸

Essa memória, é uma certeza da presença de Deus que se revela na história e na vida de seu povo para libertá-lo, e que deve ser conhecido desde os relacionamentos mais íntimos entre as pessoas, ou seja na relação familiar¹⁷⁹, onde, através da tradição oral, a família cultivava sua fé através das gerações. Isso

¹⁷⁶ FLÁVIO JOSEFO. *Uma testemunha entre os Apóstolos*. p. 38.

¹⁷⁷ GARMUS, Ludovico. *Educação dos filhos nos sapienciais*. (Artigo da revista Estudos Bíblicos n°. 85. p. 37.)

¹⁷⁸ Cf. Ex 12,27.

¹⁷⁹ RICHARDS, Lawrence. *Comentário Bíblico do Professor*. p. 172.

possibilitava a vivência da Aliança e do Projeto de Deus iniciado no Êxodo. A família vive a Aliança na relação entre seus membros, torna-se símbolo desta mesma Aliança que Deus estabeleceu com seu povo, tornando imagem do amor de Deus para com Israel. As imagens da família são bem destacadas e muito bem utilizadas pelos hagiógrafos em sua composição literária, é uma riqueza na literatura profética¹⁸⁰. Na visão deuteronomista do século VII aC. O termo “Aliança” tem um sentido especial no que se diz respeito ao relacionamento entre Iahweh e o povo de Israel. É tão significativa a figura da família para o povo da Aliança, que por diversas vezes, ela se torna símbolo teológico na literatura dos profetas. O Deus da Aliança é apresentado em vários textos, numa relação familiar com o povo de Israel, e vários elementos e personagens referentes à família são destacados. O livro de Oséias pode ser tomado como exemplo: Oséias casou-se com Gomer, uma mulher infiel que muitas vezes o traía, mas, apesar disso ele sempre continuava a amá-la¹⁸¹. O livro mostra que assim como a esposa de Oséias, Israel era infiel a Deus, prostituindo-se com ações de idolatria. Apesar da infidelidade de Israel, Deus permanece fiel e seu amor por ele, e é capaz de perdô-lo e restaurá-lo¹⁸².

Os valores teológicos, que deve ser resgatado numa família que perdeu seus valores fundamentais, e um povo que também perdeu estes mesmos valores, é ponto de reflexão e atenção no texto. A família transmite carinho entre seus membros, principalmente na relação entre mãe filho. Nesta relação Deus se interage na comunidade dos filhos de Israel. A relação de Deus com Israel é íntima e familiar, Deus não é um estranho para o seu povo, Ele possui laços familiares

¹⁸⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. n.º. 219-220.

¹⁸¹ RICHARDS, Lawrence. *Comentário Bíblico do Professor*. p. 521.

¹⁸² Ibid.

com Israel.¹⁸³ Ele é como uma mãe que embala seu filho dando-lhe carinho e amor. Veja como o profeta descreve a relação de Deus para com seu povo.

“Quando Israel era um menino, eu o amei e do Egito chamei meu filho. Mas, quanto mais os chamava, tanto mais eles se afastavam de mim. Eles sacrificavam aos baals e queimavam incenso aos ídolos. Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar, eu os tomei em meus braços, mas não reconheceram que eu cuidava deles! Com vínculo humano eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto, eu inclinava para ele e o alimentava.”¹⁸⁴

Isaías também apresenta imagens tiradas da vida familiar, e uma dessas imagens é a figura dos esposos. Jerusalém é a cidade desposada por Deus (Is 62,1-12), isto é, é libertada por Ele¹⁸⁵. E de fato, é uma alegria para a esposa a palavra de encantamento vinda de seu esposo. O profeta atribui a Deus todo o encantamento de um esposo à sua amada, que no texto é a cidade de Jerusalém, a qual é desposada pelo por Iahweh.¹⁸⁶ Através de dados antropológicos podemos dizer que o amor e a paixão são inerentes ao ser humano poderemos fazer, de forma analógica, uma reflexão sobre o amor de Deus para com seu povo. Mas antes perguntamos: Podemos dizer de fato que Deus é apaixonado? Quais serão o seu encantamento e sua relação amorosa? De forma humana podemos dizer que Deus de fato é um apaixonado e que constantemente procura e ama a sua amada. Como pudemos perceber em algumas citações do AT, alguns textos expressam o amor do

¹⁸³ RICHARDS, Lawrence. *Comentário Bíblico do Professor*. p. 521.

¹⁸⁴ Cf. Os 11,1-4.

¹⁸⁵ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. p. 237.

¹⁸⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nota: Is 62,1-12*.

Senhor por Jerusalém, Ele é aquele quem a desposa e ela, por sua parte, se sente amada por Deus.¹⁸⁷

“Transbordo de alegria em Iahweh, a minha alma se regoziza no meu Deus, porque ele me vestiu com vestes de salvação, cobriu-me com um manto de justiça, como um noivo que se adorna com um diadema, como uma noiva que se enfeita com suas jóias”.¹⁸⁸

O livro de Oséias também retrata o amor fiel de Deus para com Israel que agia como uma esposa infiel. Podemos também fazer referência à Cristo: na carta aos Efésios 5, também o NT relaciona o amor conjugal com o amor entre Cristo e a Igreja, também o livro em Apocalipse 19 se fala das “bodas do Cordeiro”, muitas vezes a literatura neotestamentária se refere a Jesus como “o noivo”. Deus é apaixonado pela humanidade e cuida dela com muito carinho. Jesus é a imagem visível do Deus que se apaixona e ama seu Povo.

Os autores bíblicos poderiam expressar a relação de Deus para com seu povo, fazendo uso de outras imagens, porém preferiram utilizar as figuras familiares, para expressarem o amor de Deus para com Israel. Isso reforça a argumentação de que a família tem um papel singular na vida e na fé do povo de Deus. Uma família que vive o projeto de Deus e sua Aliança no lar é imagem do povo que mantém sua fidelidade a esta Aliança. Uma Família que não se importa com sua própria relação e com o projeto de Deus, é também figura de um povo infiel à Aliança e ao Projeto

¹⁸⁷ Cf. Is 62,1-9; Sl 45.

¹⁸⁸ Cf. Is 61,10-11.

de Deus. Como vimos à família teve um papel importante na memória da Aliança, já na Igreja Primitiva a família não só se empenhou no anúncio kerigmático, como também participou na formação das novas comunidades. Desde os tempos da Igreja primitiva a família desempenhou um papel importante na ação evangelizadora da Igreja, exemplo disso está relacionado à missão de Paulo, sendo que a sua experiência como evangelizador nas sinagogas não foi muito feliz. Descobre então, na família, o pólo e o ponto estratégico da evangelização, pois sua importância era reconhecida por Paulo e seus companheiros de missão. Além da disponibilidade das famílias em promover o intercâmbio entre as comunidades (At 16,15.40; 17,5-6; 18,7; Fl 2,29-30) muitas delas colocavam suas casas a disposição da comunidade (At 5,42; 1Cor 11,33-34). O fato de uma família se converter à fé cristã já era o início de uma nova evangelização¹⁸⁹ (At 10,2; 11,14; 18,8; 1Cor 1,16; 16,15-16), pois uma nova família inserida na Igreja era mais uma referência para a Igreja em expansão. Das Igrejas domésticas originaram-se as Igrejas locais (Rm 16,5; Cl 4,15-17; 1Cor 16,19; Fm 2), assim, a família foi assumindo valores eclesiológicos e teológicos (Ef 5,29-32). A partir do evento da ressurreição e do batismo as famílias foram integradas à família de ampliada Jesus, inserindo-se à comunidade dos seguidores de Jesus.¹⁹⁰

Podemos dizer que na Igreja primitiva as famílias se empenharam na missão evangelizadora, mesmo depois da morte dos Apóstolos a evangelização tomou grande vigor, cristãos anônimos espalhavam a fé cristã através das famílias embebidas pela consciência batismal. “*O cristianismo, qual mancha de óleo, espalhava-se na rede da família, do trabalho, dos encontros.*”¹⁹¹ A estratégia da

¹⁸⁹ BRANIK, Vicent. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. p. 17-18.

¹⁹⁰ Ibid.

¹⁹¹ HAMMAN, A.G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*. p. 65.

evangelização era a divulgação individual, onde cada pessoa evangelizava sua família, seu escravo, ou o seu senhor, e, as pessoas pobres acolhiam com facilidade o Evangelho, pois, a mensagem evangélica anunciava a libertação, que era a aspiração dos pequenos e, como já dissemos, a família era a mensageira e a destinatária da evangelização.¹⁹²

Com o Concílio Vaticano II abre-se um novo horizonte iluminado pela *Lumen Gentium*¹⁹³ para o surgimento de um aprofundamento sobre a dimensão comunitário-ecclesial da família, que tem o amor e a comunhão como sinal característico. A *Constituição Dogmática Lumen Gentium* ao referir-se à dimensão ecclesial da família encontra fundamentos para lhe atribuir o conceito de “Igreja Doméstica,” pois, está inserida na Grande Família de Cristo: a Igreja. A partir daí surgem vários Documentos do Magistério da Igreja (alguns citados em nossa bibliografia) relacionados à família; outras disciplinas já trabalham sobre a questão da família, sendo isso, fruto da ação conciliar. Também o CELAM e a CNBB se empenharam em promover a dignidade da família e a sua identidade ecclesial. A Conferência de Medellín foi entendida como uma recepção do Concílio Vaticano II. A Segunda Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín foi o germe das Comunidades Eclesiais de Base, onde os pobres sentiram-se sujeitos na vida ecclesial e social.¹⁹⁴ A conferência de Medellín abriu os horizontes para as famílias do continente latino-americano descobrirem o seu papel ecclesial e social, não mais como objeto, mas como sujeito da história. No Brasil também a Igreja apóia e motiva a Igreja doméstica em sua missão. Nas *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil*, os bispos do Brasil expressa a preocupação de

¹⁹² HAMMAN, A.G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*. p. 65.

¹⁹³ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 11.

¹⁹⁴ LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II, os anos que se seguiram* (Vaticano II 40 anos depois. p. 83).

conscientizar a família sobre a sua identidade eclesial,¹⁹⁵ e sua importância na vida social.

1.1. A família como sujeito e objeto de evangelização¹⁹⁶

A Conferência de Puebla qualificou a família como sujeita e objeto de evangelização, pois enquanto ela dá testemunho de sua fé e de sua vida eclesial, ao mesmo tempo, se vê necessitada de atenção social e eclesial.¹⁹⁷ As quatro exigências da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, apresentadas pela CNBB (serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão), contém os elementos que identificam a família como sujeita e objeto de evangelização, pois, inserida no corpo eclesial, a família participa da ação da Igreja.

1.1.1. A família e o Serviço

Através da ação educacional, a família prepara o ser humano para viver plenamente a sua dignidade nas diversas dimensões da vida humana (humano-afetivo, social, eclesial, etc.), pois ela possui a dinâmica de formar discípulos. A família como seguidora de Cristo e a exemplo dele é também servidora (Mt 20,26-28). A família é uma comunidade de amor e serviço e de fundamental importância para que sejam transmitidos os valores ligados à cultura, educação, à vida social; eclesial; espiritual e os valores éticos. Todos esses valores são importantes para o

¹⁹⁵ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. 85c.

¹⁹⁶ DOCUMENTOS DO CELAM. *Puebla 569*.

¹⁹⁷ *Ibid.*

bem de cada membro da família, da Igreja e de toda a sociedade.¹⁹⁸ “A comunidade eclesial deve despertar a consciência e a responsabilidade da família,”¹⁹⁹ para o compromisso com a dignidade humana e como discípula e missionária de Cristo, deve, à luz do Evangelho, com a Igreja na opção preferencial pelos pobres, ser construtora de uma sociedade humanizada.²⁰⁰

“Os discípulos e missionários de Cristo devem iluminar com a luz do evangelho todos os âmbitos da vida social. Se muitas estruturas atuais geram pobreza, em parte é devido à falta de fidelidade a compromissos evangélicos de muitos cristãos com as responsabilidades políticas, econômicas e culturais.”²⁰¹

Porém, a temática do serviço ainda não está concluída, a retomaremos quando refletirmos sobre a diaconia da família, pois, a família não é só serviço, mas é também, dialogo entre pessoas de diferentes culturas, credos, raças, povos e nações.

1.1.2. A família e o Diálogo

Uma família que estabelece um diálogo mutuo entre seus membros e com as demais famílias, ela é de fato evangelizadora. Uma das principais arma contra o individualismo e o subjetivismo (que são algumas das formas de divisão) é o

¹⁹⁸ COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA 238.

¹⁹⁹ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. 85c.

²⁰⁰ DOCUMENTO DE APARECIDA 501

²⁰¹ Ibid.

diálogo. Pois, toda e qualquer divisão entre os seres humanos é contrária ao ensinamento de Cristo, causando escândalo à humanidade e prejudicando a pregação do Evangelho (UR 1). Os Bispos do Brasil afirmaram que antes de se buscar uma formação específica na área do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, é preciso antes, despertar as consciências humanas para o reconhecimento do diálogo e a sua importância para a realização do ser humano, começando pela família. É preciso conhecer e respeitar os valores, a fé de cada pessoa, de cada família. O diálogo deve produzir relacionamentos fraternos que contribuam para o bem comum.²⁰² O dialogo é o acesso para o anúncio do Evangelho e da pessoa de Jesus Cristo.²⁰³

1.1.3. A família e o Anúncio

O anúncio pela palavra e pelo exemplo, na perspectiva da *Constituição Dogmática Lumen Gentium* é referência sobre família como Igreja doméstica.²⁰⁴ O anúncio a partir da própria família é um resgate do mandato de Jesus. Alguns textos dos sinóticos apresentam relatos onde pessoas que experimentaram a ação libertadora de Jesus, são enviadas por ele a testemunharem esta ação na própria família. Em Mc 5,18-20, o “geraseno” pede para seguir Jesus, porém, Jesus lhe ensina a segui-lo a partir do anúncio em sua casa: “*Vai para tua casa e para os teus e anuncia-lhes tudo o que fez pôr ti o Senhor na sua misericórdia.*” Assim Jesus o enviou para que fosse testemunha em seu lar, embora este não se contentasse em anunciar somente aos familiares, mas o fez em toda a região onde morava. Em

²⁰² CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. 86-92.

²⁰³ Ibid.

²⁰⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 11.

outra narrativa de Mc está a passagem sobre a cura do paralítico. Um grupo de homens destrói o teto da casa onde Jesus se encontra para conduzir o paralítico até ele²⁰⁵ (a casa estava repleta de pessoas, não havia acesso). Motivado pela fé do grupo, Jesus cura o paralítico e também o envia para a sua casa para testemunhar a sua família (2,1-12). Ainda no evangelho de Marcos, há também o relato da cura do cego, que após ter a visão recuperada por Jesus é como os outros, também enviado à sua família (Mc 8,22). A família é o lugar primordial de testemunho do “*Evangelho de Jesus Cristo, de sua pessoa, vida, morte e ressurreição.*”²⁰⁶ A missão evangelizadora da Igreja se dá da família para o mundo:

*“No anúncio do Evangelho na família, na escola, no trabalho, na comunidade, no bairro, os cristãos realizam sua vocação missionária e encontram o caminho para descobrir a dimensão missionária universal da Igreja e a responsabilidade de todos para com a missão ad gentes, além fronteiras.”*²⁰⁷

1.1.4. A família e o Testemunho de comunhão

Deus é a verdadeira comunhão, o Pai, o Filho e o Espírito Santo constituem o perfeito modelo de comunhão. O ser humano não foi criado para a solidão (Gn 1,27), mas para viver a comunhão, e a família é “*a primeira forma de comunhão de pessoas,*”²⁰⁸ à imagem da Trindade. Cristo estabeleceu uma nova comunhão de fraternidade com sua morte e ressurreição. Esta nova comunhão fraterna está

²⁰⁵ RICHARDS, Lawrence. *Comentário bíblico do professor*. p. 702.

²⁰⁶ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003-2006*. 93

²⁰⁷ *Ibid.* 94.

²⁰⁸ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* 12.

presente em seu Corpo Místico, a Igreja, onde todos os seus membros são chamados a viverem a comunhão perfeita em Jesus Cristo.²⁰⁹ Na comunhão eclesial a família participa da comunhão divina. Ela constitui uma ação especial de comunhão eclesial e é por isso, que ela é chamada Igreja doméstica. “*É uma comunidade de fé, de esperança e caridade; na Igreja ela tem uma importância singular.*”²¹⁰ Podemos destacar alguns critérios indicados pelo Magistério em que se pode reconhecer a identidade eclesiológica da família e a sua comunhão com a Igreja:²¹¹

- a) “*O primado dado à vocação de cada cristão à santidade,*” por ser Igreja doméstica, a família é chamada a dar a sua contribuição, para que seus membros busquem sempre apressar o Reino de Deus, através da vivência da fé e da participação aos sacramentos, em busca da perfeita caridade. A família que descobre a sua vocação à santidade e a sua identidade eclesial, além de edificar a Igreja, também se torna um sinal para outras famílias.

- b) “*A responsabilidade em professar a fé católica,*” através do acolhimento e da profissão de fé na verdade de Jesus Cristo a respeito da Igreja e do ser humano. A família é o lugar do anúncio, da educação do conteúdo integral da fé. Por isso é necessário:

²⁰⁹ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. 32.

²¹⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.2205.

²¹¹ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici* 30.

“Enriquecer e sistematizar a teologia da família, para lhe facilitar o conhecimento e o aprofundamento como Igreja doméstica, com o objetivo de iluminar as novas situações das famílias... deverá considerar-se a família como sujeito e agente insubstituível de evangelização e como base da comunhão na sociedade.”²¹²

- c) *“O testemunho de uma comunhão sólida e convicta,”*, pois, a comunhão com o papa e o bispo diocesano e o apreço aos diversos carismas presentes na Igreja demonstram, com certeza a unidade eclesial. A família demonstra esta unidade através da comunidade eclesial da qual deve atuar.

- d) *“A conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja,”* a evangelização e a santificação do ser humano começam pela família.

- e) *“O empenho de uma presença na sociedade humana,”*, pois, o Pontifício Conselho Justiça e Paz reforçam o que a Doutrina Social da Igreja já havia pronunciado: *“as famílias devem crescer na consciência de ser protagonistas da chamada política familiar e assumir a responsabilidade de transformar a sociedade”*.

É evidente que alcançar todos os critérios acima apresentados na quarta exigência, é para a Igreja e a família um desafio e um ideal, pois em muitos casos

²¹² DOCUMENTOS DO CELAM. *Puebla* 601-602.

existe o risco de pressupor uma formação cristã que de fato ainda não existe, também podemos apresentar um conjunto de doutrinas não levando em conta a pessoa de Jesus Cristo como proposta primordial.²¹³ Porém, as quatro exigências da ação evangelizadora no Brasil, (que estão intimamente ligadas) constituem um referencial para que a família venha a sentir-se sujeito da evangelização.

2. A família que celebra como Igreja

O Vaticano II descreve a Igreja como mistério de comunhão e participação e favorece uma compreensão teológica a respeito do mistério da salvação em Jesus Cristo.²¹⁴ Em sua páscoa, que se deu através da sua morte e ressurreição, Cristo desenvolve este mistério na história da Igreja, sendo ela sacramento d'Ele próprio e da salvação que n'Ele se realiza. *“É este mistério de Cristo que a Igreja celebra em sua liturgia, a fim de que os fiéis vivam e dêem testemunho dele no mundo.”*²¹⁵ A liturgia é obra e ação de Cristo através da Igreja. É por meio da liturgia que a Igreja se apresenta, por meio de Cristo, como sinal de comunhão entre Deus e a humanidade. Páscoa é vida nova e a celebração litúrgica motiva os fiéis a viver esta vida nova da comunidade eclesial, e, conseqüentemente os motiva a uma participação consciente, ativa e frutuosa.²¹⁶ O compromisso com a vida e a missão da Igreja deve preceder a ação litúrgica.²¹⁷ Em seu livro *“Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação,”* Valeriano inicia o prefácio de sua obra dizendo que se Deus é a inspiração de nossa caminhada, então os nossos

²¹³ CNBB. *Diratório da Pastoral Familiar* 360.

²¹⁴ BOROBIO, Dionísio (org.). *A celebração na Igreja II*. p. 145.

²¹⁵ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 1068.

²¹⁶ COMPÊDIO DO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium* 11.

²¹⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 1071-1072.

passos apontarão para a salvação escatológica, e, por consequência, provocará libertações históricas sendo que a característica da história da salvação é a Páscoa.

O povo de Deus caminha a partir das novas perspectivas exodal e que nesta caminhada é importante reafirmar como Josué o papel individual e familiar do povo de Deus no Mistério Pascal:²¹⁸ “*Quanto a mim e a minha família, serviremos ao Senhor.*”²¹⁹ A participação na ação celebrativa tornou-se parte integrante da vida familiar na Igreja primitiva, como expressão de vida. Esta participação é fruto do anúncio que interpela a família através do ensinamento dos Apóstolos (Palavra proclamada), pelo testemunho e pela Eucaristia (fração do pão). A vida celebrativa tem seu verdadeiro sentido quando vinculada à vida prática e cotidiana da família, onde as relações fraternas e de partilha dão sentido à fé celebrada, pois se entendia que na comunidade eclesial não podia existir indigente ou necessitado algum.²²⁰

O ponto mais alto da liturgia está na celebração eucarística, onde todas as famílias se reúnem numa só família, como Igreja, para fazer memória da Páscoa de Jesus Cristo, numa comunhão que se dá através do Espírito Santo. Jesus se dá totalmente ao Pai e ressuscitado já venceu a morte e nos garante a vida, pois venceu o mal e a morte.²²¹ Na eucaristia está a plena atualização do mistério pascal sendo que os demais sacramentos se convergem para ela, por isso é oportuno se falar da relação entre o sacramento do matrimônio e a eucaristia, até porque, a celebração destes dois sacramentos está ligada à vida eclesial da Igreja doméstica. Assim, mesmo sem fazer um merecido aprofundamento sobre estes sacramentos, faremos uma breve reflexão sobre a importância deles na vida da família.

²¹⁸ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. p. 5.

²¹⁹ Cf. Js 24,15.

²²⁰ Cf. At 2,42-47.

²²¹ BUYST, Ione. *Símbolos na liturgia*. 70.

2.1. Eucaristia e Matrimônio como expressão do mistério pascal na família

A eucaristia é o ápice e a fonte da vida eclesial, é, por excelência, o sacramento da caridade, ela manifesta o amor incondicional de Jesus pela humanidade.²²² A celebração eucarística é uma ação pascal do Cristo morto e ressuscitado, onde a família se deixa viver o mistério e se deixar transformar por Ele, pois, a atualização do mistério pascal acontece na celebração e na vida. Através da eucaristia a família deve testemunhar a vida nova de liberdade, de partilha e de comunhão, de tal maneira onde todas as pessoas que participem da celebração e profetize através da vida e da igualdade entre todos os seres humanos.²²³ No Concílio Vaticano II, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, coloca-a como base da sua reflexão teológica e como fundamento e chave interpretativa de todo o culto cristão.²²⁴ Varias famílias se reúnem no domingo ou todos os dias como assembleia, ou Igreja, para serem revitalizadas pelo mistério pascal de Cristo e levarem a diante a missão da Igreja numa alegria pascal.²²⁵ Desde os tempos da Igreja primitiva a família se reúne para a celebração do Mistério Pascal. Fílon faz uma breve descrição deste acontecimento.

“Em cada casa, há um recinto sagrado, com o nome de oratório ou mosteiro, aonde se retiram os terapeutas a fim de celebrarem os mistérios da vida religiosa. Nada levam com sigo, nem bebida, nem alimento, nem o indispensável para as necessidades corporais. Apenas as leis, os oráculos dos profetas, os hinos e outros escritos destinados a aumentar e aperfeiçoar a ciência e a piedade... O intervalo entre a aurora e a tarde é

²²² EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DO PAPA BENTO XVI. *Sacramentum caritatis* 1.

²²³ ZAVAREZ, Maria de Lourdes. *Romeiros de Trindade a caminho da Trindade*. p. 134-137.

²²⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium* 5.

²²⁵ COSTA, Valeriano Santos. *Celebrar a eucaristia*. 93.

todo ocupado pela ascese. Efetivamente lêem as santas Letras e refletem sobre a sabedoria dos antigos, empregando alegoria, pois pensam que as palavras são símbolos da natureza oculta que se descobre nas interpretações alegóricas”²²⁶.

A eucaristia tem uma relação com o amor de um casal unido pelo sacramento do matrimônio, pois aqueles que se unem sacramentalmente pelo matrimônio se tornam imagem do amor de Cristo pela sua Igreja. Tal sacramento fortalece não só a vida conjugal como também a vida eclesial da Igreja doméstica. Quando o casal vive este sacramento, significa que ele partilha das escolhas de Cristo: pobreza, humildade, serviço e doação da própria vida. A fé da Igreja na santidade do matrimônio e da Igreja doméstica é um dos principais elementos que garantem a correspondência familiar ao projeto de Deus com relação à família. A fé consciente da ação sacramental do matrimônio consiste em fazer penetrar no coração da família a busca da plenitude humana em Jesus Cristo.²²⁷ A eclesialidade da família está expressada na realidade matrimonial, pois o matrimônio é expressão do amor de Cristo pela Igreja e a eucaristia é a concretização desse amor.

“Por isso os esposos cristãos são robustecidos e como que consagrados para os deveres e dignidades de seu encargo por um sacramento especial. Exercendo seu múnus conjugal e familiar em virtude desse sacramento, imbuídos do Espírito de Cristo que lhes impregna toda a vida com a fé, a esperança e a caridade... assim a família comunicará as suas riquezas espirituais generosamente ainda às outras famílias”²²⁸

²²⁶ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. II 17, 9-10. p. 94-95.

²²⁷ FLOREZ, Gonzalo. *Matrimonio y familia*. p. 248.

²²⁸ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* 48.

A eucaristia e o matrimônio manifestam na vida da Igreja doméstica a sua dignidade familiar, eclesial e social. Esta dignidade que se manifesta não apenas nos momentos fortes do culto, mas também no esforço por uma comunhão participativa; na consciência de sua vocação missionária e na corajosa e profética ação transformadora do mundo. “*É na família que se exerce de modo privilegiado o sacerdócio batismal... de todos os membros da família,*”²²⁹ na oração, na liturgia e na vida.

3. A diaconia da Igreja doméstica

A Igreja é por sua natureza servidora do Reino. A Igreja doméstica é por sua vocação eclesial, também servidora. Na quinta Conferência do Episcopado Latino Americano, em Aparecida, os bispos lembraram a indispensável missão da Igreja de ser servidora: “*A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus.*”²³⁰ Cristo é modelo primordial de servidor (1Pd 2,21-25; Lc 12,37; Jo 13,34-35), que se entregou totalmente ao serviço do Pai em favor de toda a humanidade. Ele, sendo mestre e Senhor, não hesitou em ser o primeiro a dar testemunho diaconal (Jo 13). Quando o evangelista Lucas narra o início da vida pública de Jesus, descreve-o na figura do Servo de Javé (Lc 4,18-19) e em outros textos do NT Jesus se apresenta como aquele que serve (Mt 20,28; Lc 22,27; Jo 13,1-17). Em Jesus a diaconia torna-se uma espiritualidade de toda a Igreja que vê em Maria a primeira “*serva do Senhor*” (Lc 1,28).²³¹

²²⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 1657.

²³⁰ DOCUMENTO DE APARECIDA 32.

²³¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes* 11.

“Pelo nascimento do Messias, irrompe, no seio da Virgem, a salvação universal. Como Miryam, irmã de Moisés, foi o conrifeu do canto de libertação do Êxodo moisaico, assim também Miryam de Nazaré puxa o canto novo do Êxodo messiânico, canto esse que será retomado de geração em geração pela comunidade dos redimidos.”²³²

Como sacramento de Cristo e com a presença da imagem de Maria, a Igreja é servidora em sua natureza. Assim, é propício falar sobre a espiritualidade do serviço com relação à família, pois, *“é evidente que tal espiritualidade se deve integrar harmonicamente, em cada caso, com a espiritualidade ligada ao estado de vida.”²³³*

Dentre varias maneiras em que a Igreja doméstica pode viver sua diaconia está a hospitalidade, ela demonstra, de modo concreto, a fraternidade proposta por Cristo, o qual acolhia a todos. A hospitalidade está a serviço da missão eclesial. Nos Atos dos Apóstolos se percebe que a hospitalidade de Áquila e Priscila foi de grande importância para o serviço missionário de Paulo.²³⁴ As famílias desempenharam um papel importante, na ação missionária da Igreja através do serviço, e em particular, na missão de Paulo, sendo que a sua experiência como pregador nas sinagogas não foi muito feliz. Descobre, então, na família o pólo e ponto estratégico da missionariedade, pois a hospitalidade dessas famílias era significativa para Paulo e seus companheiros de missão na Evangelização e no intercâmbio entre as Igrejas (At 16,15. 40; 17,5-6; 18,7; Fl 2,29-30). Graças às famílias, que colocavam suas casas à disposição da comunidade (At 5,42; 1Cor

²³² BOFF, Clodovis M. *Mariologia social*. p. 331.

²³³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes* 12.

²³⁴ Cf. At 18,1-4.

11,33-34), para o ágape e para celebrar a liturgia, a Igreja primitiva pode-se alavancar o seu processo de missão. O fato de uma família se converter à fé cristã, já era um início de missão²³⁵ (At 10,2; 11,14; 18,8; 1Cor 1,16; 16,15-16), pois quando uma nova família se fazia Igreja doméstica, se tornava mais uma referência, para a Igreja em expansão. Pois das “Igrejas Domésticas” originaram-se as Igrejas locais (Rm 16,5; Cl 4,15-17; 1Cor 16,19; Fm 2), deste modo, foram associadas, à família, qualidades eclesiológica, e as relações familiares tiveram sentido teológico (Rm 1,30). Mas se de um lado a família foi assumindo valores eclesiológicos, do outro, a Igreja foi também assumindo valores familiares. Porém, Paulo alerta para a necessidade de sempre observar o comportamento de Cristo, como modelo de vida comunitário-eclesial, tendo como ponto referencial o “*Amor de Cristo,*” o amor que se faz serviço. Jesus é aquele membro da família que se coloca a serviço da redenção de todos, Ele é o irmão *go’el*.

Um dos elementos importantes dos laços familiares do Povo de Israel, é a solidariedade familiar, onde os membros da família devem proteger-se e ajudar-se quando necessário. Isso era contemplado na Lei com regra prescrita, chamada *go’el* cuja palavra significa “resgatar”, “reivindicar” e especialmente “proteger.” O *go’el* ou “*parente-resgatador*” tem a missão de resgatar, ou redimir seu parente que se encontra em graves dificuldades, e até mesmo em caso de perigo, se alguém se tornava escravo, como forma de pagamento de dívida contraída, ou em tempos de miséria, ou quando perdia sua propriedade por hipoteca, o “*parente-resgatador*” ou *go’el* efetuava o resgate em favor do parente em questão; por vezes o *go’el* vingava a vida de um parente assassinado como forma de resgate da vida perdida. Também acontecia o contrário: quando um membro da família cometia um

²³⁵ BRANICK, Vicent. *A Igreja Doméstica nos Escritos Paulinas*. p. 16-17.

assassinato e era jurado de morte, o irmão *Go'el* cuidava de proteger a vida do irmão jurado de morte. (Lv 25,25; 25,48-49; 27,11-13; Nm 35,9-12). No AT o próprio Iahweh se faz *Go'el* para Israel (Is 43,1-3)²³⁶. Na literatura neotestamentária nós observamos diversos títulos atribuídos a Jesus como *salvador*, *redentor*, *primogênito* ou frases atribuídas a ele: '*dar a vida em resgate de muitos*'... '*estava perdido e foi reencontrado*'... '*dar a vida pelos amigos*'... (Lc 2,11; 15,32; Jo 4,42; Ef 5,23; Jo 15,13). Essas atribuições e estas frases têm estreita ligação com o *Go'el*. Jesus se fez *Go'el* a serviço da humanidade, ele se faz irmão de todos, e dá a própria vida como resgate dos seus²³⁷, pois ele criou vínculo familiar conosco. Mas Jesus não para por aí, Além de defender, proteger e resgatar, Ele também faz comunhão com as famílias dos enfermos, dos pobres e pecadores, para que através dele, essas famílias tenham um encontro profundo com Deus, na sua própria casa.

Jesus não recusava qualquer convite, em qualquer casa de família, independente da situação social, e até mesmo moral, pois valorizava estes encontros familiares, como encontro de comunhão (sentar-se a mesa com), libertação e salvação. Jesus está em comunhão com o Pai²³⁸ e esta "*koinonia*" Jesus quer realizar nos lares onde passa; é o caso de Zaqueu e Levi. O primeiro aprende com a companhia de Jesus a colocar-se a serviço ("*dou metade de meus bens aos pobres*") e descobre que estar à mesa (em comunhão) com Jesus, é encontrar a salvação em sua casa ("*Hoje a salvação entrou nesta casa*"), O segundo ao ceiar com Jesus, sente-se acolhido por Ele, e faz experiência da misericórdia de Deus em sua própria casa (Mt 9,10-15). Neste encontro familiar Jesus revela o rosto materno

²³⁶ ESTUDOS BÍBLICOS. *A Família na Bíblia*. p. 24-26

²³⁷ Ibid. 54.

²³⁸ Cf. Jo 14,10-11.20.

e paterno de Deus, às vezes mais materno que paterno. Usando de seu amor e ternura, acolhendo o filho que estava longe da casa do Pai (“*misericórdia eu quero*”), para que este possa recomeçar sua vida, agora renovada. Aprende-se que a misericórdia é base da relação humana com Deus, que é amor. Jesus mostra que o amor de Deus é acolhida, serviço, partilha, libertação e comunhão, e nesta comunhão experimentada no lar com Jesus, surge à necessidade de expandir esta convivência familiar igualitária a todos que entram nessa casa, é o caso da sogra de Simão. A casa de Simão Pedro também se torna lugar de serviço à libertação, tanto para a sogra deste (que após ser libertada da febre põe em exercício sua “*diakonia*.”). O Pai realiza a salvação integral do ser humano através da pessoa de Jesus servidor. Nele as famílias dos pobres, os enfermos e os pecadores experimentam toda a bondade, misericórdia e o amor do Pai, e através desses encontros de Jesus com as famílias, o Reino de Deus fazia-se presente na história.²³⁹ Nas ações de Jesus com as famílias, é manifestado o relacionamento visível de Deus com a humanidade. A exemplo de seu Mestre, a Igreja Primitiva, através das famílias nela inseridas, aprendeu também a se colocar a serviço daqueles que estavam em dificuldades. O livro de Lucas, os Atos dos Apóstolos, apresenta com clareza a relação de família servidora da comunidade antiga, ou seja, a fé também se concretizava na partilha e no bem comum. A Igreja doméstica exerce sua diaconia a serviço dos irmãos.

“Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades

²³⁹ DICIONÁRIO TEOLÓGICO. *O Deus Cristão*. p. 159.

de cada um... partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,44. 45b).

Se nossas comunidades são acolhedoras elas permitirão que muitas pessoas que não experimentam a vida comunitária, que é vida familiar, descubram o verdadeiro sentido de ser Igreja, a grande família de Cristo. A Igreja está a serviço dos pobres e conseqüentemente a Igreja doméstica participa desta diaconia. *“Participar da construção de uma sociedade justa e solidária constitui um dos objetivos da ação evangelizadora da Igreja no Brasil”* (CNBB: DGAEB), pois, a pobreza de milhões de famílias é um fator que questiona a tantas consciências cristãs.

A pobreza levanta a problemática da justiça, pois, nas suas diversas formas de se apresentar e nos seus diversos efeitos de desigualdade, ela priva muitas famílias do direito de viver com dignidade. A pobreza impede a realização integral da pessoa humana, por isso a Igreja reafirma a evangélica opção preferencial pelos pobres como serviço de toda a comunidade eclesial, de todas as famílias, *“porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos.”*²⁴⁰ A diaconia da Igreja doméstica também é exercida no lar, na comunidade, no mundo do trabalho e na sociedade, inserida e sendo um sinal de uma Igreja servidora que é sinal de Cristo servidor.

²⁴⁰ COMPÊDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA 449.

4. Alguns aspectos da Igreja doméstica na Familiaris Consortio

4.1. Conhecer a realidade com discernimento evangélico

Na primeira parte da *FC* o Papa João Paulo II, faz um alerta para a Igreja sobre a necessidade de se conhecer a situação da família. É difícil envolver a família na missão eclesial se não conhecemos suas dificuldades, sua condição social, cultural e eclesial. É preciso conhecer as propostas que edificam as famílias e as propostas que as deixam vulnerável, comprometendo sua dignidade e a de seus membros. Tal conhecimento pode ser adquirido com o auxílio de outras ciências como a sociologia, a psicologia, dentre outras, como forma de enriquecimento do conhecimento. É preciso fazer uma análise objetiva da realidade familiar nos diversos âmbitos de sua vida, isto sem perder de vista o discernimento evangélico. Tal discernimento não apenas tarefa da transmissão hierárquica, mas, é dom concedido pelo Espírito a toda a Igreja, ou seja, a todos os fiéis, que também são testemunhas de Cristo, possuem o *sensus fidei* para discernir a realidade iluminados pelo Evangelho. O senso da fé requer da família conscientização a respeito de sua vocação e de sua missão como Igreja doméstica. Então recorreremos a alguns objetivos apontados pela CNBB²⁴¹, estes nos ajudarão uma reflexão sobre o amadurecimento do senso da fé com relação a família: Formar equipes “*que tenham claro quais os objetivos e prioridades, cujo enfoque principal, é promover fortalecer e evangelizar a família:*” Ter presente a formação permanente, para que os sujeitos envolvidos, tenham e transmitam claramente a mensagem evangélica sobre a família.

²⁴¹ CNBB. *Diretório da Pastoral familiar* 461.

A família passa por diversas situações e por isso é necessário conhecimento e caridade para animar as famílias nas suas diferentes realidades. Outro ponto fundamental está no investimento da qualidade da formação dos noivos. Hoje, a formação dos noivos é baseada em conteúdos que abordam superficialmente a vida em família e os compromissos matrimoniais. É preciso mais ousadia no processo formativo dos noivos, acreditamos que é possível integrar as *cinco dimensões da formação*²⁴² na preparação dos noivos e da família.

- 1) ***Dimensão humano-afetiva:***²⁴³ Os noivos devem ser orientados sobre a maturidade humano-afetiva, pois ela está estreitamente unida a relação conjugal, familiar, eclesial e social. A formação deve favorecer a abertura de relacionamento, a doação, a partilha, a flexibilidade e o respeito as diferenças. É importante esclarecê-los sobre a necessidade de se cultivar em suas vidas o amor, *“a retidão e a bondade de coração, a misericórdia, a justiça o espírito de serviço e de sacrifício, a paciência, a amabilidade, e a fidelidade.”*²⁴⁴ A convivência familiar que alcança tal objetivo proporciona à família um equilíbrio na vida eclesial e maturidade no relacionamento com os demais. A formação humano-afetiva para os noivos deve também despertar neles a consciência de um amor *“total, fiel e indissolúvel à imagem do amor de Cristo pela sua Igreja; e ter a consciência de que a família é a sua primeira e mais importante comunidade.”*²⁴⁵

²⁴² CNBB. *Diretrizes para o diaconado permanente* 134-165.

²⁴³ Ibid.

²⁴⁴ Ibid.

²⁴⁵ Ibid.

2) **Dimensão eclesial comunitária:** É também importante formar os noivos para despertar neles o desejo de ser Igreja doméstica inspirada no Evangelho e a partir da comunidade familiar leva-los a integrar-se na comunidade eclesial, porém não poderão ser “*absorvidos totalmente pelas atividades pastorais em prejuízo da família.*”²⁴⁶ Na comunidade eclesial a família descobre carismas e no exercício de sua missão dá testemunho de Igreja doméstica.

3) **Dimensão intelectual:** “*Ela tem como objetivo alcançar uma compreensão adequada da realidade humana, interpretando-a, a luz da fé e da Palavra de Deus,*” A dimensão intelectual capacita a família a enfrentar os desafios a ela apresentados e a conhecer os caminhos para se vivenciar as quatro exigências da evangelização no Brasil através do serviço, do diálogo, do anúncio e do testemunho de comunhão.

4) **Dimensão espiritual:** A dimensão espiritual prepara o coração humano a sua opção fundamental na comunhão íntima com a Trindade Santa. “*Desta espiritualidade brota também o amor filial para com Maria, mãe de Jesus.*”

²⁴⁶ CNBB. *Diretrizes para o diaconado permanente* 134-165.

5) ***Dimensão pastoral:*** É importante que a família descubra sua vocação de ser agente de transformação da sociedade, também consiste no empenho da família em contribuir para “*transformar cada lar numa evangelizadora e missionária Igreja doméstica.*”²⁴⁷

Acreditamos que as “*cinco dimensões da formação*” propostas pela CNBB²⁴⁸ estão dentro do espírito de discernimento evangélico proposto pela FC, pois nela o Papa João Paulo II, apresenta a necessidade de se conhecer a realidade da Igreja doméstica, e através de discernimento evangélico, descobrir os valores que permeiam a comunidade do lar. As “*cinco dimensões da formação*” também ajudarão os noivos e as famílias em formação a buscarem a plena realização como Igreja doméstica. Nestas dimensões estão contidos alguns elementos indispensáveis para que as novas famílias recebam a base para crescer como Igreja doméstica. Para esse discernimento também é importante acolher as diversas realidades familiar com as suas complexidades. Diante da formação de opinião pública em torno do aborto se faz necessário promover encontros de conscientização do valor da vida humana desde a concepção até a morte, fortalecendo também os laços de família. O desenvolvimento da espiritualidade no lar, a formação permanente da família e o despertar do seu papel educador e missionário são objetivos que, se alcançados, podem contribuir para que a Igreja doméstica amadureça o seu senso de fé, que provem do ensinamento apostólico transmitido pela Igreja, e possa transmitir de modo eficaz, a fim de que, a verdade revelada atinja o ser humano na sua integralidade. Assim a Igreja doméstica, sem se apartar da fé eclesial, mas

²⁴⁷ CNBB. *Directorio da Pastoral familiar*. p. 13.

²⁴⁸ Ibid. *Diretrizes para o diaconado permanente* 134-162.

olhando a realidade presente e suas diversas contradições,²⁴⁹ possa transformar a sociedade motivada pela fé que professa. Por isso é importante que a família busque manter a sua comunhão. A comunhão de pessoas rompe com o individualismo e transforma a sociedade.

4.2. A família é uma comunhão de pessoas

A primeira forma de comunhão de pessoas está na família, ela é uma complexidade de relações interpessoais, onde cada membro da família se relaciona um com o outro.

“vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade – mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na família humana e na família de Deus, que é a Igreja.... A Igreja encontra assim na família, ...o seu berço e o lugar onde pode atuar a própria inserção nas gerações humanas, e estas, reciprocamente, na igreja.”²⁵⁰

A Igreja doméstica está fundada no amor e sendo uma comunidade de pessoas tem a missão de viver com fidelidade, a comunhão com empenho de vida. O amor é à base da comunhão familiar, sem ele não haverá vida em comunidade e a família estará fadada à fragmentação. Nesta perspectiva o *“matrimônio, confirmado pelo Senhor, manifesta-se também claramente na igual dignidade*

²⁴⁹ ALMEIDA, José de. *Lumen Gentium, a transição necessária*. p. 232.

²⁵⁰ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 15.

peçoal da mulher e do homem que se deve reconhecer no mutuo e pleno amor,”²⁵¹ pois, Deus não criou duas metades como que um completa-se o outro enquanto pessoa. Pelo contrário, Deus criou a ambos de forma completa (sendo complementares enquanto masculino e feminino), para fazerem comunhão de pessoas. O matrimônio deve ser visto como uma comunhão indissolúvel.²⁵² Um sinal evidente da família como Igreja doméstica, está na sua vida eclesial, onde através da participação na missão e na vida da Igreja, a família se coloca a serviço da edificação do Reino de Deus.²⁵³

4.3. A Igreja doméstica no mistério da Igreja.

A *FC* apresenta alguns elementos que vinculam a Igreja e a família e a constitui como uma Igreja doméstica, “fazendo com que esta , a seu modo, seja imagem viva e representação histórica do próprio ministério da Igreja”(FC 49). A Igreja como sacramento de salvação em Cristo, através do anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos, manifesta a família a sua identidade eclesial, animando-a, no serviço da mesma caridade que Jesus alimenta por toda a humanidade. Por outro lado, a família está mergulhada no mistério da Igreja e participa da sua missão. Um dos elementos que caracteriza a vinculação de Igreja e família é a função eclesial própria e original da família. Enquanto comunidade que é, ela deve procurar participar da vida e missão da Igreja de modo comunitário, ou seja, todos os seus membros deverão estar abertos ao serviço da humanidade na vida familiar, eclesial e social, pois, ela participa do múnus profético, sacerdotal e

²⁵¹ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 15. 19.

²⁵² CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 372.

²⁵³ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 49.

real de Cristo, mediante o batismo e do enriquecimento da graça do matrimônio.²⁵⁴ Outro elemento que faz parte da família e a identifica como Igreja doméstica é a fé. A fé, é um dom de Deus, é um ato eclesial.²⁵⁵

Na comunidade eclesial, e com ela, a Igreja doméstica faz sua profissão de fé ao Deus que é comunidade Santa: Pai, Filho e Espírito Santo. O ministério de evangelização é outro fator importante na comunidade familiar no reconhecimento de sua identidade eclesial, “*a família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia.*”²⁵⁶ Por fim, podemos dizer que, sendo santuário doméstico da Igreja na sua inserção no povo sacerdotal da Nova Aliança, mediante o batismo e o matrimônio, a família, Igreja doméstica santifica a si mesma, a comunidade eclesial e o mundo.²⁵⁷

4.4. Solicitude eclesial nas diversas situações

A *FC* motiva o empenho generoso, inteligente e prudente da Igreja junto as famílias que se encontram em situações peculiares, e que muitas vezes se sentem marginalizadas. Existem varias situações, dentre elas podemos citar os casais que estão vivendo em segunda união. Não podemos negar que muitos desses casais possuem uma vivência familiar baseada no amor, no respeito e no perdão mutuo e sendo até exemplo de vida familiar. Sabemos que os casais que vivem tal situação estão impedidos pela disciplina eclesial de receber a sagrada comunhão e o sacramento da penitência. Porém, existe a necessidade de se esclarecer que há um

²⁵⁴ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio*. 50.

²⁵⁵ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 179-180.

²⁵⁶ DOCUMENTOS DE Paulo VI. *Evangelii Nuntiandi* 71.

²⁵⁷ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 55.

impedimento canônico e não uma exclusão eclesial. Eles não podem e não devem ser ou sentirem-se julgados como separados do amor de Deus, e da vida eclesial.²⁵⁸ A *FC*, é bem clara neste ponto quando afirma que esses casais também fazem parte da Igreja e dela devem participar ativamente, apesar das restrições já mencionadas, continuando a missão evangelizadora a partir do lar, pois enquanto batizados e enquanto pessoas humanas são na Igreja iguais em dignidade eclesial e dignidade humana. O fato de estarem impedidos canonicamente de comungarem e de se confessar não tira a sua dignidade batismal, humana e eclesial.²⁵⁹ Mas este não é o único caso.

Existem também os casais unidos sem o vínculo civil e sacramental e os unidos apenas por vínculo civil. Eles também fazem parte da família eclesial em virtude do batismo, porém cabe à comunidade eclesial a tarefa de conscientizá-los para que livremente assumam os compromissos da vida civil e eclesial, para que através disto possam ter participação plena na vida eclesial-sacramental. Para ambos os casos, a caridade e o respeito para com eles são o primeiro passo para uma inclusão eclesial-humana na comunidade.²⁶⁰ Há outro caso a ser considerado em “*que a separação deve ser considerada remédio extremo, depois que se tenham demonstrado vãs todas as tentativas razoáveis*”(FC 83) e o cônjuge não faz uma segunda união para que, mesmo separado, possa viver a indissolubilidade matrimonial. Neste caso, a *FC* incentiva a sua participação nos sacramentos (eucaristia e penitência) para fortalecer o seu empenho na vida familiar (com os filhos se for o caso), eclesial e social, mesmo com a dor da separação, viver a indissolubilidade matrimonial. Assim algumas pessoas que se encontram nesta

²⁵⁸ PAIVA, Vanildo de. *Família e Igreja: reconciliáveis?* p. 36.

²⁵⁹ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 84.

²⁶⁰ *Ibid.* 82.

situação, não poderão ser impedidas de participar da mesa eucarística,²⁶¹ a não ser que haja outros impedimentos, pois não são poucas as pessoas nesta situação que são impedidas de receberem os sacramentos e este peso discriminatório pesa quase sempre sobre a mulher. O papa João Paulo II, já percebia a necessidade de se fazer uma retrospectiva (*Carta de João Paulo II às mulheres*), onde se resgate o valor e a grande contribuição da mulher para a Igreja e para a sociedade e para o mundo, também denuncia a discriminação que afeta todas as classes e categorias de mulheres, principalmente as mais desprotegidas.

*“Ainda hoje, em grande parte de nossa sociedade, permanece muitas formas de discriminação aviltante que ferem e ofendem gravemente algumas categorias particulares de mulheres, por exemplo, as esposas que não tem filhos, as viúvas, as separadas, as divorciadas, as mães solteiras.”*²⁶²

A vida eclesial, como já foi citado acima, por vezes, não está isenta de tal discriminação. O agir discriminatório não vai de encontro com a proposta de Jesus e com a missionariedade da Igreja,²⁶³ por isso, não é possível estabelecer uma ação includente sem revisão de vida e conversão, sem abandonar qualquer atitude excludente. A justiça e a caridade são conciliáveis, para cada caso a Igreja poderá apontar caminhos de salvação, através da Revelação, da Tradição e do Magistério da Igreja. A inclusão, só é possível quando o valor humano está acima de tudo. É preciso estabelecer um diálogo de igualdade, respeitoso entre as famílias, as

²⁶¹ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio* 83.

²⁶² *Ibid.* 24.

²⁶³ PAIVA, Vanildo. *Família e Igreja: reconciliáveis?* p. 34.

lideranças da Igreja e os demais membros da comunidade cristã. Sem laxismo, mas, a partir da segurança da palavra de Deus, contextualizada à realidade presente. É importante dizer a verdade na perspectiva do amor, da justiça e do respeito, isto implica conversão por parte de todos.²⁶⁴ A partir da perspectiva cristã é possível dizer que família e Igreja podem estabelecer uma busca rumo a conversão, desde que haja diálogo, justiça, coragem de conversão e de profetizar, para que os valores do Reino sejam o norte da vida eclesial e familiar.²⁶⁵ Por isso, a necessidade de se resgatar a identidade da Igreja doméstica e os valores inerentes a ela. Também é preciso atenção especial para com as famílias que passam por diversas situações que interferem na vida familiar. A solicitude, a caridade e a prudência são a melhor proposta.

“A prudência é necessária, mas deverá caminhar de braços dados com a audácia, a coragem profética de enxergar os entraves que estão no caminho, impedindo um encontro saudável, sem laxismos e sem rigorismos, sem radicalização de parte alguma.”²⁶⁶

Estudamos alguns pontos da *Familiaris Consortio*, os quais consideramos essenciais para enriquecer o estudo sobre “A Igreja doméstica a partir da *Lumen Gentium*”, as temáticas que escolhemos deste documento podem nos ajudar a buscar caminhos que resgatem a identidade eclesial da família em vista de uma eclesiologia de comunhão.

²⁶⁴ PAIVA, Vanildo. *Família e Igreja: reconciliáveis?* p. 34. 51-57.

²⁶⁵ CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II ÀS MULHERES 4.

²⁶⁶ PAIVA, Vanildo. *Família e Igreja: reconciliáveis?* p. 51-57.

5. **Eclesiologia de comunhão e a família na perspectiva da *Christifideles Laici***

A eclesiologia de comunhão está no centro do entendimento eclesiológico do Concílio Vaticano II,²⁶⁷ e escolhemos o terceiro capítulo da *Exortação Apostólica Christifideles Laici* como base de fundamento deste nosso estudo, também por se tratar de um documento relacionado aos leigos, os quais é composto pelas diversas famílias. A Igreja é um mistério de comunhão. Esta comunhão é uma unidade vinculada entre Cristo e seus discípulos, onde todos os batizados estão ligados a Cristo “o ramo ligado à videira” (Jo 15,1-4). Desta comunhão da Igreja com Cristo nasce a comunhão eclesial. Jesus Cristo tem uma profunda e estreita relação com o Pai e o Pai com Ele., sendo que nesta mútua relação, não existe dominação ou submissão, mas sim, comunhão na mesma vida, são ralações familiares. Por isso, a *Christifideles Laici* reforça a tradição bíblica que fundamenta a eclesiologia da comunhão.²⁶⁸

Se analisarmos o texto do evangelista João, veremos que ele busca fundamentar a comunhão que deve ser vivida pelos membros da Igreja a exemplo da Família Divina. “A comunhão entre as pessoas divinas é o único caminho a ser seguido pelos filhos de Deus e irmãos de Jesus.”²⁶⁹ Também conforme o evangelista Mateus, a missão de Jesus tem início na Galiléia, e, no conteúdo de sua pregação, estava o descobrimento da relação de comunhão familiar estabelecida por Deus para com a humanidade. O evangelista Mateus, no discurso das bem-aventuranças, destaca a intenção de Jesus em fazer que todos entendam a proposta

²⁶⁷ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JÃO PAULO II. *Christifideles Laici* 19.

²⁶⁸ Ibid.

²⁶⁹ PIKAZA, Xabier – SILANES, Nereo (orgs). *Dicionário teológico O Deus cristão*. p. 159.

do Reino, onde a comunhão fraterna é um caminho a ser seguido por seus discípulos (Mt 5-7).

“O Reino de Deus será constituído por um grupo de pessoas, cujo espírito de serviço e de comunhão o converterá em um corpo social dotado de todos os valores e de todas as qualidades de uma família. A Igreja primitiva surgiu como Família do Pai, mediante a morte e ressurreição de Cristo e pela ação do Espírito.”²⁷⁰

A *Christifideles Laici* quando fala sobre eclesiologia de comunhão, apresenta alguns pontos importantes apontados na *Constituição Dogmática Lumen Gentium*,²⁷¹ como fundamento de seu conteúdo, estes pontos são importantes para nortear os caminhos da Igreja doméstica e para o despertar de uma comunhão eclesial e social.²⁷²

5.1. A Igreja doméstica: família em comunhão

As palavras de São Cipriano, citadas no Concílio Vaticano II na *Constituição Dogmática Lumen Gentium* n.º 4 e reforçadas na *Christifideles Laici*, revela a comunhão e o mistério de toda a Igreja, pois ela é “*povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo.*”²⁷³ Esta afirmação é relevante para que a família descubra o pleno sentido da comunhão e a força que a impulsiona na vivência

²⁷⁰ PIKAZA, Xabier – SILANES, Nereo (orgs). *Dicionário teológico O Deus cristão*. p. 161.

²⁷¹ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática lumen Gentium* 4.

²⁷² EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JÃO PAULO II. *Christifideles Laici* 19.

²⁷³ *Ibid.* 18.

comunitária, sua identidade eclesial e sua missão. A liturgia, a oração em família e comunitária é a força impulsionante da Igreja doméstica, pois quando as famílias se reúnem para celebrar ativamente, de forma consciente como membros do Corpo de Cristo, alimentando e partilhando a Palavra e a Eucaristia, isto as capacita para testemunhar a “*comunhão fraterna e a unidade com o Pai, pelo Filho e no Espírito Santo.*”²⁷⁴ A liturgia deve animar as famílias no engajamento na comunidade, e no compromisso com o Reino de Deus, na busca de uma sociedade justa fraterna e igualitária, onde todas as pessoas possam sentir como membros de uma só família.²⁷⁵ A *Christifideles Laici* apresenta ainda as imagens bíblicas que a *Lumen Gentium* n.º. 6 e 7 utiliza para apresentar a Igreja como mistério e comunhão, é a comunhão da Igreja com Cristo e dos cristãos entre si. É de fato uma familiaridade comum. Quando a *Christifideles Laici* fala da salvação e santificação numa dimensão de comunhão (LG 9), nos lembra que a família é a via de salvação da sociedade, pois sendo a primeira e principal forma de comunidade, ela também é Igreja doméstica, e, conseqüentemente, está incorporada na grande família de Cristo, a Igreja, e nela é sacramento de salvação para a humanidade.

5.2. A Igreja doméstica em comunhão orgânica nos diversos carismas enfrentando diversos desafios

A comunhão orgânica é a configuração da comunhão eclesial, ou seja, a comunhão eclesial é como um corpo vivo e ativo onde seus órgãos operam

²⁷⁴ ZAVAREZ, Maria de Lourdes. *Romeiros de Trindade a caminho da Trindade*. p. 145.

²⁷⁵ Ibid.

diversificadamente, mas todos pertencentes ao mesmo corpo e visam um único fim. Segundo Bruno Forte, a comunhão eclesial tem sua origem na Trindade e se dá na unidade e na diversidade dos carismas e ministérios “*imagem da comunhão trinitária.*”²⁷⁶ O próprio Cristo nos revela que a vida divina é sem dúvida uma comunhão trinitária. Entre o Pai e o Filho e o Espírito Santo há uma perfeita vida de amor-comunhão, unidade perfeita. Da Trindade provem o amor e a comunhão que engrandece e dignifica o ser humano. A comunhão eclesial e social deve ser originária desse amor, deve-se manifestar na da Igreja, como na dimensão econômica social e política. Como obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o amor é comunicação da comunhão trinitária.²⁷⁷ A comunhão eclesial é participação na comunhão da Trindade, é uma comunhão orgânica. A comunhão eclesial é orgânica, pois há diversidade de vocações e ministérios, carismas e compromissos.²⁷⁸ Leonardo Boff apresenta uma definição sobre o que é carisma.

*“O carisma é uma manifestação da presença do Espírito nos membros da comunidade, fazendo com que tudo o que são e fazem seja feito e ordenado em benefício de todos... Carisma é serviço... Carisma significa o modo concreto como o Espírito e o Ressuscitado se fazem presente no mundo.”*²⁷⁹

Boff se fundamenta nos escritos de Paulo onde a Igreja é apresentada como um corpo articulado por seus diversos membros, os quais, animados pelo Espírito Santo, desempenham sua função conforme o carisma recebido. Todos os membros

²⁷⁶ FORTE, Bruno. *A Igreja ícone da Trindade*. p. 65.

²⁷⁷ DOCUMENTOS DO CELAM. *Puebla* 212.215.

²⁷⁸ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. 20.

²⁷⁹ BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. p. 319.321.

da comunidade possui um determinado carisma o qual deve ser colocado a serviço de todos (Rm 12,5) e na construção da comunidade eclesial.²⁸⁰ Assim, a Igreja doméstica está ligado ao corpo eclesial e tem uma função a desempenhar. Todos são sujeitos na vida e na ação da Igreja. Por isso a família não pode isolar-se em si mesma, mas estar em plena comunhão de vida e fraternidade com todos os membros da comunidade, os quais fazem com ela, parte do mesmo corpo. A *ChL* reforça o intuito do Concílio Vaticano II em apresentar os vários ministérios e carismas que é oferecido pelo Espírito a todos os batizados, assim a família é co-responsável na missão da Igreja, pois todos participam do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo. Entretanto, Vitor Cordina argumenta que ainda existe um abismo de desigualdade eclesial.²⁸¹ E para que cada membro da comunidade e cada família possa expressar seu carisma, é necessário superar este abismo eclesial conseqüente do abismo social.

Entretanto quando se está presente as desigualdades sociais a comunhão trinitária se faz uma denúncia a toda forma de injustiça com exigências de transformações sociais.²⁸² Por isso, baseado nas estatísticas e pesquisas (que foram por nós atualizadas e contextualizadas a partir de dados oficiais)²⁸³ Cardina afirma que a desigualdade econômica e social também é refletida no âmbito religioso e eclesial.²⁸⁴ De acordo com as recentes estatística, 26,40% (mais de um quarto) das famílias brasileiras estão abaixo da linha da pobreza, perdendo para o Paraguai com 41,40%. A Argentina apresentou 16,30%, Chile 17% e Uruguai 5,60%. Conforme relatório da ONU de 03 de dezembro de 2002 as diferenças de renda e o acesso aos

²⁸⁰ BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. p. 317.

²⁸¹ CORDINA, Victor. *O Credo dos Pobres*. p. 51.

²⁸² BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. P. 25.

²⁸³ Esses dados foram extraídos das estáticas apresentadas pelo IBGE conforme anexo.

²⁸⁴ CORDINA, Victor. *O Credo dos Pobres*. p. 51.

vários recursos entre ricos e pobres per capita era de 30 para 01, em 1960, porém essa diferença subiu para 78 para 01 em 1994. No Brasil, cerca de 49 milhões de pessoas sobrevivem com apenas meio salário mínimo per capita e se contarmos às pessoas que não possuem nenhuma renda este número pode chegar a 54 milhões de pessoas que vivem na pobreza. O relatório da ONU salienta que nos países que investem na saúde, na cobertura e na qualidade da educação, bem como na promoção de igualdade entre os sexos, o índice de pobreza girava em torno de 18,90% (01 para 05 pessoas). A educação, segundo este mesmo relatório, é importante para diminuir as diferenças. Nas famílias mais pobres do Brasil apenas metade de 92% dos jovens entre 15 e 19 anos conseguem completar a 5ª série do ensino fundamental. No Brasil, o preconceito racial é outro fator de desigualdade social e econômica, pois, das famílias que possuem renda até meio salário mínimo per capita 77,10% se declararam negras (ou afros descendentes) enquanto apenas 34,80% se declararam brancas. Nas famílias em que as mulheres são responsáveis pelo sustento (com renda até meio salário mínimo per capita) 64% são negras. *“De acordo com o relatório, é preciso sempre avaliar qualquer iniciativa dos governos sobre duas questões básicas: se irão prejudicar os pobres e se discriminará as mulheres.”* (IBGE).²⁸⁵

Victor Cordina lembra que entre os pobres e simples existem muitos analfabetos principalmente entre as mulheres e famílias do campo e os alfabetizados não possuem condições financeiras para dispor de livros e material didático, também não têm acesso aos documentos do Magistério ou livros teológicos, ou de cunho moral ou social, nem mesmo os documentos do Concílio Vaticano II lhes são conhecidos. Os retiros espirituais com duração de até cinco

²⁸⁵ Relatório da ONU sobre a situação da população mundial e IBGE mostra quadro da população brasileira.

dias não estão ao alcance das famílias pobres, o custo é alto para elas, e o tempo é indisponível.²⁸⁶ Muitas famílias não descobriram ainda, que mesmo no banco de uma igreja, durante a missa, ela é chamada a participação plena, consciente e ativa na liturgia.²⁸⁷ Porém, nem tudo está perdido, pois, existe um esforço da Igreja em defesa da família, em especial as mais pobres e excluídas, para que as desigualdades sejam superadas. Os vários documentos da Igreja nos ajudam a entender que elas necessitam de vida digna e alimento material, como também alimento para a fé e para a razão, para assim sustentar as suas esperanças e poderem sentir que fazem parte da Igreja que é toda ministerial, ou seja, todos os seus membros são chamados ao serviço, de acordo com os vários carismas e ministérios que a Igreja possui. O Concílio Vaticano II, resgata a eclesiologia do Povo de Deus, onde todos os batizados e batizadas estão associados a Cristo em igual dignidade e são chamados a comunhão.²⁸⁸

A comunhão eclesial é um dom do Espírito Santo que se concretiza na participação na missão da Igreja. A família é chamada a participar desta comunhão e desta missão, pois em virtude de sua dignidade batismal participam do múnus sacerdotal de Cristo. Como Igreja doméstica, a família é portadora e transmissora da mensagem do evangelho de Jesus Cristo em seu lar, na sociedade e no mundo, pois, esta é sua missão própria e intransferível. Isoladamente a família não poderá desempenhar sua missão,²⁸⁹ por isso a necessidade de estar em comunhão eclesial em vista do bem comum de seus membros, da comunidade dos fiéis e da sociedade.

²⁸⁶ CORDINA, Victor. *O credo dos pobres*. p. 51-52.

²⁸⁷ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium* 14.

²⁸⁸ Ibid. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* 13.

²⁸⁹ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil 2003-2006*. 23.

A conferência de Puebla estabelece a comunhão e a participação como sendo pontos básicos do processo evangelizador e libertador.²⁹⁰

Partindo da afirmação de que Deus é comunhão, não podemos perder de vista que esta comunhão divina está na Trindade de pessoas a qual Deus é. Cada Pessoa divina não está para si mesma. São Pessoas eternamente em relação. “*São três pessoas e uma só comunhão e uma só comunidade trinitária*”²⁹¹ Na comunidade eclesial, cada membro e cada família são chamados a transformar as relações de egoísmo em relação de fraternidade e partilha, por isso se torna importante superar as desigualdades no âmbito eclesial e social. A comunhão trinitária que é eternamente a unidade das três Pessoas divinas é imagem da comunidade eclesial, a qual é formada por diversos membros, a serviço de todos, que formam uma só comunidade eclesial. As três Pessoas da Trindade formam uma família a qual é imagem para a Igreja doméstica.²⁹² Ela é modelo primordial para nós e lembra-nos que o serviço é um mistério comum a todos no seio da Igreja, porém, exercido de modo diversificado de acordo com o estado de vida de cada membro da família eclesial. A Trindade é o fundamento de construção da comunidade e da família.

A Igreja é o sacramento do Reino de Deus presente na história, cada família que dela faz parte, com o dom que Deus lhe concedeu, tem uma vocação ministerial singular a toda a Igreja, e cada membro desempenham seu ministério para a edificação da Igreja. Maria de Nazaré, mãe de Jesus, o Filho de Deus, souberam exercer o serviço a Deus e aos seus, na anunciação (se apresenta como serva do Senhor), na visita a Izabel, nas Bodas de Caná, no Calvário e na pós-

²⁹⁰ DOCUMENTOS DO CELEAM. *Puebla* 326.

²⁹¹ BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. 170.

²⁹² *Ibid.* p. 137-137.

ressurreição; por isso e por muito mais, Maria é para nós, modelo de uma Igreja que ministerial a serviço da salvação integral de toda a humanidade.

6. A figura de Maria na vida da Igreja e na vida da família

Achei por bem não encerrar este estudo sem fazer uma justa reflexão, mesmo que breve, sobre a importância de Maria na vida da família e na vida da Igreja, até mesmo porque, quando a *Constituição Dogmática Lumen Gentium* apresenta a doutrina eclesiológica do Concílio Vaticano II, não deixa de associar a figura de Maria a própria Igreja. Pôr que não associa-la à família? Entretanto vamos delimitar esta reflexão à luz da V Conferência do Episcopado Latino Americano e do Caribe no *Documento de Aparecida*.

6.1. Maria como modelo de Igreja e como modelo de família à luz do Documento de Aparecida

A identidade eclesial da família está em primeiro lugar em se deixar evangelizar pelo próprio Jesus Cristo, Maria foi a primeira discípula do Mestre e cuidava de guardar a Palavra e as ações de Jesus em seu coração (Lc 2,19; 2,51). Ao ouvir a Palavra de Deus através do anjo se torna mãe (Lc 1,35), constituindo com José a primeira família humana de Jesus, esse laço familiar será estendido por Jesus aos seus seguidores; Maria se fez servidora da Palavra que se encarnou em seu ventre (“*Eis aqui a serva do Senhor faça-se em mim segundo a tua palavra.*” Lc 1,38), servidora dos necessitados (Lc 1,39; Jo 2, 3) e profetiza, pois em seu

canto Maria reconhece a ação libertadora de Deus em favor dos pobres como narra Lc 2, 46-55.

O evangelista Lucas ao atribuir o *Magnificat* (Lc 1,46-55) a Maria, pois viu nesta mulher de fé a imagem perfeita do seguimento de Jesus. Ao fazermos uma reflexão sobre o canto de Maria, numa perspectiva etico-teológica, veremos que um sistema que é estabelecido pela ordem econômica e que faz do lucro a sua meta principal, é totalmente contrário ao projeto de Deus revelado por Jesus. O *Magnificat* é para nós um canto que exalta a ação libertadora de Deus que nos impulsiona para uma relação social igualitária, onde todos os homens e todas as mulheres estejam acima de qualquer ordem econômica de uma sociedade. Qualquer sociedade que não é fundamentada na justiça está caminhando para a sua própria ruína (“*derruba os poderosos de seus tronos*”). As famílias pobres e aquelas que acreditam na justiça encontram esperança no Deus que “*sacia os famintos.*” O canto de Maria é uma pedagogia do evangelho. Ela é “*perfeita discípula e pedagoga da evangelização, que ela nos ensine a ser filhos em seu Filho e a fazer o que Ele nos disser.*”²⁹³ Como Maria somos também discípulos de Jesus e “*reconhecemos que Ele é o maior evangelizador enviado por Deus*”²⁹⁴ e a seu exemplo somos, como Igreja, anunciadores da Boa Notícia de Jesus, o Evangelho da vida, da dignidade humana e da família.²⁹⁵

O *Documento de Aparecida* apresenta a imagem de Maria em conformidade ao projeto da Trindade em Cristo, pois ela nos lembra que este projeto se realiza plenamente quando aderimos totalmente ao amor trinitário.²⁹⁶ Cristo nos revelou o

²⁹³ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JÃO PAULO II. *Christifideles Laici* 19.

²⁹⁴ Ibid. 103.

²⁹⁵ Ibid.

²⁹⁶ Ibid. 141.

amor trinitário anunciando e fazendo-se salvação da humanidade. A Igreja participa da missão de Cristo, missão esta que Ele recebeu do Pai de fazer acontecer à obra redentora deste amor da Trindade, como Filho do Pai de misericórdia, pela força do Espírito de amor. A Igreja deve animar as famílias a viverem os mesmos sentimentos do Pai, do Filho e do Espírito Santo,²⁹⁷ a exemplo de Maria, pois, nada substitui a família para a serenidade da pessoa humana, para a educação dos filhos²⁹⁸ e para vivenciar o amor do Deus que é Família na Trindade. Assim, Maria é para a Igreja e para a família modelo de conformidade ao projeto da Trindade a qual, é por excelência, o verdadeiro modelo de família. A figura de Maria não somente resgata a dignidade e a identidade eclesial da família, mas também resgata o valor, a dignidade e a identidade eclesial da mulher.

6.1.1. Maria como modelo de identidade e dignidade da mulher na família, na Igreja e na sociedade

Uma das riquezas do *Documento de Aparecida* é que ele destaca a importância de Maria para a vida da Igreja, e, ao mesmo tempo, resgata a importância da mulher e a sua dignidade. O documento toma como um dos fundamentos desta temática a antropologia cristã, a qual destaca a igual dignidade entre mulher e homem, pois ambos foram criados à imagem e semelhança do Criador. Na perspectiva trinitária, todos nós, mulheres e homens, somos chamados à unidade na diversidade ou como o próprio documento diz: “*O mistério da Trindade nos convida a viver uma comunidade de iguais na diferença.*”²⁹⁹ Como

²⁹⁷ PIKAZA, Xabier – SILANES. *Dicionário teológico o Deus Cristão*. p. 437.

²⁹⁸ DOCUMENTO DE APARECIDA 114.

²⁹⁹ Ibid. 451.

participante do mistério da encarnação, Maria é a mulher que tem a primazia na comunidade dos seguidores de Jesus Cristo e sua comunhão com Jesus lhe deu coragem para estar de pé ao lado da cruz que estava pregado o Filho que gerou para lhe oferecer os últimos gestos de amor e de ternura, pois ela soube ser forte. A imagem de Maria é essencial na no resgate da identidade eclesial e social da mulher. Podemos concluir dizendo que Maria é modelo de Igreja, modelo de família e modelo para toda a humanidade.

Conclusão

Nas duas últimas décadas do século XX a este início de década do século XXI, ocorreram várias e significativas mudanças sócio-econômico-político-cultural que influenciou e mudou a rotina, os costumes, a vida, a fé e até mesmo o modelo de família. Tais mudanças também afetaram o sentido e a vida eclesial da família. Hoje, há uma explosão da busca pelo sagrado por parte de diversas famílias como resposta às dificuldades do tempo presente. A Igreja e a teologia, não podem e não desconsideram tais transformações e se preocupa em resgatar, a luz da proposta de Jesus Cristo, a identidade da família na Igreja e no mundo. Com o tema “A Igreja doméstica a partir da *Lumen Gentium*” queremos trazer a tona o valor que a família possui e salvaguardar a sua dignidade, pois ela constitui um grande valor para a humanidade (*FC I*) e para a Igreja. Este estudo foi elaborado dentro de uma perspectiva dogmático-eclesiológica. Por isso, resgatar a identidade eclesial da família é também reconhecer a sua dignidade humana que é sagrada e inalienável. Ao estudarmos a família no campo teológico-eclesial desejamos buscar fundamentos que confirmem o projeto de Deus em relação à família. Com o Concílio Vaticano II abriu-se um novo horizonte, iluminado pela *Lumen Gentium*, para uma reflexão sobre a dimensão comunitário-eclesial da família. É na *LG 11* que encontramos a fonte de nossa pesquisa: “*Igreja doméstica*”. Esta está inserida na grande família de Cristo, que é a Igreja, de onde surge a sua identidade eclesial e em nome desta mesma Igreja é chamada a transformar o mundo. Na ação eclesial a família busca ampla comunhão comunitária: “*A família é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É uma comunidade de fé, de*

esperança e de caridade; na Igreja ela tem uma importância singular” (CIC 2205-22206), pois através dela, iremos caminhar com os olhos abertos, com o intuito de sermos cada vez mais imagem da Trindade.

O tema apresentado tentou resgatar aquilo que já reconhecido nos documentos do Magistério da Igreja: a identidade eclesial da família, ou seja, a família como “*Igreja doméstica.*” O objetivo principal foi apresentar a família como “vida da própria Igreja”, onde sejam levados em consideração os aspectos eclesiológicos desta pequena comunidade eclesial. O Concílio Vaticano II através da *Constituição Dogmática Lumen Gentium* considerou tal dignidade em relação a família. É preciso recobrar o ânimo de nossas famílias, pois é importante apresentar a família como seguidora de Jesus Cristo e protagonista de seu Reino. A ação e a missão da Igreja são também da família. A Igreja é participante da vida e comunhão do Deus Uno e Trino revelado por Jesus, também a Igreja doméstica da comunhão eclesial e consequentemente da comunhão trinitária. A família é o sinal da união misteriosa entre Cristo e a sua Igreja.

Fundamentação teórica e bibliográfica

Fonte bíblica

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2000

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1996.

Documentos do Concílio Vaticano II

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. Petrópolis: Vozes, 2000.

___ *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Petrópolis: Vozes, 2000.

___ *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Petrópolis: Vozes, 2000.

___ *Constituição Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis: Vozes, 2000.

___ *Decreto Apostolicam Actuositatem*. Petrópolis: Vozes, 2000.

___ *Decreto Gravissimum Educationis*. Petrópolis: Vozes, 2000.

___ *Decreto Inter Mirifica*. Petrópolis: Vozes, 2000.

___ *Decreto Unitatis Redintegratio*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Outros Documentos do Magistério

CARTA ENCÍCLICA DE JOÃO PAULO II. *Evangelium Vitae. Sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana*. São Paulo: Paulinas, 1995.

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II ÀS CRIANÇAS NO ANO DA FAMÍLIA. São Paulo: Paulinas, 1994.

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II ÀS FAMÍLIAS. São Paulo: Paulinas, 1994.

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II ÀS MULHERES. São Paulo: Paulinas, 2005.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis, Vozes, 1998.

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA OS LEIGOS. *A dignidade do ancião e a sua missão na Igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1999.

DEZINGER – HUNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DOCUMENTOS DE PAULO VI. *Exortação Apostólica de Paulo VI Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulus, 1997.

___ *Primeira Carta Encíclica de Sua Santidade Paulo VI Ecclesiam Suam*. São Paulo: Paulus, 1997.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DE JOÃO PAULO II. *Chistifideles Laici. Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 2001.

___ *Familiaris Consortio. A missão da família cristã no mundo de hoje*. São Paulo: Paulinas, 2005.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DO PAPA BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.

Documentos do CELAM

DOCUMENTO DE APARECIDA. São Paulo, Paulinas, 2007.

DOCUMENTOS DO CELAM. *Puebla*. São Paulo: Paulus, 2005.

___ *Santo Domingo*. São Paulo: 2005.

Documentos da CNBB

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório da Pastoral Familiar*. Brasília: Comissão Nacional da Pastoral Familiar, 2005.

___ *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes para o diaconado permanente*. São Paulo: Paulinas, 2004

___ *Ética: Pessoa e Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2004.

___ *Evangelização e missão profética da Igreja. Novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2005.

___ *Evangelização da Juventude*. Brasília: CNBB, 2007.

___ *Igreja: Comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 1998.

___ *Pronunciamentos do Papa Bento XVI no Brasil*. Brasília: CNBB, 2007.

Patrística

DIDAQUÉ. *Catecismo dos primeiros cristãos*. Petrópolis: Vozes, 2004.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

SÃO CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2004

Outras Bibliografias

ADRIANO, José. *Sacramentos: uma introdução*. (Revista de cultura teológica out./dez/2000).

ALMEIDA, Antonio José de. *Lumen Gentium. A transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.

___ *Igrejas locais e colegialidade episcopal*. São Paulo: Paulus, 2001.

BLANK, Christiane E. *Construir o matrimônio na pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Clodovis M. *Uma Igreja para o futuro*. São Paulo: Paulus, 1998.

___ *Uma Igreja para o novo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998.

___ *Mariologia social*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1999.

___ *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BONNIN, Eduardo. *Ética matrimonial, familiar e sexual*. São Paulo: Ave Maria, 2003.

BORÓBIO, Dionísio. *A celebração na Igreja II*. São Paulo: Loyola, 1992.

BOURGEOIS, Armand le. *Questões dos divorciados à Igreja*. São Paulo: Ave Maria, 1996.

BRANIK, Vicent. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral da o que pensar*. São Paulo: Paulinas, 2006.

BUYST, Ione. *Símbolos na liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1998.

CORDINA, Victor. *O Credo dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1997.

COMBLIN, José. *Um novo amanhecer da Igreja?* Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, Valeriano Santos. *Celebrar a eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 2006.

___ *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CROATTO, J. Severino. *Isaiás – A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2002.

DOCUMENTOS DO MUNDO DA BÍBLIA. *Flávio Josefo, uma testemunha do tempo dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus, 2003.

ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

FERREIRA, Laureci. *Cremos na vida, cremos na família v. 2*. Porto Alegre: Diplomata, 1992.

FERNÁNDEZ, Javier Gafo. *10 palavras em bioética*. São Paulo: Paulinas, 2000.

FLOREZ, Gonzalo. *Matrimonio y família*. Madrid: Biblioteca de Autores cristianos, 2001.

FORTE, Bruno. *A Igreja ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

FUENTE, Eloy Bueno de la. *Eclesiologia*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004.

GARMUS, Ludovico. *Educação para os filhos nos sapienciais*. Revista Estudos Bíblicos nº. 85. *A família na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GRÜN, Anselm. *Matrimônio – benção para a vida em comum*. São Paulo; Loyola, 2006.

HAIGHT, Roger. *O futuro da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2008.

HAMMAN, A.G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*. São Paulo: Paulus, 1997.

LORSCHIEDER, A.- LIBANIO, J.B. – COMBLIN, J. – VIGIL, J.M. – BEOZZO, J.O. *Vaticano II 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005.

MOREIRA, Gilvander Luis. *Lucas e Atos: uma teologia da história*. São Paulo: Paulinas, 2004

MOREIRA, Lúcia – CARVALHO, Ana M. A. (orgs). *Família, subjetividade, vínculos*. São Paulo, Paulinas, 2007.

O'DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*. São Paulo: Loyola, 1999.

O'COLLINS, Gerald. *Teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1991.

O'CONNOR, Jeromi Murphy. *A Antropologia pastoral de Paulo*. São Paulo, Paulus, 1994.

PAIVA, Vanildo de. *Família e Igreja: reconciliáveis?* São Paulo: Paulus, 2003.

PIKAZA, Xabier – SILANES, Nereo. *Dicionário teológico o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1998.

RICHARDS, Lawrence. *Comentário bíblico do professor*. São Paulo: Vida, 1987.

SELLA, Adriano. *Globalização, neoliberalismo e exclusão social*. São Paulo: Paulus, 2002.

SCHNEIDER, Teodor, (org). *Manual de dogmática v. 1*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à teologia pastoral*. São Paulo: Loyola, 2004.

TEPE, Dom Valfredo. *Antropologia cristã. Diálogo interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2003.

THERBORN, Göran. *Sexo e Poder. a família no mundo*. São Paulo: Contexto, 2006.

ZAVAREZ, Maria de Lourdes. *Romeiros de Trindade a caminho da Trindade*. São Paulo, Paulinas, 2002.

Sites

www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/03122002relatorio_onu.shtm
27/01/2008.

Anexos

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Síntese de Indicadores Sociais

Em 2030, cerca de 40% da população brasileira deverá ter entre 30 e 60 anos

O estudo tem capítulos específicos sobre Educação, Saúde, Domicílios, Trabalho e Rendimento, Cor, Mulheres, Idosos e, ainda, Crianças, adolescentes e jovens. Os dados são, principalmente, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2002 e do Censo 2000. Daqui a 26 anos o Brasil deverá ter 237,7 milhões de habitantes e 40% da população estará no grupo de idade entre 30 e 60 anos. A Síntese de Indicadores Sociais, lançada agora pelo IBGE, registra ainda que, em 2002, havia 95,2 homens para cada 100 mulheres, no Brasil, e que, na região metropolitana do Rio de Janeiro, encontrou-se a média mais baixa: 87 homens para cada 100 mulheres.

Entre 1980 e 2000, no Brasil, foram vítimas de homicídios 598.367 pessoas; dois terços delas (369.101) na década de 1990. Naqueles mesmos 20 anos, o Brasil registrou mais de 2 milhões de mortes por causas externas e 82% delas foram de homens. Enquanto nos anos 80 os acidentes de trânsito eram a principal causa externa dos óbitos masculinos, na década de 90, os homicídios assumiram a

liderança. Entre 1980 e 2000, a taxa de mortalidade por homicídios para ambos os sexos no Brasil aumentou 130% (de 11,7 para 27 por 100 mil habitantes). As taxas mais altas, também por 100 mil habitantes, eram de PE (54), RJ (51), ES (46) e SP (42). De 1980 a 2000, as taxas masculinas de mortalidade por homicídios saltaram de 21,2 para 49,7.

Entre 1991 e 2000, no Brasil, aumentaram em 95% as taxas de mortalidade por homicídios com uso de armas de fogo, entre homens de 15 a 24 anos. Em 2000, as maiores taxas eram de RJ(182), PE (180), ES (122), SP (115) e DF (113). Em números absolutos, em 1991, foram vítimas de homicídio 5.220 homens nessa faixa de idade, com uso de armas de fogo, e outros 12.233 foram mortos da mesma forma, em 2000. Cerca de 20% das crianças nascidas em 2002 eram de mães de 15 a 19 anos de idade. Quando as mães têm menos de 3 anos de estudo, a taxa de mortalidade entre menores de 5 anos é de quase 50 por mil; entre as mães com mais de 8 anos de estudo, a mesma taxa cai para 20 por mil. Em 2002, havia 14,6 milhões analfabetos no Brasil (11,8 % da população de 15 anos ou mais de idade, contra 17,2% em 1992). O País tinha 32,1 milhões de analfabetos funcionais, e 65,7% dos estudantes com 14 anos de idade estavam defasados.

Entre a população ocupada com até quatro anos de estudo, as mulheres recebiam, em média, R\$ 0,40 a menos que os homens por uma hora de trabalho. Entre os ocupados com mais de 12 anos de estudo, elas recebiam, em média, R\$5,40 a menos que eles. Em 2002, a taxa média de desocupação foi de 9,2% e era maior para quem tinha mais anos de estudo: 5,6% entre os com até três anos de estudo e de 10,6% para os com oito ou mais. Pela primeira vez, a Síntese de Indicadores Sociais apresenta as Metas do Milênio, definidas pela ONU em 2000 e

adotada por 189 países, inclusive o Brasil. O acordo estabelece a implementação de melhorias sociais, até 2015. O IBGE participa do grupo interministerial coordenado pela Casa Civil da Presidência da República que, em setembro deve levar à ONU um relatório sobre o monitoramento das metas no Brasil. As informações da Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE foram extraídas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2002, do Censo 2000, das Estatísticas de Saúde - Assistência Médico-Sanitária 2002, e do DATASUS do Ministério da Saúde. A seguir, um resumo de seus capítulos.

Taxa de homicídios mais que dobra em 20 anos

Dados dos censos e do Datasus comprovam o aumento da violência no país. Entre 1980 e 2000, a taxa de mortalidade por homicídio cresceu 130%, passando de 11,7 por cada 100 mil habitantes para 27 por 100 mil. As maiores taxas estão nos estados de PE (54), RJ (51), ES (46) e SP (42). Considerando-se apenas os homens, a taxa de homicídios cresceu 134%, no mesmo período: enquanto, em 1980, 21,2 a cada 100 mil homens morriam assassinados, em 2000 a proporção cresceu para 49,7 por 100 mil.

Os homens jovens, de 15 a 24 anos, são os mais afetados: em 2000, 95,6 a cada 100 mil homens dessa faixa de idade morreram vítimas de homicídio, sendo 71,7 em cada 100 mil (ou seja, 75%) mortos com armas de fogo. Em relação a 1991, cresceu 46% a taxa de homicídios de homens jovens (era de 65,5 a cada 100 mil) e aumentou 95% a taxa dos realizados com armas de fogo (era de 36,8 por 100 mil, ou 56,2% do total). Rio de Janeiro e Pernambuco são os estados onde a

violência contra o homem jovem é maior. No Rio de Janeiro, em 2000, havia 205 homicídios por 100 mil homens de 15 a 24 anos, sendo que as mortes por armas de fogo representavam 89% deste total. De 1991 para 2000, as mortes de homens jovens por armas de fogo cresceram 45% no estado, passando de 124,5 por 100 mil para 181,6 a cada 100 mil. Em Pernambuco, em 2000, por sua vez, havia 198 homicídios para cada 100 mil homens jovens, 91% deles com armas de fogo. De 1991 para 2000, o crescimento das mortes de homens jovens por armas de fogo foi de 121%, passando a taxa de 80,9 por 100 mil para 179,5 por 100 mil.

Mortes não naturais vitimaram 2 milhões desde 1980

O total de causas externas (que, além de homicídios, inclui também acidentes, suicídios e outras causas não naturais) provocou no país cerca de 2 milhões de mortes de 1980 a 2000 — o equivalente à população de Brasília. Em 82,2% dos casos (1,7 milhões), as vítimas foram homens. Em 2000, as causas externas foram a segunda maior causa de morte no país (14,5% do total de mortes), junto com as neoplasias malignas (14,9%).

Na distribuição dos tipos de causas externas, os homicídios vêm aumentando sua participação, enquanto a dos acidentes de trânsito vem caindo. Entre 1991 e 2000, a proporção de mortes por acidentes de transporte, no total de causas externas, caiu 10,4%, passando a 25% do total, enquanto a de homicídios cresceu 27,2% e chegou a 38,3% do total.

Nos óbitos masculinos, a participação das mortes por causas externas aumentou de 13% para 18% do total, entre 1980 e 2000. Já entre as mulheres, a

proporção caiu ligeiramente entre 1990 e 2000, de 5,26% para 4,78%. A faixa de 15 a 39 anos representa 59% das pessoas que morrem por esse tipo de causa, sendo 27% apenas o grupo de 15 a 24 anos. Nesta faixa mais jovem, 78,5% das mortes ocorrem por causas externas. A violência coloca em questão a capacidade de os estabelecimentos de saúde oferecerem atendimento de emergência gratuito às vítimas de agressão. A Pesquisa de Assistência Médico-Sanitária do IBGE, de 2002, observou que a oferta de camas UTI disponíveis ao SUS é mais precária no Norte (4,7 camas por 100 mil habitantes) e no Nordeste (5,8). No Sul, é de 13 por 100 mil, no Centro-Oeste é de 10,6 e no Sudeste, de 10,5.

Pertencem à esfera privada 65,7% dos estabelecimentos capazes de prestar atendimento 24 horas a vítimas de violência (com serviço de emergência em cirurgia e/ou traumatologia-ortopedia). O Sudeste concentra 39% dos estabelecimentos deste tipo, enquanto sua população representa 43% da do país.

Defasagem escolar atinge 84,1% das crianças de 14 anos no Nordeste

A defasagem entre idade e série escolar cresce com a idade: vai dos 14,4% para as crianças de sete anos, até os 65,7% para as de 14 anos (Gráfico 3.8, pg 100). No Nordeste, 84,1% das crianças de 14 anos estão defasadas, contra 51,8% do Sudeste. O gráfico 3.9 traz a defasagem por regiões metropolitanas. A média de anos de estudo, por idades, da população brasileira também expressa a defasagem: é de 0,9 para as crianças de 8 anos (deveria ser mais de um) e de 7,2 anos para os jovens de 17 anos, quando deveria ser de 11 anos (gráfico 3.11). Chega as 8,2 anos para os jovens entre 20 e 24 anos, e cai para 6,1 na população de 25 anos ou mais.

Nesta última faixa, por quintos de rendimento médio familiar per capita, ela varia dos 3,4 anos aos 10,3 anos. O gráfico 3.12 (pg 102) mostra que a distância da média de anos de estudo entre esses quintos de rendimento permanece grande nas regiões.

As taxas de escolarização estão acima de 94% entre os cinco quintos de rendimento familiar per capita, para pessoas entre 7 e 14 anos, demonstrando a universalização do ensino fundamental no Brasil (gráfico 3.6, pg 99). Mas a relação entre rendimento e escolaridade continua preponderante: entre os mesmos cinco quintos, a taxa oscila de 26,8% a 52,4% para crianças de 0 a seis anos, de 73,0% a 93,3% para adolescentes entre 15 e 17 anos, e de 26,9% a 51,1% para jovens entre 18 e 24 anos. Os estudantes de famílias pobres dificilmente chegam ao ensino superior (gráfico 3.13, pg 103): na rede pública, apenas 2,3% dos estudantes provinham de famílias do primeiro quinto de rendimento médio per capita, enquanto 59,2% provinham do último quinto. Na rede privada, nas mesmas faixas de renda, as participações eram de 1,2% contra 74,0%. Já a rede pública de ensino médio atende de forma bem menos desigual a todos os quintos de rendimento familiar, enquanto 61,1% dos estudantes de ensino médio da rede privada pertencem ao último quinto.

Continua em queda a taxa de analfabetismo entre a população de 15 anos ou mais: de 17,2% em 1992 para 11,8% em 2002. No mesmo período, na zona rural, a taxa caiu de 35,8% para 27,7% e na urbana, de 12,4% para 9,1%.

Educação da mãe salva vida de crianças

Filhos de mulheres com até 3 anos de estudo têm 2,5 vezes mais risco de morrer antes dos 5 anos que os de mulheres com 8 anos ou mais de estudo. A taxa de mortalidade para as crianças do primeiro grupo é de 49,3 por mil nascidos vivos, enquanto para as do segundo grupo é de 20 por mil. Atribui-se essa diferença a uma maior percepção da mãe escolarizada quanto aos cuidados com a higiene e a saúde dos filhos. No Nordeste, a mortalidade de filhos de mulheres com baixa instrução — que representam 39,6% das mulheres em idade fértil — chega a 70,3 óbitos de menores de 5 anos por mil nascidos vivos. Os dados são baseados no Censo 2000. No entanto, a educação da mãe não é o único fator a influenciar na saúde das crianças, já que existe uma diferença mesmo entre as mães de alta escolaridade, de acordo com a região em que residam. Por exemplo, filhos de mães com mais de 8 anos de estudo têm taxa de mortalidade de 28 por mil se vivem no Nordeste, e de 16,4 por mil se vivem no Sul. Além disso, foi observada uma maior desigualdade entre os estratos de mais alta e mais baixa instrução no Nordeste do que em outras regiões. No Nordeste o risco de perder os filhos antes dos 5 anos é 2,5 vezes maior para mulheres com baixa instrução, enquanto no Sudeste o risco para o grupo de baixa instrução — 13,5% das mulheres em idade fértil — é 2 vezes maior.

No Brasil, em 16,5% das famílias com crianças há, pelo menos, uma que trabalha

A PNAD de 2002 constatou que havia, no país, 5,4 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos trabalhando, ou 12,6% dos 43,3 milhões de pessoas

nessa faixa de idade. Dos ocupados, 280.228 (5,2%) tinham de 5 a 9 anos, 2.708.066 (49,8%) tinham de 10 a 15 anos e 2.450.261 (45,1%), 16 ou 17 anos. Cerca de 42% vivem no Nordeste. No Brasil, em 16,5% das famílias com membros de 5 a 17 anos há pelo menos uma criança ou adolescente que trabalha. Entre as Grandes Regiões, o maior percentual está no Nordeste (21,6%) e o menor, no Sudeste (12,1%). Entre os estados, as maiores proporções estão no Piauí (27,2%), no Tocantins (25,3%) e no Maranhão (24,6%), e as menores, no Distrito Federal (5,3%) e no Rio de Janeiro (7,0%).

A condição de pobreza é um aspecto que atinge a maior parte das crianças de 5 a 17 anos de idade ocupadas no país: 23,2% delas pertencem a famílias do estrato de mais baixa renda (com rendimento familiar mensal de até $\frac{1}{4}$ de salário mínimo por pessoa) e 8,4%, ao estrato de maior renda (mais de 2 salários mínimos por pessoa). Já entre as crianças não ocupadas, 17,6% estão na faixa de menor renda e 12,6%, na de maior renda. No Nordeste, 40,1% das crianças ocupadas pertencem ao estrato de mais baixa renda e 1,6% ao de mais alta.

As crianças que trabalham são responsáveis, em média, por 15,5% do rendimento familiar

No Brasil, 52,2% das crianças de 5 a 17 anos que trabalham vivem em famílias cuja pessoa de referência é um analfabeto funcional, ou seja, com até 3 anos de estudo. No Nordeste este percentual chega a 75,7% e no Sul, 31%. Em média, o rendimento das crianças de 10 a 17 anos que trabalham representa 15,5%

do rendimento familiar, mas essa média pode chegar a até 41,2%, como na área rural da Região Metropolitana de Recife.

Quando se distribuem as crianças de 10 a 17 que trabalham por faixas de contribuição do seu rendimento no rendimento familiar, observa-se que 49,5% delas contribuem com mais de 10% a 30% do rendimento familiar, e 4,5% delas, com quase a totalidade (90%) do ganho mensal da família. Em Roraima, 21,4% das crianças ocupadas contribuem com 90% da renda familiar; no Amazonas são 15,4% e no Distrito Federal, 11,6%. A maior parte das crianças ocupadas com entre 10 a 17 anos trabalha em loja, oficina ou fábrica (35,2%) ou em fazenda, sítio ou granja (34,5%), mas 5,1% (cerca de 263 mil crianças) trabalham em via pública. Esses percentuais são bem mais altos nas regiões metropolitanas de Salvador (22,9% ou 13,6 mil crianças trabalhando nas ruas), Recife (22% ou 11,2 mil), Belém (17,1% ou 5,6 mil) e Rio de Janeiro (11,7% ou 10,5 mil). No grupo de 10 a 17 anos, 22,8% começaram a trabalhar com menos de 9 anos de idade. No Nordeste, o início precoce é de 33,1%, enquanto no Sudeste é de 11,2%. A Paraíba tem o maior percentual (48,4%).

O trabalho atrapalha o desempenho escolar das crianças. Na idade escolar (dos 7 aos 17 anos, idade esperada para a frequência ao ensino fundamental e médio), 68,6% das crianças que trabalham estão atrasadas, enquanto, entre as que não trabalham, o atraso afeta 45,8%. A frequência à escola é maior para as crianças de 5 a 17 que não trabalham (91,7%) do que para as que trabalham (80,5%). Quanto aos jovens de 15 a 24 anos, observa-se que metade deles já está ocupando postos no mercado de trabalho. Destes, 69% trabalham 40 horas ou mais por semana, 37,3% ganham até 1 salário mínimo e 15,9% não têm rendimento. O percentual de jovens

que apenas estudam vai caindo com a idade: é de 59,1% para a faixa de 15 a 17, cai para 29,1% na faixa de 18 e 19 e passa para apenas 11,6% no grupo de 20 a 24 anos.

De 1991 para 2002, cai o número de casamentos no Brasil

Com informações obtidas nos cartórios do Registro Civil e nas Varas de Famílias, em 2002, o capítulo sobre *casamentos, separações e divórcios* trata dos arranjos conjugais, com dados sobre o número de uniões legais, e das dissoluções desses casamentos, que englobam as separações judiciais e os divórcios¹. A comparação da última década com os dados de 2002, mostrou queda de 4% no número de casamentos realizados. Em números absolutos, foram 715.166 casamentos realizados em 2002, contra 743.416 em 1991. Na comparação com 2001, o aumento no número de uniões legais foi de 1%. No entanto, essa queda no número de casamentos ao longo dos anos não foi ordenada: o menor número de uniões legais (697 mil) foi registrado em 1998, e o maior (786 mil), em 1999. O aumento de quase 90 mil casamentos observado de um ano para outro - a maioria com o objetivo de legalizar as uniões consensuais já existentes -, foi influenciado pela realização de casamentos coletivos ocorridos em vários estados brasileiros, numa parceria entre as prefeituras locais e a Igreja Católica. Em 2002, essa iniciativa repetiu-se, mas de uma forma menos intensa à observada em 1999. De 2001 para 2002, a taxa de nupcialidade legal, que expressa o número de casamentos realizados em determinado ano por 1.000 habitantes, manteve-se estável (4,1%) no Brasil. Entre os estados, o Espírito Santo apresentou a maior taxa (5,6%) e o Maranhão, a menor (2,2). (*Tabela 7.1 e Gráfico 7.1*)

Homens se casam, em média, com 30,3 anos e mulheres, com 26,7

Quanto à idade dos cônjuges ao casar, em 2002, as mulheres tinham, em média, 26,7 anos e os homens, 30,3 anos. Em 1991, tanto as mulheres quanto os homens casavam mais cedo (23,7 e 27 anos, respectivamente). Em relação aos estados, as maiores médias de anos na data de casamento eram do Acre, no caso dos homens (34,2 anos) e do Amapá, em se tratando das mulheres (29,3 anos). Já as menores médias de ano ao casar, tanto dos homens (28,7 anos) quanto das mulheres (25,0 anos), foram do Piauí.

De 1991 a 2002, cresce o número de separações e divórcios

Em relação às dissoluções de casamento, entre 1991 e 2002, houve aumento de 23.470 (30,7%) no número de separações e de 45.375 (55,9%) no de divórcios. Este resultado é reflexo, em parte, do ingresso da mulher no mercado de trabalho, garantindo maior independência do cônjuge masculino.

Em 2002, idade média dos homens na separação é de 37,7 anos e das mulheres, 35

No conjunto das unidades da federação, as maiores taxas de separação judicial² foram de São Paulo e Santa Catarina (ambas com 1,1, para cada mil habitantes) e a menor, do Amazonas (inferior a 0,1, para cada grupo de 1000 pessoas). A pesquisa revelou ainda que, no Brasil, a idade média dos cônjuges na época da separação foi de 37,7 anos para os homens e 35, para as mulheres. Entre

os estados, o Rio Grande do Sul (39 anos entre os homens, e 36,4, entre as mulheres) se destacou com a média mais alta e as menores, foram da Paraíba, no caso dos homens (35,8 anos) e do Amazonas, em se tratando das mulheres (32,8 anos). *(Tabela 7.4 e Gráfico 7.4)*

No Brasil, casamentos duram, em média, 10,5 anos; no Acre, apenas 9 anos

Os dados de 2002 mostraram que, no Brasil, a duração média dos casamentos até a data da separação judicial é de 10,5 anos. No Acre, a duração é ainda menor (9 anos). Já em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, a média é de 11,6 anos, superior à nacional. *(Tabela 7.7 e Gráfico 7.5)*

Em cada 10.000 pessoas, 7 se divorciam

Em relação aos divórcios, no Brasil, a taxa média era de 0,7 para cada 1000 habitantes, em 2002. Com exceção do Mato Grosso (0,7), as médias nas unidades da federação da região Centro-Oeste foram superiores à do Brasil. O destaque foi Distrito Federal, cuja média de 1,7 para cada 1000 habitantes foi a maior do País.

Homens se divorciam mais tarde do que mulheres

Na comparação com a separação judicial, a idade dos cônjuges ao se divorciar foi superior. Em 2002, os homens se divorciavam com 40,7 anos e as mulheres, com 38 anos. Entre os estados, o Amapá apresentou as maiores médias

tanto para homens (43,1) como para mulheres (40,4). Já Alagoas, ficou com as menores médias (38,7 anos para homens e 36,2, para mulheres). (*Tabela 7.6*)

Em 2002, o Brasil tinha 30 milhões de mães

Os últimos dados da Síntese dos Indicadores mostram a situação da mulher brasileira e possibilitam a comparação dos indicadores por sexo. Apesar dos avanços ao longo dos anos, alguns indicadores apontam disparidades na comparação com os homens. Em 2002, mais da metade da população brasileira (51,2% ou ainda, 88 milhões) era composta por mulheres. Desse total, 47,5 milhões estavam na faixa etária da fecundidade (15 a 49 anos) e 63% (ou 30 milhões) já tinham tido pelo menos um filho. No Brasil, o percentual de adolescentes de 15 a 17 anos com pelo menos um filho chegou a 6,3%, com variações de 7,5% no Norte e no Nordeste e 5,0% no Sudeste e no Sul. Entre as jovens de 18 a 24 anos, 4,2 milhões (quase 40%) tinham pelo menos um filho. (*Tabelas 10.1 e 10.2 e Gráfico 10.1*)

Mulheres tinham mais escolaridade do que os homens

Quanto à escolaridade, em 2002, a média das mulheres foi de 6,4 anos de estudo contra 6,1 dos homens. Em relação à população ocupada, tanto os resultados da área urbana quanto da rural foram mais favoráveis para as mulheres. Na área urbana, a média de anos de estudo das mulheres era de 8,2 e dos homens, 7,3. Na área rural, as mulheres também tiveram média de 3,9, e os homens, 3,4. (*Tabela*

10.3) Observando-se a população ocupada de 10 anos ou mais de idade, a pesquisa revelou que, entre as mulheres que trabalhavam (32 milhões), a proporção com mais de 11 anos de estudo era de 37,1%, enquanto entre os homens ocupados (45,5 milhões), o percentual era de 26,6%. *(Tabela 10.4 e Gráfico 10.2)*

Em 2002, mulheres recebiam 70% dos ganhos dos homens

As diferenças por gênero foram mais significativas na comparação com os rendimentos mensais de homens e mulheres ocupados. Os resultados mostraram que, em 2002, a situação era bem mais favorável para os homens, cujo rendimento médio era de R\$719,90, enquanto as mulheres recebiam apenas 70% desse valor (R\$505,90). Entre os ocupados com mais de 11 anos de estudo, as mulheres recebiam R\$829,20, ou seja, 58% do valor recebido pelos homens (R\$1416,30). *(Tabela 10.5 e Gráficos 10.3 e 10.4)* Quanto à posição na ocupação, a situação entre homens e mulheres era bastante diferenciada. Em 2002, apenas 0,8% das mulheres ocupadas trabalhavam como empregadoras, enquanto entre os homens ocupados, essa proporção era de 5,5%. Chamou atenção também, a participação das mulheres no mercado de trabalho como trabalhadoras domésticas: 14,5% contra 1,0 dos homens. No caso dos ocupados não-remunerados, o percentual das mulheres era superior ao dos homens (13,4% contra 5,8%). *(Tabela 10.8 e Gráficos 10.5 e 10.6)*

Maiores percentuais de homens vivem sós entre os 25 os 49 anos

Em relação às famílias unipessoais, 2,4 milhões eram formadas por mulheres que viviam sozinhas, sendo que 70,7% tinham pelo menos 50 anos de idade. Já entre os homens que viviam sozinhos, o maior percentual (48,9%) estava concentrado na faixa de 25 a 49 anos de idade. Entre as regiões metropolitanas, no Rio de Janeiro, por exemplo, onde há mais de 220 mil famílias unipessoais, o percentual de mulheres de 50 anos ou mais que viviam sós foi maior (78%) do que a média nacional, enquanto entre os homens no mesmo grupo etário, era pouco mais de 46%. Já em Curitiba, a proporção de mulheres que viviam sós foi mais que o dobro (67,2%) da dos homens (30,0%). *(Tabela 10.10 e Gráficos 10.7 e 10.8)*

Entre os aposentados, homens são maioria (77,5%)

Assim como em 2001, a pesquisa revelou que, em 2002, a proporção de aposentados homens foi maior do que a de mulheres (45,8%), resultado da recente inserção destas no mercado de trabalho. A região metropolitana do Rio de Janeiro apresentou o menor percentual de mulheres com 60 anos ou mais aposentadas (31,2%) e o Maranhão, o maior (71,6%). Entre os homens aposentados, o maior percentual foi da Paraíba (86,8%) e o menor, de Roraima (31,6%). Quanto aos pensionistas, o percentual de mulheres (20,9%) superou o de homens (0,7%), sendo mais expressivo no Rio de Janeiro (30,3%). *(Tabela 10.11 e Gráfico 10.9)*

Mais de um terço dos pardos e 63% dos pretos vivem nas regiões Sudeste e Sul

Em 2002, viviam no Sudeste quase 44% da população total brasileira, mas mais de metade dos pretos (52,2%) e de brancos (51,5%), além de quase um terço da população parda (31,6%). No estado do Rio de Janeiro se encontravam mais de 16% da população preta, e mais de 14% em Minas Gerais. No estado de São Paulo, com pouco mais de 22% do total de brasileiros, se encontravam quase 20% dos pretos e 30% dos brancos. Na Região Metropolitana de São Paulo, viviam quase 12% dos pretos e 13% dos brancos. Na região Nordeste, concentrava-se 45% da população parda do Brasil, e 27,7% da população preta, mas somente na Bahia se encontravam 15,6% desses pretos, a metade deles em Salvador, e 12,6% desses pardos.

As regiões Sudeste e Sul concentram 62% da população preta e 36,5% da população parda do país. Essas proporções contrastam com as distribuições no interior de cada unidade da federação e região, pois a maior participação destas populações se encontram no Norte e no Nordeste (gráfico 12.1). A análise dos indicadores de educação segundo a cor da população mostra que as taxas de analfabetismo, embora em declínio ao longo dos últimos anos, têm mantido as desigualdades de cor nos mesmos patamares. Na Bahia, a taxa foi mais homogênea entre os grupos de cor, apresentando-se elevadas tanto para brancos quanto para pretos e pardos. Em Alagoas se encontram as maiores taxas de analfabetismo do país, tanto para pretos (50%), quanto para pardos (34,2%) e brancos (23,2%). Já as taxas de escolarização por grupos de idade e cor foram em geral mais elevadas para a população branca, com exceção de algumas unidades da federação da região Norte e Nordeste e em Santa Catarina.

Com relação à população de estudantes, enquanto metade dos brancos na faixa de idade entre 15 e 24 anos estava cursando o ensino médio, a mesma proporção de pretos e pardos ainda cursava o ensino fundamental. Na mesma faixa de idade, 21,7% de brancos estavam freqüentando o nível superior, mas apenas 5,6% de pretos e pardos.

Relação entre rendimento e escolaridade é mais direta para brancos

A média de anos de estudo da população de 10 anos ou mais de idade mostrou que os brancos possuíam, em média, mais anos de estudo que pretos e pardos em todas as regiões do país. Destaca-se a Região Metropolitana de Salvador, onde se encontraram os maiores diferenciais de anos de estudo entre brancos e pretos – 2,6 anos – e entre brancos e pardos – 2,3 anos. As menores diferenças, da ordem de 1 ano de estudo, foram encontradas entre brancos e pretos no Rio Grande do Sul, e entre brancos e pardos no Maranhão, Amazonas e Amapá (tabela 12.7 e gráfico 12.4). Para os brancos, as mais elevadas médias de anos de estudo foram encontradas na Região Metropolitana de Salvador (9,2%) e no Distrito Federal (9,1%), seguidos das regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, todas com 8,2 anos.

As informações sobre o número de anos de estudo da população ocupada associadas aos seus respectivos rendimentos mostraram que pouco mais de 2 anos de estudo de vantagem para a população branca resultaram em quase uma duplicação de seus rendimentos em relação aos das populações de pretos e pardos. Esta situação foi verificada tanto no Brasil quanto na maioria das unidades da

federação, regiões metropolitanas e grandes regiões, com exceção da Região Metropolitana de Salvador, onde a vantagem de 3 anos a mais de estudo para os brancos aparece associada a rendimento 3 vezes maior que o da população de pretos e pardos.

Rendimento de brancos é quase o dobro do de pretos e pardos

Em relação aos rendimentos percebidos, a população ocupada de cor preta ou parda apresentou valores que eram praticamente a metade dos auferidos pela população branca, em todos os níveis geográficos. Enquanto o rendimento médio mensal da população preta e parda chegava a R\$ 409,00, o da população branca era de R\$ 812,00. Relação semelhante se verifica na análise do rendimento-hora, que eram de R\$ 2,60 para pretos e pardos e de R\$ 5,00 para os brancos. Se, além da cor, forem comparados os rendimentos de homens e mulheres, verifica-se que os homens ganham em torno de 44% a mais, mas o rendimento das melhores brancas é quase 40% mais elevado que o de homens pretos ou pardos, sugerindo que a discriminação por cor é ainda maior que a de gênero (tabelas 12.10 e 12.11). Outro indicador que pode dar um quadro dos diferenciais existentes no mercado de trabalho quando se analisa a população ocupada por cor é a posição na ocupação, que não apresentou modificações substanciais em relação ao ano anterior. Dos brancos, 6,3% se encontravam no emprego doméstico, mas essa proporção é o dobro entre os pretos (13,4%). Além disso, 5,7% de brancos se encontravam na condição de empregadores, e os pretos, 1,8%. Na Região Metropolitana de Salvador, a proporção de brancos como empregadores praticamente dobrou – passando para 10,1%. Já entre os pretos empregadores, a proporção dobrou nas

regiões metropolitanas de Recife e de Belo Horizonte, e nos estados do Rio Grande do Norte e do Mato Grosso do Sul (tabela 12.12).

Entre os 10% mais ricos, 15% são brancos e 4% pretos e pardos

Em relação à distribuição da população por cor ou raça segundo os décimos de rendimentos percebidos, observou-se diminuição sistemática do percentual de pretos e pardos à medida que aumentavam os rendimentos, simultaneamente ao crescimento constante da participação dos brancos. No primeiro décimo, onde estão os que recebem os rendimentos mais baixos, encontrava-se mais de 15% da população preta ou parda e apenas 5,6% dos brancos. No último décimo, o dos que recebem os maiores rendimentos, os valores se inverteram, encontrando-se 15% dos brancos e apenas 4% dos pretos ou pardos (tabela 12.17 e gráfico 12.9).

Entre 1996 e 2002, caiu 14% o rendimento médio real dos trabalhadores

Em 2002, as mulheres ocupadas recebiam, em média, 70% do rendimento dos homens, apesar de terem, em média, um ano a mais de estudo. Quanto mais anos de estudo, maior a desigualdade: mulheres com até quatro anos de estudo recebiam, em média, R\$ 0,40 a menos que os homens por uma hora de trabalho (nova comparação). Já as mulheres com mais de 12 anos de estudo recebiam, em média, R\$5,40 a menos que os homens (Tabela 4.17).

No Nordeste, apenas 4,2% dos conta própria contribuem para a previdência social, enquanto no Sudeste eles são 22,1% (Tabelas 4.8 e 4.10). No Brasil, 13,9% dos

conta própria não contribuem, sendo que, por faixas de rendimento, 48,2% dos conta própria pertencentes a famílias com rendimento per capita de até meio salário mínimo não contribuíam para a previdência. Em 2002, os empregados e os trabalhadores por conta própria eram 70% da população ocupada. No Nordeste, proporção de trabalhadores por conta própria (27,6%) e de não remunerados (13,4%) era bem maior que a das demais regiões (tabela 4.8, pg. 120).

Entre 1996 e 2002, o rendimento médio real (em valores já inflacionados para setembro de 2002) dos trabalhadores caiu 14% (de R\$ 726,00 para R\$ 636,50) Ver gráfico 4.7. Embora tenha havido pequenas mudanças, permanece grande a distância entre o rendimento dos 10% mais ricos e o dos 40% mais pobres. Em 2002, 9,2% da população economicamente ativa estavam desocupados, sendo 10,8% no Sudeste (maior taxa), e 6,3% no Sul (menor taxa). Nos estados, a maior era do Amapá (20,4%) e a menor, em Santa Catarina (4,5%). Quanto mais anos estudo, maior a desocupação: entre os sem instrução e com até três anos de estudo, a taxa de desocupação era de 5,6%; entre os com entre 4 a 7 anos de estudo, a taxa era de 9,6%; nas faixas com oito ou mais, a taxa era de 10,6% (tabela 4.7).

O setor agrícola continuou empregando muito em 2002: 36,6% da população ocupada no Nordeste (contra 8,3% da Indústria, 29,0% de Serviços e 17,2% Comércio e reparações), e 49,7% da população ocupada no Piauí. (5,5% na Indústria, 15,7% em Comércio e Reparções e 24,3% em Serviços). No Brasil, o setor Agrícola empregava 20,6%, contra 13,5% na Indústria, 33,9% em Serviços e 17,2% em Comércio e Reparções (tabela 4.14).

Brasil terá 25 milhões de idosos em 2020

Em 2020, os idosos chegarão a 25 milhões de pessoas – 15 milhões de mulheres – numa população de 219,1 milhões. Eles representarão 11,4% da população. Devido às sucessivas quedas das taxas de fecundidade e à diminuição gradativa das taxas de mortalidade registradas nas últimas décadas, estudos mostram que é irreversível o envelhecimento da população brasileira. Em 2002, o País tinha 16.022.231 de pessoas com 60 anos ou mais representando 9,3% da população, e 56,0% deles eram mulheres. Em 2002, os idosos representavam 10,2% da população do Sudeste, 10,0% da população do Sul, 9,3% da população do Norte, 8,9% da população nordestina e 7,2% da do Centro-Oeste. Embora nos países da Europa esse envelhecimento tenha ocorrido devido às melhorias médico-sanitárias, no Brasil, para a maioria da população, tais condições estão longe de ocorrer. Em 2002, 43% dos idosos tinham rendimento familiar per capita inferior a um salário mínimo. Em números absolutos, 4.870.336 pessoas com 60 anos ou mais (30,4% do total de idosos) estavam ocupadas em 2002.

Em 2002, o Brasil tinha 12.445.563 aposentados ou pensionistas, ou 77,7% do total de idosos. O nível educacional das pessoas de 60 anos ou mais, embora baixo, vem aumentando: enquanto 48,2% dos idosos com 75 anos ou mais tinham um ano de estudo ou menos, entre os de 60 a 64 anos, o percentual caía para 30,5%. Entre os idosos, 12,1% moravam sozinhos, 24,8% moravam com filhos ou parentes, 24,9% viviam com seus cônjuges, mas sem filhos, e 37,9% moravam com os cônjuges e com filhos ou outros parentes. Quase 65% dos idosos eram a pessoa de referência de suas famílias.¹ Por se tratar de informações obtidas junto aos Cartórios do Registro Civil, os arranjos familiares fruto de uniões consensuais não

são captados pela Pesquisa. Essas informações podem ser obtidas através dos Censos Demográficos. Nesse sentido, os comentários aqui apresentados se referem à evolução do estado civil da população residente no País.² As taxas gerais de separação judicial e de divórcio são obtidas pela divisão do número de dissoluções de casamentos pelo de habitantes, multiplicando-se o resultado por 1000.

Siglas

AA – Apostolicam Actuositatem

CIC – Catecismo da Igreja católica

ChL – Christifideles Laici

DA – Documento de Aparecida

FC – Familiaris Consortio

GS Gaudium et Spes

LG – Lúmen Gentium

SD – Santo Domingo

Dedicatória

Dedico esta obra a minha querida família. Com amor dedico a minha amada esposa, Maria, que sempre esteve apoiando e incentivando os meus estudos. Ofereço com carinho ao meu filho Samuel que alegria a minha vida. Também dedico a minha sogra Irene que não faltou com as suas orações em meu favor. Agradeço de coração a minha orientadora Doutora Professora Irmã Maria Freire, esta foi um poço de paciência e dedicação para com o meu aprendizado.

A todos o meu muito obrigado.

Ubirajara Gonçalves.